EDITORA ESCALA

Erasmo

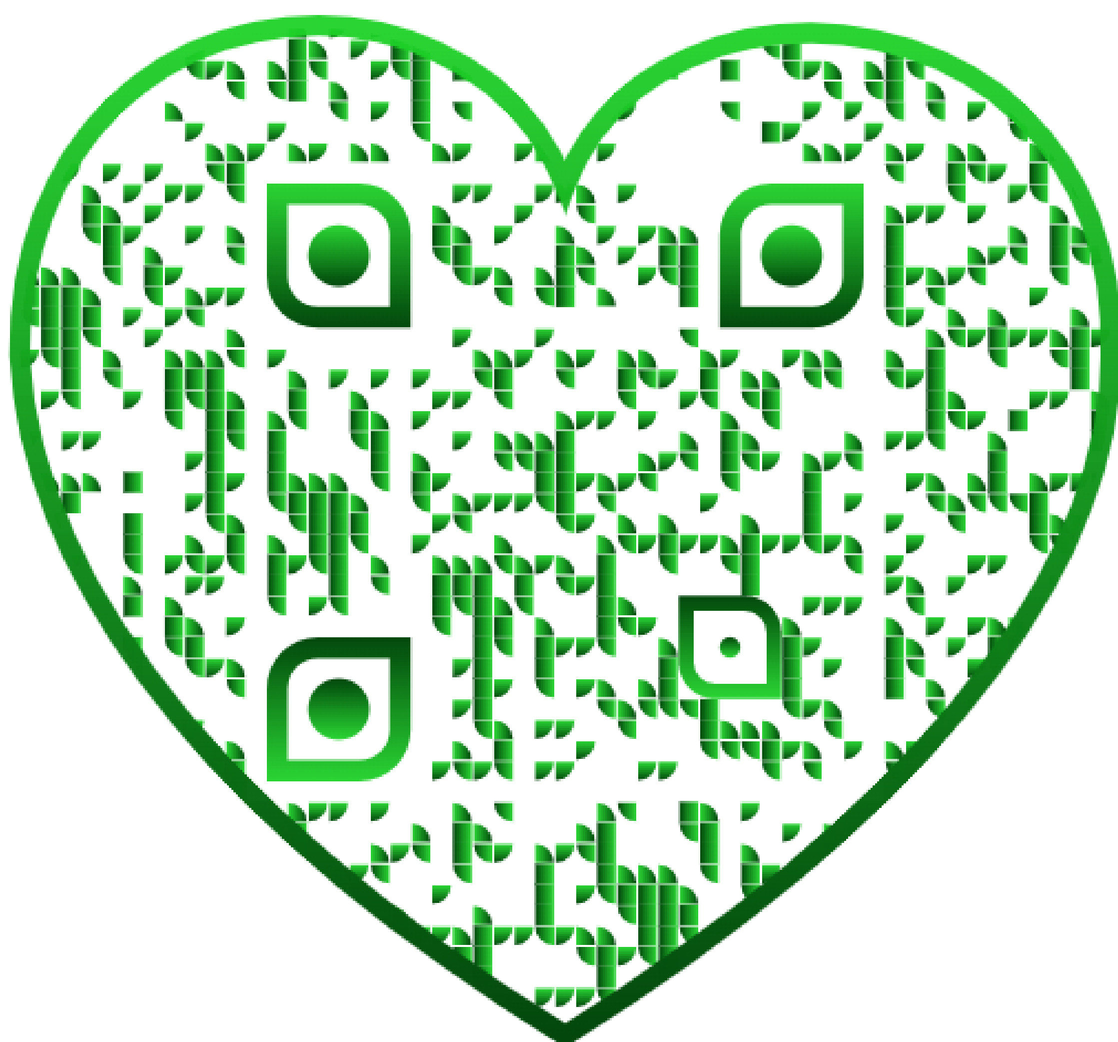
De Pueris (Dos Meninos)



A Civilidade Pueril



Coleção *Grandes Obras do Pensamento Universal* - 22



ERASMO DE ROTTERDAM

DE PUERIS
(Dos Meninos)

Erasmo de Rotterdam

DE PUERIS
(Dos Meninos)

Tradução, Introdução e Notas
Luiz Feracine





Av. Profª Ida Kolb,551 – Casa Verde
Cep 02518-000 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3855-2100
Fax: (11) 3857-9643
Internet: www.escala.com.br
E-mail: escala@escala.com.br
Caixa Postal: 16.381
CEP 02599-970 – São Paulo – SP

ERASMO DE ROTTERDAM
DE PUERIS (DOS MENINOS)
A CIVILIDADE PUERIL
TÍTULOS ORIGINAIS
DE PUERIS
DE CIVILITATE MORUM PUERILIUM

Diagramação: Tyago Bonifácio da Silva
Revisão: Maria Nazaré de Souza Lima Baracho
Capa: Giliard Andrade e Marcelo Serikaku
Colaborador: Luciano Oliveira Dias
Coordenação editorial: Ciro Mioranza

COLEÇÃO GRANDES OBRAS DO PENSAMENTO UNIVERSAL

1 – **Assim Falava Zaratustra** – *F. Nietzsche*
2 – **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado** – *F. Engels*
3 – **Elogio da Loucura** – *Erasmo de Rotterdam*
4 – **A República (parte I)** – *Platão*
5 – **A República (parte II)** – *Platão*
6 – **As Paixões da Alma** – *R. Descartes*
7 – **A Origem da Desigualdade entre os Homens** – *J.-J. Rousseau*
8 – **A Arte da Guerra** – *Maquiavel*
9 – **Utopia** – *Thomas More*
10 – **Discurso do Método** – *R. Descartes*
11 – **Monarquia** – *Dante Alighieri*
12 – **O Príncipe** – *Maquiavel*
13 – **O Contrato Social** – *J.-J. Rousseau*
14 – **Banquete** – *Dante Alighieri*
15 – **A Religião nos Limites da Simples Razão** – *I. Kant*
16 – **A Política** – *Aristóteles*
17 – **Cândido ou o Otimismo – O Ingênuo** – *Voltaire*
18 – **Reorganizar a Sociedade** – *Augusto Comte*
19 – **A Perfeita Mulher Casada** – *Luis de León*
20 – **A Genealogia da Moral** – *Nietzsche*
21 – **Reflexões sobre a Vaidade dos Homens** – *Mathias Aires*
22 – **De Pueris – A Civilidade Pueril** – *Erasmo de Rotterdam*

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

23 – **Caracteres** – *La Bruyère*
24 – **Tratado sobre a Tolerância** – *Voltaire*
25 – **Investigação Sobre o Entendimento Humano** – *David Hume*

Índice

Apresentação........11
Biografia de Erasmo........13
Prefácio........19
CAPÍTULO I – Nunca é cedo demais para iniciar o processo educacional........21
1. O educador realiza, em plenitude, a paternidade........21
2. A educação principia na fase do aleitamento........21
3. Escolher logo um pedagogo competente........22
4. Aprendizagem não é veneno........22
5. Respeito à ordem dos valores........22
6. Paternidade não se reduz ao ato gerativo........23
7. Não basta o desvelo para com a saúde........23
8. A papagaio velho aborrece treinamento........24
9. A lição dada pelos agricultores........25
10. A instrução, tarefa precípua........25
11. O exemplo da natureza animal........26
12. A educação aperfeiçoa a natureza........26
13. Educar para o uso dos bens materiais........27
14. Educar para a honestidade a par da instrução........28
15. Ter status com estrutura ética........28
16. Corpo limpo com espírito polido........29
17. Riqueza não dispensa instrução........29
18. Se não fosse um Alexandre, queria ser um Diógenes........30
19. O homem, um ser inacabado e por fazer-se........30
20. Desprovido de educação, o homem não passa de uma pedra........31
21. O inculto é a criatura inferior........31
22. Falhar na educação é fazer do ser humano um monstro........32
23. Antes suíno que bronco e mau........33
24. O direito à educação nasce no berço........33
25. Sem a devida educação, o homem degrada-se........33

26. O filho deseducado vexa aos pais....34
27. Pior castigo é negar a educação....34
28. A sabedoria do filho alegra aos pais....35
29. Omitir desvelo educativo equivale à rejeição....35
30. Recusar educação, é o mesmo que lançar a criança a lobos rapaces....36
31. Deseducação é crime nefando....36
32. O futuro depende dos antecedentes educacionais....37
33. De como predispor para a corrupção....37
34. A natureza auxilia na aprendizagem precoce....38
35. Não confundir afetação com educação....39
36. O pendor para a imitação requer acompanhamento pedagógico....39
37. Modelos ecológicos para a pedagogia....40
38. De como os animais repassam aprendizagem....41
39. O homem, um ser inconsciente....42
Conclusão....42
CAPÍTULO II – As trilhas da aprendizagem....43
1. As três vertentes do comportamento....43
2. Experiência sem razão não basta....43
3. O erro ensina, mas a alto custo....44
4. A mente atina com o certo e com o errado....44
5. O homem, animal racional....45
6. A educação falha condiciona para o vício....45
7. Três erros básicos em pedagogia....46
8. Preferência ao professor inepto....46
9. Parcimônia em educação revela demência....47
10. Quatro recomendações....48
11. Ação pedagógica com acompanhamento....49
Conclusão....49
CAPÍTULO III- Natureza e vocação....51
1. A natureza humana se faz perfectível....51
2. Razão e experiência dependem do esforço pessoal....53
3. As técnicas das proporções educativas....54
4. Grandes vícios nascem de pequenos defeitos....55
5. Idade alguma é tardia para aprender....56
6. Erudição sem virtude mutila o caráter....56
Conclusão....57
CAPÍTULO IV – Os agentes na educação....59
1. A colaboração dos pais e das amas....59
2. Outros dois fatores: memória e imitação....60
3. Ação deletéria das más companhias....61
4. A instrução educacional e o pedagogo doméstico....62
5. Não falta tempo para o que merece nosso apreço....63
6. Erudição não dispensa conhecimentos vulgares....63
7. Educação pré-escolar não afeta a saúde....64
8. Educar sem sofisticação....65
9. Qualidades do professor: amar e fazer-se amar....66
10. Escola não é Ergástulo....67
11. Os mercadores de cultura escolar....68
CAPÍTULO V – A antipedagogia do castigo....69
1. Oxalá só existisse escola pública....69
2. Modelo do educador autêntico....69
3. Em princípio, todo o castigo é contraproducente....70
4. Castigo acoberta incompetência....71
5. Educar é arte dos modos....72
6. A escravidão deve ser banida de vez....73
7. O modelo divino de educar....74
8. As múltiplas maneiras de afligir o aluno....74
9. Um caso fragoso de crueldade....75
10 . Maus-tratos físicos implicam ação judiciária....77
11. A sandice dos trotes universitários....78
12. O castigo não exceda a admoestação....79
13. Educar pela técnica da persistência....80
14. Bater só em caso extremo, mas moderadamente....80
CAPÍTULO VI – O perfil do educador....83
1. É missão do governador zelar pela imagem do educador....83
2. Solidariedade social em favor do magistério....83

3. O educador não discrimina o rico do pobre..........84
4. Educar é arte de incentivar o educando..........85
5. Condição primordial: amar o educando..........85
6. O método da graduação crescente..........86
7. Não fazer do educando um adulto em miniatura..........86
Conclusão..........87
CAPÍTULO VII – O programa de ensino..........89
1. Primeiro passo: aprender o idioma..........89
2. Detectar as inclinações para as áreas do saber..........90
3. Falar com a criança de modo correto..........90
4. História natural..........91
5. Ir sempre ao encontro da expectativa infantil..........92
6. Unir o útil ao agradável..........92
7. Os grandes se fazem pequenos por amor do educando..........93
8. De como dulcificar o estudo das letras..........94
9. A educação precoce é sempre profícua..........95
10. Modelos de didática torturante..........96
11. A resistência a novos métodos de ensino..........96
12. Saber dourar a pílula das dificuldades..........96
13. O elefante perde para a mosca..........97
14. A variedade de jogos didáticos..........97
CAPÍTULO VIII – A utilidade da educação precoce..........99
1. Tempo gasto na erudição multiplica o valor da vida..........99
2. O que principia em tempo certo chega a bom termo..........100
3. Só colhe com fartura quem semeia a tempo..........101
4. Exemplos clássicos de educação precoce..........101
5. Não basta conhecimento pela rama..........103
Conclusão..........105

A CIVILIDADE PUERIL..........107

Apresentação

1. Erasmo de Rotterdam, depois de vivenciada a dolorosa vida de aluno na escola dos frades franciscanos, onde reinava a velha pedagogia dos castigos físicos e da pura memorização de textos de cunho religioso e pietista, decide abrir novos horizontes para a ciência e arte da educação. Além do opúsculo sobre as boas maneiras (*A Civilidade Pueril*), ele elabora um texto menos acalentado, onde o educador descortina o fundamento de tudo que vai orientar a vida em desenvolvimento do menino e do adolescente. Eis o significado pedagógico deste livro *De Pueris*, literalmente, *Sobre os Meninos*.

2. Todo o processo educativo, segundo Erasmo, está pautado pelo alinhamento cultural da época, a saber, o humanismo. Após tantos séculos em que era destacada apenas a dimensão teológica e religiosa do homem, agora, os pensadores de proa buscam fundamentar o valor do homem em sua própria estrutura existencial. O homem, enfim, vale por si e em si.

3. Além deste primeiro princípio, Erasmo vai evidenciar outro de suma relevância para a pedagogia: segundo Pico della Mirandola, em *A dignidade do homem*, o homem não nasce acabado e, sim, incompleto. Ele só se aperfeiçoa pela educação.

4. Daí também a tese de Erasmo: "o homem não nasce homem, mas torna-se homem". Verdade que ele já recebe a natureza humana pela concepção e pelo nascimento. Esta, além de sua riqueza intrínseca e formal, comporta ainda um lastro imenso de inúmeras potencialidades. Tal potencial está franqueado à educação. Na medida em que o homem efetiva sua perfectibilidade é que atinge o patamar da perfeição. Aí reside

o objetivo do processo educativo: tornar o homem perfeito. A perfeição humana vai resultar da consciência partilhada por todos que edita ser o homem um animal racional, dotado de livre-arbítrio e socialidade.

5. Ao afirmar que a educação distingue o homem do animal, porquanto nenhum animal é tão perigoso e nocivo quanto o homem sem educação. Erasmo projeta o ideal de uma humanidade pacífica e respeitosa, em que os direitos humanos recebem guarida e embasam a ordem social. Eis, em suma, o projeto veiculado pelo humanismo do século XVI.

6. De novo, vale repetir. Oxalá os atuais cursos de pedagogia descubram a fulgor envolvente do pensamento de Erasmo de Roterdã. Este pensador humanista vai empolgar a juventude deste novo século.

Luiz Feracine

Biografia de Erasmo

Erasmo nasceu em Roterdã, Holanda, em outubro de 1469. Com sete anos de idade, em 1476, ingressou na escola primária dirigida por Peter Winkel. De 1478 a 1483 freqüenta a escola secundarista dos Frades franciscanos, em Deventer. Entrementes, morrem seus pais e Erasmo fica aos cuidados de um tutor. Em 1488, ingressa na Ordem dos Agostinianos, em Steyn. No mês de abril de 1492 foi ordenado sacerdote.

Em vista de seus talentos literários foi designado para secretariar o bispo de Combrai, Dom Henrique de Bergen. Em 1495, Erasmo viaja para Paris a fim de freqüentar a Universidade. Na época, Erasmo contava com a cobertura financeira de dois padrinhos ilustres: Jácomo Batt e Ana de Veere. Findo o estágio em Paris, Erasmo passa a dar aulas particulares para se manter. A partir de 1499 já está de volta à Holanda. Naquele ano, recebe o convite para visitar a Inglaterra a pedido dos familiares de seus alunos. Viaja para Greenwich. Ali, sua distração era cavalgar. Foi então convidado para visitar Thomas Moore, em Londres. Com o primeiro-ministro de Henrique VIII, Erasmo trava laços profundos de amizade fraterna.

Retorna a Paris. Ali, ao chegar, foi assaltado no albergue e perdeu todos seus pertences e dinheiro. Ficou reduzido a total miséria.

Entre 1501-1506, Erasmo reside na Holanda e cuida da publicação de suas obras.

Em 1507, viaja para Veneza, Pádua e Roma. Tal como na França e Inglaterra, onde conheceu e relacionou-se com as maiores autoridades do pensamento renascentista, assim, na Itália, ele encontra os expoentes do humanismo. Aliás, para surpresa sua, em Roma, Erasmo é acolhido como exímio intelectual e defensor da ortodoxia católica em conflito com outro colega seu, o ex-frade Lutero.

Em 1509, deixa a Itália, decepcionado com a riqueza e poder dos magnatas da Igreja cujo Papa era holandês e amigo pessoal de Erasmo.

Em 1511, está em Paris cuidando de publicar suas obras.

Em 1514, é nomeado conselheiro de Carlos V.

Em 1516, recebe do Papa Leão X a dispensa do celibato sacerdotal. Apesar disso, o Papa convida-o para receber a distinção cardinalícia. Erasmo agradece e recusa. Embora tido pelo Papa como única pessoa apta para dialogar com o dissidente Lutero, Erasmo preferiu retirar-se da vida agitada da política e recolher-se ao retiro, em Basiléia, Suíça. Sua saúde precária já impunha a retirada.

Morreu a 12 de julho de 1536. De suas obras, na atualidade, a mais conhecida é o *Elogio da Loucura*, uma sátira sutil da sociedade européia do século XVI.

Luiz Feracine

Luiz Feracine (1927):
- Sacerdote católico do clero secular.
- Curso eclesiástico de Filosofia e de Teologia.
- Mestrado em Filosofia pela Universidade "Angelicum" de Roma.
- Especialista em Sociologia, pela Universidade Internacional de Estudos Sociais de Roma.
- Licenciado em Estudos Sociais.
- Bacharel, Mestre e Doutor em Direito Civil, pela Universidade Lateranense do Vaticano.
- Titularidade estrangeira reconhecida pela USP-UNESP.
- Bacharel em Direito pela Faculdade Municipal de Franca, SP.
- Ex-professor da PUC-SP, UNESP e UFMS.
- Jornalista profissional e tradutor de autores latinos.
- Ex-promotor de Justiça e Juiz Presidente do Tribunal Eclesiástico de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.
- Professor de Direito no Instituto de Teologia do Mato Grosso do Sul.
- Professor de Filosofia do Direito da UNIDERP e UNAES.
- Autor de: *1) Sociologia do Marxismo;*
  2) O Trabalho no Pensamento da Igreja;
  3) O Professor como agente de mudanças.

Principais Obras de Erasmo

A Civilidade Pueril

Adágios

De Pueris

Do que se deve fazer para restaurar a concórdia da Igreja

Elogio da Loucura

Novo Testamento Comentado

Questão da Paz

Sobre o Livre-Arbítrio

"Colloquia Familiaria" (Diálogos)

De Pueris

(Dos Meninos)

Prefácio

De entrada, advém a pergunta: vale a pena a leitura de um curso de filosofia da educação escrito no século XVI? Teria validade para a aurora deste novo século após tantas décadas já decorridas?

A resposta, talvez, decepcione, mas encanta. Erasmo, ao escrever o manual *De Pueris* (*Sobre os meninos*), antecipou-se de muito e responde ao questionamento mais freqüente de hoje. Os pais e demais educadores questionam, em nítido tom de preocupação: como educar dentro deste mundo dominado por meios de comunicação em massa? A proposta de Erasmo é gratificante. Diz ele: a primeira atitude educacional consiste em não lesar a dignidade do educando, respeitando sua natureza.

2. Seja lembrado que Erasmo de Roterdã era sacerdote e filiado a uma dessas autarquias que integram a estrutura da Igreja romana. O grupo em que ele se formou era a "Ordem dos Agostinianos". Conhecedor profundo do sistema educacional encabeçado pelos religiosos profissionais que, sem pejo nem escrúpulo, comercializavam o ensino para auferir recursos financeiros das classes altas. Erasmo defronta-se com antinomias crassas que corroíam não só a Igreja como toda a sociedade. Erasmo faz então uma crítica severa do sistema pedagógico em vigor na sua época, enquanto traça novas perspectivas para regenerar a arte de educar, colocando-a a salvo de todas aquelas aberrações.

3. Apesar do risco de incorrer na penalidade do ostracismo ao criticar o poder absoluto dos que arvoravam a bandeira da religião para encobrir mazelas e justificar uma vida bafejada de recurso monetário, conforto e segurança. Erasmo se identifica, sem medo, com a missão de educador autêntico. Apresenta seu projeto audacioso para depurar a escola e alçá-la ao pódio da dignidade máxima de onde eflui a verdadeira nobreza que não depende da cor, do sangue nem do volume de riqueza.

4. O presente texto é, sim, plenamente atual. Se, em parte, já eliminamos os procedimentos violentos da tortura física e psíquica, ainda estamos longe de privilegiar a capacidade racional do adolescente. Hoje, o jovem está à mercê da força persuasiva dos meios de comunicação em massa que veiculam, em cores, sons e imagens, as palavras, os conceitos e os modelos que difundem a ideologia de seus proprietários e serviçais. A criança e o adolescente, antes de usufruírem da escola, já estão de cabeça feita e plasmados.

5. No século XVIII, Emanuel Kant, em sua obra *Sobre a Pedagogia*, conflitando, em parte, com a própria teoria em gnosiologia, estabelece que nada seja repassado ao educando sem que o mesmo compreenda. Vale dizer: Kant instaura o diálogo esclarecedor. Não basta proibir. É da exigência racional do educando seja ele elucidado sobre as razões que embasam determinada conduta.

6. Ao ver o educando com natureza perfectível, dotado de receptividade reflexiva e crítica, Erasmo atina com o potencial específico de quem está apto ao pleno desenvolvimento no clima dos valores ético-morais, em que está situada a felicidade existencial que é a meta final da vida segundo a filosofia clássica do Ocidente.

Conclusão: Eis o mérito ímpar deste precioso e oportuno opúsculo. Erasmo, em suma, é atualíssimo. Merece ser lido.

Luiz Feracine

Capítulo I

Nunca é cedo demais para iniciar o processo educacional

1. O educador realiza, em plenitude, a paternidade

Após longo período de desesperança quanto à fecundidade de tua esposa, eis que fico sabendo que és pai e, por sinal, de um menino que demonstra, desde já, uma índole admirável, a saber, idêntica à dos pais. Isso já enseja prognosticar, com base nos traços e indícios, excelsas virtudes.

Por tal razão acalentas diligenciar a fim de que criança tão promissora, logo mais ao ganhar porte, seja iniciada nas boas letras, instruída nas melhores disciplinas assim como inserida e formada nos salubérrimos princípios da filosofia.

Evidente que queres ser pai em sentido pleno da palavra, tal como almejas seja ele um filho[1] deveras não só porque te retrata no semblante e no físico em geral, mas, acima de tudo, nos dotes de gênio.

No mesmo grau em que me alegro de coração com a felicidade do amigo afeiçoado, assim aplaudo, com entusiasmo, os propósitos de teu discernimento.

2. A educação principia na fase do aleitamento

Apenas sobre um ponto advertiria com atrevimento, talvez, mas, por certo, movido pela benquerença: não te amoldes à opinião e ao exemplo muito em voga, deixando decorrerem os primeiros anos do teu filho sem tirar proveito algum da instrução. Faze-o aprender as primeiras noções antes que a idade fique menos dúctil e o ânimo mais propenso aos defeitos ou até mesmo infestado com as raízes de vícios tenacíssimos.

(1) A paternidade tem duas dimensões: a física e a espiritual. A educação como paternidade espiritual andava em apreço entre os humanistas. Sadoleto, na obra *De liberis recte instruendis* (1533), considerava-se verdadeiramente pai do sobrinho porque o tinha instruído e educado.(NT)

3. Escolher logo um pedagogo competente

Para tanto deves, desde logo, procurar um homem de bons costumes e de caráter meigo, dotado de conhecimentos invulgares, a cujo regaço possas confiar teu filho como ao nutriz de seu espírito a fim de que, a par do leite, sorva o néctar das letras e, assim condividas, por igual, os cuidados entre as amas e o preceptor[2] de sorte que aquelas lhe fortificam o pequeno corpo com o melhor dos sucos enquanto este zela pela mente[3], subministrando ensinamentos salutares e honestos.

4. Aprendizagem não é veneno

Para isso não reputo plausível que tu, pessoa tão douta e perspicaz, dês ouvidos àquelas mulherzinhas[4] e a certos homens, aliás, em tudo semelhantes a elas, salvo pela barba, que, por cruel comiseração e perniciosa indulgência, insistem na necessidade de entreter a criança com beijos maternos e carícias por parte das nutrizes além das brincadeiras das servas e dos fâmulos com suas inépcias nem sempre pudicas. Assim até o desabrochar da puberdade a fim de a manter distante do aprendizado das letras como se fosse veneno, sob o pretexto de ser a infância frágil demais para receber lições e delicada ao extremo para suportar as fadigas do ensino. Em suma, asseguram ser muito escasso o rendimento naquela fase etária de modo a não se justificarem nem o dispêndio dos gastos nem o incômodo sobre a compleição tenra da criança.

5. Respeito à ordem dos valores

Enquanto refuto, ponto por ponto, tais objeções, peço que me concedas, por alguns minutos, tua atenção. Considera, primeiro, o fato de serem estas coisas escritas por alguém que te estima acima de qualquer outro, e, depois,

(2) Erasmo enfatiza, em todos os seus escritos, na área pedagógica, a importância da escolha correta do preceptor. Montaigne vai compor páginas memoriáveis a respeito do mesmo tema (*Essais*, I, XXVI, 149 a. ss.). (NT)

(3) A conexão estreita entre corpo e espírito está evidenciada na ação concomitante do preceptor e da nutriz, muito embora, na dinâmica educacional, segundo Erasmo, a alma sobrepõe-se ao corpo de sorte que a função do educador tem como vencer os determinismos da natureza. (NT)

(4) Na pedagogia de Erasmo, a mulher ocupa espaço reduzido. Ao detectar as funções femininas de esposa e de mãe, Erasmo abre pistas para recuperar a presença da mulher na educação. Aliás, ele realça o papel da mulher educadora no Elogio ao Casamento. (NT)

que está, aqui, a tratar de um assunto que a ti interessa antes dos demais. Com efeito, que pode haver de mais caro do que um filho, máxime quando único, a quem desejarias transferir, se possível fosse, a própria vida e não apenas as riquezas?

De outro lado, como não ver um comportamento perverso e contraditório naqueles que se empenham, com muito afã, no cultivo de lavouras, na edificação de casas, na criação de cavalos, consultando, a propósito, o parecer de peritos com longa vivência na área, mas ocupam-se, muito de leve, em instruir e educar os próprios filhos aos quais, no entanto, tudo se destina.

Pior. Nem sequer se valem do próprio discernimento, nem se aconselham junto a pessoas atiladas, como se estivesse em questão coisa de somenos que pudesse ficar aos cuidados de mulherzinhas ineptas ou de homens vulgares.

Até parece reeditarem o absurdo de mais se preocupar com o sapato do que com o pé ou de usar requinte no asseio das vestes sem atentar para a saúde do corpo.

6. Paternidade não se reduz ao ato gerativo

Não vou, aqui, eminente amigo, aquecer-te a memória com lugares-comuns. Basta ver. Quanta força na natureza, quanto devotamento, quantas leis divinas e instituições humanas a compelirem os pais para os deveres em face dos filhos que, de certo modo, fazem-nos vencer a mortalidade, tornando-os imortais.

No entanto alguns julgam ter realizado, à maravilha, sua missão paterna só porque respondem pelo ato gerativo, quando isso representa o mínimo do amor exigido pelo título da paternidade.

Para seres pai autêntico deves dar dedicação plena ao filho por inteiro, sendo que a primazia absoluta desse empenho recai sobre aquela parte que o sobrepõe aos animais e aproxima-o, bem de perto, da semelhança com a divindade.

7. Não basta o desvelo para com a saúde

É de ver a solicitude da maioria das mães no sentido de não terem filhos

estrábicos, de olhos descentrados ou com as bochechas caídas, cabeça pensa, ombros corcundos, pernas recurvas e pés chatos, enfim, que tenham o corpo em simetria perfeita. Para tanto, dentre outros recursos, lançam mão de pequenas faixas e ligaduras para agasalhar as maçãs do rosto.

Também não omitem o leite e outros alimentos, os banhos, o modo de andar, tudo aquilo, em suma, recomendado pelos melhores médicos em numerosos livros, nomeadamente Galeno[5], já que, destarte, mantém-se saudável o corpo da criança. Não ordenam eles que se protelem tais medidas até o sétimo ou oitavo ano[6]. Antes, recomendavam semelhantes cuidados para logo, já a partir do momento em que a criança abandona o útero materno.

Com acerto assim procedem[7]. Com freqüência, uma infância sem cuidados condiciona adultos para uma velhice enferma e sujeita a outras aflições, se é que até lá chegam. Há ainda mais. Nem bem a criança veio ao mundo e a diligente mãe fica toda precavida. Durante a gravidez, abstém-se de ingerir certos alimentos e evita fazer movimentos bruscos. Se, por outro lado, algo lhe cai ao rosto, de imediato, retira com a mão e aplica-o em parte velada do corpo. Pois, mediante numerosas experiências, descobriu-se que tal terapia desfaz, em parte oculta do corpo, a deformidade que, eventualmente, ter-se-ia manifestado em parte visível[8].

8. A papagaio velho aborrece treinamento

Por certo que ninguém iria acoimar de precoce a diligência dispensada à porção menos nobre do ser humano. Por que então negligenciar, por anos a fio, aquela parte de onde nos advém o nome apropriado de homem? Não seria ridículo enfeitar o chapéu e deixar o cabelo em desalinho ou infestado de parasitas? De maior desatino seria prodigalizar tratos ao corpo perecível e não ter desvelo pela alma imortal.

(5) Galeno, médico de Marco Aurélio, de Lúcio Vero e de Cômodo, nascido em Pérgamo, viveu entre 129 e 201. Exerceu sua arte em Roma, na época da peste dos anos 166. Erasmo traduziu alguns de seus escritos. (NT)
(6) Período em que, por via de regra, as crianças principiavam a estudar. Ver, a propósito, Ph. Ariès: *L' enfant et vie familiale sous l'ancien régime*. (NT)
(7) A respeito dos cuidados a serem dispensados às crianças e aos neonatos, ver o *Christiani matrimonii institutio* de Erasmo. (NT)
(8) Trata de costume muito difuso entre mulheres grávidas de então. Também, Malebranche menciona-o. Ver *Récherche de la Vérité*, II, 1, 7. (NT)

E não é só isso não. Quando nasce, em tua propriedade, um potro ou um cão de raça, então, muito cedo, são eles adestrados porque dotados de tendências cuja espontaneidade, enquanto ainda nova, fica mais flexível ao adestramento.

Ensinas, no devido tempo, o papagaio a reproduzir os sons das palavras por saberes que, com o passar dos anos, ele se torna menos destro. Daí o provérbio: "Papagaio velho desdenha férula". Qual a vantagem de cuidar de aves e se esquecer dos filhos?

9. A lição dada pelos agricultores

Por ventura, estão os agricultores de braços cruzados? Não são bem eles que se apressam a fazer os enxertos em plantas novas a fim de as expurgar de suas propriedades silvestres, antes que o vigor as torne rijas? Não só cuidam para não deixar os arbustos curvos ou com outros defeitos. Caso sejam infestados de qualquer praga, logo são pensados, enquanto ainda brandos e obedientes ao toque da mão modeladora[9].

Ora, que animal e qual planta respondem à expectativa ou ao manejo dos seus donos ou dos agricultores, se a natureza não for coadjuvada pela iniciativa deles? De fato, o que é feito, tempestivamente, produz resultado mais eficaz.

10. A instrução, tarefa precípua

Está fora de dúvida. A mãe natureza aparelhou, com mais recursos, os animais desprovidos de fala para suas funções genuínas[10]. Não admira, então, ter a divina Providência entregue ao único ser racional, dentre os viventes, a maior parcela de sua natureza à educação?

Correto, por isso, o que foi escrito por alguém[11]: o primeiro, o segundo e o terceiro passos para se alcançar o ápice de toda felicidade consistem na reta instrução e na autêntica educação. Com tais palavras de incentivo, Demóstenes encarecia a correção na pronúncia. Estava ele coberto de razão, entretanto o ensino adequado concorre em maior intensidade para o bem da

(9) Passagem inspirada em Virgílio, *As Geórgicas*, II, 346-348. (NT)
(10) Justamente por ser o único dotado de fala, a comunicação representava a porta por onde passa o processo educacional. Como declara a Sacra Escritura: "Ex auditu fides" ("a fé advém da audição"). (NT)
(11) Este autor foi Demóstenes, conforme atesta Quintiliano no *Inst. Orat.*, XI, 3, 6. (NT)

sabedoria do que a correta pronúncia em relação à eloqüência.

Com efeito, a fonte de toda a virtude consiste numa educação diligente e aprimorada. De igual modo, em relação à demência e à perversidade, o primeiro, o segundo e o terceiro passos resultam da educação descuidada e corrupta. E pensar que tudo depende, de modo preponderante, de nós mesmos!

11. O exemplo da natureza animal

É bem em razão disso que aos demais viventes a natureza confere agilidade, aptidão para voar, olhos aguçados, corpulência e vigor físico, escama, pêlo, cabelo, couro, chifre, garra e veneno, mediante os quais eles defendem a própria incolumidade bem como ficam aptos a proverem-se de alimentos e a nutrirem os filhotes. Em contraposição, ela gera o ser humano flácido, nu e indefeso. Ao invés de todas aquelas propriedades, dota-o de mente capaz de aprender[12], incluindo tudo nesse único arsenal, posto que seja exercitado[13]. Por outro lado, na medida em que o animal é menos suscetível de aprendizado, mais provido está pelos instintos. Assim, as abelhas não aprendem a construir os alvéolos, a coletar o néctar e a elaborar o mel. As formigas não recebem instruções para, no verão, armazenar em celeiros onde, durante o inverno, vivem e alimentam-se. Tudo isso elas fazem por força do instinto dado pela natureza. Ao contrário, o homem não come, não anda, nem trabalha a não ser quando ensinado.

Se, por conseguinte, as árvores produzem frutos ou poucos ou ruins, quando falta a enxertia; se o cão nasce sem habilidade para caçar tal como o cavalo nasce desajeitado para a equitação e o boi inapto para arar, salvo quando, por capricho, adestrados para semelhantes habilidades, de igual modo, o ser humano, sem meticulosa aprendizagem que lhe advém dos moldes instrucionais, não passa de um animal inútil.

12. A educação aperfeiçoa a natureza

Não vou me pôr, aqui, a repetir a lição sempre evocada de Licurgo. A

(12) Embora débil e frágil, o ser humano dotado da "mens disciplinis habilis" pode entender e dominar a natureza. Eis um "topos" comum em toda a literatura humanística do Renascimento. (NT)
(13) A educação objetiva, precisamente, o exercitar da racionalidade. Decair desta significa rebaixar ao nível da animalidade. (NT)

respeito dele narram que, durante um espetáculo, o cãozinho, de boa raça, mas sem adestramento, corre para a comida, enquanto outro, de raça menos apurada, porém devidamente adestrado, sai ao encalço da caça[14]. Eis aí. A natureza é de per si eficiente, no entanto, a educação, com sua eficácia mais avantajada, pode superá-la.[15]

Os homens cuidam em ter um bom cachorro para a caça, em possuir cavalo forte para cavalgar. Em tudo isso ninguém os recrimina de diligência precoce. Em se tratando de filho que, com seu brio, honra os pais e até lhes assiste, ao qual, mais tarde, transfere-se boa parte dos encargos domésticos, de cujos préstimos a velhice pode receber segurança e apoio, além de fiel defensor da linhagem como esposo prestante, probo e útil cidadão para pátria[16], enfim, no que tange a tudo isso ou impera omissão total ou só se acorda tardiamente.

Para quem os pais semeiam? Para quem aram? Para quem constroem? Para quem se afadigam em angariar riquezas por mar e terra? Não é bem para seus filhos? Que uso e proveito em ter tantos bens se, aquele a quem isso tudo se destina não sabe como administrá-los?[17]

13. Educar para o uso dos bens materiais

Digo mais. Os bens são adquiridos com dedicação, porém, não há empenho algum pela pessoa que os vai possuir.

Quem daria uma harpa a indivíduo bronco em música? Quem montaria uma biblioteca farta para pessoa ignara em letras?

Apesar disso, amontoam riquezas nas mãos de quem nunca foi preparado para geri-las.

Se ajustares tais bens para pessoa devidamente educada, entregas-lhe instrumento de virtude; se, ao invés, caem em poder de indivíduo desinformado e rude, que fizestes a não ser municiá-lo de recursos para a malversação e os vícios?

Seria, por ventura, imaginável um pai mais desatinado?

(14) Exemplo extraído de Plutarco: *Peri Paidon Agogês*, IV, 17-18, ou *A cerca da educação das crianças*. (NT)
(15) No original: "Efficax res est natura, sed hanc vincit efficacior institutio". Literalmente: "Coisa eficaz é a natureza, porém a instrução, por ser mais eficaz ainda, vence-a". Assim Erasmo realça a prevalência da educação sobre a natureza. A seu ver, a índole do educando é passível de modificações profundas graças à ação educativa. (NT)
(16) O processo educacional não é um fim em si. Visa à realização sociopolítica do educando. (NT)
(17) O uso correto dos bens materiais resulta de uma educação adequada. (NT)

14. Educar para a honestidade a par da instrução

Preocupam-se os pais em ter filhos sem defeitos físicos e em torná-los aptos para atividades normais, todavia se descuidam do espírito de cujo controle depende o comportamento moral.

Seria de recordar que nada melhor do que a sabedoria aliada à instrução para se conquistarem riqueza, dignidade, poder e mesmo boa saúde, coisas essas tão suplicadas aos céus para os filhos.

Almejam para eles a presa, mas não lhes dão a rede de caçar.

Não se pode galardoar o filho com prendas inacessíveis, mas podes instruí-lo nas artes mediante as quais coisas excelentes podem ser alcançadas.

Já apontei o que raia pelos confins do absurdo. A insensatez maior é ter, em casa, um cão de guarda adestrado ou um cavalo domado, a primor, ao lado de um filho desaparelhado para a vivência honesta. É como ter uma lavoura bem cultivada e filho vexatoriamente bronco ou possuir casa decorada com todo luxo, mas um filho desnudo daqueles predicados que são os verdadeiros ornamentos.

15. Ter status com estrutura ética

Além do mais, aqueles que, segundo opinião corrente, parecem eximiamente atilados, nessa área, na verdade ou protelam para a idade da indocilidade ou negligenciam, de vez, o zelo pelo cultivo da mente, mas revelam-se solícitos em armazenar bens materiais e efêmeros, já mesmo antes de trazerem para o presente mundo o herdeiro universal daquelas posses.

A quantos cuidados se consagram! Logo assim que o ventre materno intumesce, de imediato, consultam o astrólogo, cuidando os pais de saber se o nascituro será menino ou menina. Perscrutam-lhe o destino. Se o astrólogo, mediante os signos do horóscopo, preconiza que a prole será venturosa no campo de batalha, então dizem: "vamos encaminhá-lo para a corte real". Se auguram dignidades eclesiásticas: "envidaremos esforços para colocá-lo junto de algum bispo ou abade ricos, pois dele faremos pároco ou decano".

Empenhos que tais não se lhes afiguram em nada precipitados, mesmo

em antecedendo o nascimento da criança, mas têm na conta de apressamento velar pela educação do espírito do filho depois de nascido.

Com efeito, já desde cedo, cogita-se do filho como capitão de tropas ou como magistrado, mas não se atenta para fazer dele um militar ou um magistrado dotado de competência para gerir coisas públicas.

Antecipadamente, movem céus e terras para tornar o filho bispo ou abade, porém não levantam uma palha sequer a fim de que o mesmo esteja à altura daquelas funções. Em suma, colocam-no na direção do carro sem ensinar o manejo do mesmo ou ainda, entregam-lhe o timão sem cuidar que aprenda o necessário para ser timoneiro habilidoso.

16. Corpo limpo com espírito polido

A verdade é que, em meio a todas as tuas posses, nada tens de mais abandonado quanto aquela rara preciosidade a qual tudo o mais se destina. Sim, teus campos estão limpos. Esplêndidos, igualmente, tua casa, teus vasos, as vestimentas e o mobiliário todo. Também teus cavalos estão bem adestrados e os servos a rigor. Só o caráter do teu filho permanece desfigurado, sórdido e hediondo.

Compras um escravo em hasta pública, e, como se diz, uma lasca de pedra porque tosca e vil. Se rude, observas como lhe descobrir a utilidade e prepará-lo para algum ofício, seja para cozinha, seja medicina, seja agricultura ou administração.[18]

Teu filho, ao contrário, como se o único nascido para ociosidade, tu o relegas às traças.

17. Riqueza não dispensa instrução

"Terá sim", como soem falar, "de onde se sustentar", mas lhe faltará de onde tirar a retidão do bem viver. Por via de regra, quanto mais rico o pai menor o empenho com a educação dos filhos.

"Para que filosofia?" - contestam - "Eles já estão bafejados pela fortuna!".

A verdade é bem outra. Quanto mais locupletados tanto maior a

(18) Plutarco, o. c. (NT)

necessidade de valerem-se dos préstimos da filosofia. Quanto maior o navio e mais carga transporta tanto mais urge a presença de piloto experimentado.

18. Se não fosse um Alexandre, queria ser um Diógenes

Consterna ver o empenho dos príncipes em legar aos filhos polpudos patrimônios, mas como é exíguo o zelo educacional, pois que em relação às artes ficam desaparelhados para a regência do principado. Que galardão não doa quem propicia o bem viver ao invés de meramente fazer viver! Os filhos são menos devedores aos pais que apenas lhes transmitem a vida sem os qualificar para viverem em retidão. Daí, a imortal frase de Alexandre: "Não fosse eu Alexandre, queria ser um Diógenes".[19]

Vem a calhar Plutarco, ao comentar que ele deveria ter almejado a filosofia de Diógenes com ardor proporcional à extensão do seu império.[20]

Em todo caso, nada mais degradante que a insensatez de quem, por não habilitar o filho para a virtude, finda em aplainar veredas à perversidade.

19. O homem, um ser inacabado e por fazer-se

Crates de Tebas[21], ao defrontar-se com tamanha aberração de costumes entres seus concidadãos, não media o incômodo de subir ao ponto mais elevado da cidade e de lá, aos gritos retumbantes, exprobrar a ignorância crassa e generalizada com aquelas palavras: "Que insanidade é essa que tomou conta de vós todos, miseráveis! Entregai-vos ao afã febril de acumular riquezas e posses, mas não velais o mínimo sobre o filho para quem as ajuntais!".

Pois bem. Tal como não passa de mãe pela metade aquela que apenas gera, mas não educa os filhos, assim também pais pela metade são todos quantos provêem até em excesso o necessário para o bem-estar material do filho sem, no entanto, diligenciarem em lhes ornar a personalidade com conhecimentos honestos.

Sim. Árvores crescem ao sabor da natureza improdutivas ou dando frutos

(19) Diógenes Laércio, *Vitae*, VI, 2-6.
(20) Plutarco, *Vita Alexandri*, XXII.
(21) Filósofo, discípulo de Diógenes. Viveu entre fins do séc. IV e princípio do séc. III a.C., no entanto a referida apóstrofe Plutarco atribui a Sócrates e não a Crates. Ver, a propósito, Diógenes Laércio, *Vitae*. (NT)

silvestres. Cavalos nascem até mesmo sem utilidade, todavia, posso assegurar, os homens não nascem. Eles são o resultado de uma modelagem.

Os povos primitivos, sem lei alguma, sem concúbito fixo, errantes pelas florestas, eram antes feras que seres humanos.

A razão faz o homem.[22] Se esta capitula, o capricho desregrado viceja à solta.[23]

Em suma, se a aparência fizesse homens, as estátuas seriam parte do gênero humano.

20. Desprovido de educação, o homem não passa de uma pedra

Com elegância, Aristipo[24] respondeu a certo indivíduo, aliás, rico, mas bronco que o questionava a respeito do retorno da erudição ministrada à juventude: "Talvez seja a seguinte: assentada, na arena do teatro, não será mais uma pedra sobre pedra".

Com sutil ironia também outro filósofo, Diógenes[25], se não me falha a memória, portava um archote em plena luz do dia, perambulando pelo mercado regurgitante de povo. Interrogado sobre o que estava a procurar, replicou: "Procuro um homem."[26] Ele bem sabia estar, ali, uma multidão, porém, mais de gado que de seres humanos.

Em outro dia, o mesmo filósofo, de cima de uma elevação, conclamava a turba, dizendo: "Aproximai-vos, ó homens!"- e foi circundado de imediato. Entrementes, ele persistia no mesmo apelo: "Aproximai-vos, ó homens!". Irados, protestavam: "Ora, cá estamos; fala o que tens a dizer". Então ele declarou: "Quero, aqui, homens. Não a vós que sois menos do que homens". A seguir, afugentou-os todos com bastonadas.

21. O inculto é criatura inferior

É inquestionável. Homens sem instrução em filosofia ou em outras

(22) "Ratio facit hominem", no original. Este conceito é a pilastra que sustenta a arquitetura toda da pedagogia erasmiana. (NT)
(23) Quanto aos efeitos perniciosos das paixões desregradas, Erasmo dedica um capítulo inteiro ao assunto no *Enchiridion militis christiani: De varietate affectuum*. (NT)
(24) Fundador da escola cirenaica. Viveu no séc. IV a.C. O episódio, aqui, referido é relatado por Diógenes Laércio: *Vitae*, II, 8,4. (NT)
(25) Designa o Diógenes, fundador da Escola Cínica. Viveu entre 432 e 325 a.C. (NT)
(26) Diógenes Laércio, *Vitae*, VI, 2,6. (NT)

disciplinas não passam de criaturas inferiores, em certos aspectos, aos animais. De fato, enquanto os animais obedecem, cegamente, aos instintos da natureza, o homem, desprovido dos parâmetros das letras e dos ensinamentos da filosofia, fica antes sujeito a impulsos mais que animalescos.

Nenhum animal é tão ferino e nocivo quanto o homem, quando arrastado por ímpetos de ambição, de cupidez, de ira, de inveja, de luxúria e de lascívia. Razão porque quem não se antecipa para iniciar o filho na esfera de preceitos sadios não se tenha a si mesmo na conta nem de ser humano nem de filho de homem algum.

22. Falhar na educação é fazer do ser humano um monstro

Não seria, por acaso, um monstro abominável uma alma humana em corpo de animal irracional? Bem isso narram. Homens há que foram transmudados, mediante feitiço, por Circe, em leão, ursos, porcos, mas conservando a inteligência.[27] Prodígio que Apuleio[28] atesta como testemunha. Até Santo Agostinho acredita terem sido homens transformados em lobos.[29]

Quem ousaria reivindicar para si a paternidade de um monstro? Se nada é tão pavoroso quanto forma vital de bruto em corpo humano, que pensar então dos tantos indivíduos que se gloriam de semelhante prole e passam por pessoas respeitáveis pelo bom senso tanto aos próprios olhos quanto na opinião do vulgo?

Dizem que os ursos parturem uma massa informe. Depois, à força de lamber[30], vão amoldando e dando a forma final. Nenhum filhote de ursa é tão disforme como a opacidade da mente de um recém-nascido. Caso não a modelares, nem dares formato, com bastante carinho, serás pai de um monstro, nunca de um ser humano. Há mais ainda. Suposto venha teu filho a nascer com a cabeça turbinada ou com seis dedos na mão, então quanto desconforto, quanto vexame para indivíduos denominados pais não de ser humano e, sim, de monstro. Não te tocas quando a deformação afeta a mente?

(27) *Odisséia*, X, 185 ss; Virgílio VII, 10-20; Ovídio, *Metamorfose*, XIV, 304. (NT)
(28) Apuleio era originário de Madaura. Viveu entre 125 e 180. Escreveu *Metamorfose* e uma *Apologia* para se defender da acusação de praticar magia. (NT)
(29) *De Civitate Dei*, XVIII, 18,3. (NT)
(30) Plínio, o Velho: *Naturalis Historia*, VIII, 54, 36. (NT)

23. Antes suíno que bronco e mau

Quanto acabrunhamento não iria entristecer um pai no caso em que a esposa gerasse filho retardado ou débil mental. Ficariam com a impressão de ter engendrado não um ente humano e, sim, um monstro. Não fosse o temor ante a lei, dariam fim ao neonato. Acusam, então, a natureza que se furtou a dotar o filho de inteligência humana, todavia, tu mesmo, por tua negligência, cooperas para que o filho fique privado de capacidade mental. Apesar de tudo é ainda preferível ter deficiência psíquica a ser péssimo caráter. Até vale mais ser suíno do que homem bronco e mau.

24. O direito à educação nasce no berço

A natureza, quando te dá um filho, ela não te outorga nada além de uma massa informe. A ti cabe o dever de moldar até a perfeição, em todos os detalhes, aquela matéria flexível e maleável. Se não levares a cabo a tarefa, terás uma fera. Ao contrário, se lhe deres assistência, terás, diria eu, uma divindade.

Logo ao nascer, a criança está propensa ao que é peculiar ao ser humano. Segundo o oráculo de Virgílio: "Já a partir dos primeiros dias, deves dedicar-lhe o desvelo primordial".[31]

Manuseia a cera enquanto mole. Modela a argila enquanto úmida. Enche o vaso de bons licores enquanto novo. Tinge a lã quando sai nívea do pisoeiro e ainda isenta de manchas.

Antístenes[32] sugeria tudo isso, e de modo até engraçado, ao acolher o filho de certo personagem para fins de educação. Questionado pelo pai a respeito dos apetrechos escolares, redargüiu: "Um livro novo, uma pena, uma tabuleta não usada"[33]. Evidente que o filósofo estava a exigir um aluno inculto sim, mas receptivo.

25. Sem a devida educação, o homem degrada-se

Não podes conservar aquela massa sempre informe. Se não imprimires a imagem de homem, ela se degrada por si mesma e vira monstruosidade à guisa de fera.

(31) *As Geórgicas*, III, 74.
(32) Antístene, filósofo grego (436-366 a.C.) discípulo de Górgia e Sócrates.
(33) Diógenes Laércio, *Vitae*, VI, 1,4.

Por conseguinte, posto teres tal missão da parte de Deus e da natureza[34], mesmo sem alimentares esperança de qualquer retorno pessoal, reflita, em teu íntimo, quanto de conforto, de utilidade e de glória refluem do filho sobre os pais, posto que retamente educado desde a tenra idade.

26. Filho deseducado vexa os pais

De outro lado, em quantas situações vexatórias e até calamitosas são deixados os pais por filhos mal-educados. Não seria o caso de evocar exemplos colhidos nas crônicas dos antigos. Basta atentar para as ocorrências familiares de tua cidade. Não estão os casos a fervilhar por todos os lados?

Sei que, a miúde, escutas expressões como estas: "Feliz de mim, se não tiver filho!" "Felizarda seria, se jamais tivesse gerado!". Sim, tarefa empenhativa essa de educar, a contento, os filhos. Sou eu a reconhecer. Ninguém nasce para si mesmo como ninguém nasce para a ociosidade.

Pai quiseste ser. Então, hás de ser pai responsável. O filho, tu o geraste não só para ti, mas também para a pátria. A falar como cristão, geraste não para ti e, sim, para Deus.[35]

27. Pior castigo é negar a educação

Paulo escreve que as mulheres serão, afinal, salvas por terem gerado filhos e terem-nos educado na senda do bem.[36] Deus pedirá contas aos pais dos pecados dos seus filhos. Se não educares teu filho, desde cedo, em princípios de honestidade, acarretas, antes do mais, dano para ti mesmo, além de estar preparando, com a negligência, o que de mais grave e pernicioso imprecaria um inimigo para o outro.

Dionísio[37] tendo ordenado que viesse para sua corte o filho adolescente do exilado Dião[38], efeminou o jovem em prazeres porque sabia que o pai sofreria mais com isso do que se o passasse ao fio da espada. Algum tempo

(34) "Deo naturaque", no original. "A lei natural é expressão da Lei Divina", segundo o pensamento tradicional da filosofia cristã.
(35) Afirma, aí, a função social e ético-religiosa não só da educação, mas da inteira dignidade humana.
(36) I Tim. 2,15.
(37) Dionísio, o Jovem, tirano de Siracusa em 367 a.C. Foi discípulo de Platão. Morreu no exílio em 343 a.C.
(38) Amigo de Platão. Fora convidado para a corte de Dionísio. Ali, acabou destronando o tirano. Por sua vez, foi deposto e morto na conjuração de Calipe.

mais tarde, instado pelo pai, egresso do exílio, para retomar as atitudes honestas de outrora, o moço precipitou-se do alto de uma janela do cenáculo.[39]

28. A sabedoria do filho alegra aos pais

Inegável o acerto daquela palavra do sábio hebreu: "O filho sábio alegra o pai; o filho insensato molesta a mãe".[40]

Efetivamente, o filho sábio, além de agradar ao pai, é-lhe, acima de tudo, motivo de honra e de apoio. Em suma, é vida para o pai. Pelo contrário, filho desatinado e ímprobo descarrega peso sobre os pais, traz desonra, pobreza e velhice precoce. Enfim, mata a quem lhe deu a vida.

Para que citar exemplos? Exemplos, entre teus concidadãos, os olhos os contemplam todos os dias.

Aí, estão aqueles que ficaram reduzidos à mendicância por causa dos costumes devassos dos filhos. Outros definham no desespero e na vergonha ou porque o filho está no ergástulo ou por ter a filha caída na prostituição.

29. Omitir desvelo educativo equivale à rejeição

Tenho conhecido personagens do primeiro escalão social que, dos muitos filhos, a custo lhes sobrevive um incólume, porque o outro, acometido da lepra abominável denominada "sarna gálica"[41], arrasta consigo um cadáver putrefato; um outro implodiu em disputa de bebedeira e outro ainda foi, miseravelmente, trucidado enquanto, de noite, mascarado, freqüentava o lupanar.

Qual a razão disso? Os pais. Eles se dão por realizados ante o fato de terem gerado e locupletado os filhos de bens materiais, mesmo preterindo, de todo, o desvelo educacional.

Pois bem. As leis punem com severidade quem expõe os seus fetos e abandona-os em algum bosque para serem devorados por animais

(39) O lance deste final trágico é narrado por Cornélio Népos: *De excellentibus ducibus exterarum gentium*, X. 4, 3-5.
(40) Prov. X, 1.
(41) Faz menção à sífilis denominada "mal francês". Ver G. Fracastoro, *Syphilis sive morbus gallicus*, Verona, 1530, doença que, então, tinha o estigma de praga social.

selvagens.[42] Não há modo mais cruel de rejeitar do que entregar aos ferinos instintos o que a natureza consignou para ser encaminhado pela senda da virtude mediante princípios salutares.

Suposto que alguma mulher da Tessália[43] tivesse, por seus encantamentos perversos, o poder e tentasse transmudar teu filho em porco ou em lobo, não o julgarias merecedora de tormentos inauditos por tal malefício? O que incriminas nela, tu o praticas com requinte!

30. Recusar educação, é o mesmo que lançar a criança a lobos rapaces

Vê. A libido, que fera cruel! O luxo, que animal voraz e insaciável! A embriaguez, que bicho bravio! A ira, que quadrúpede devastador! A ambição, que carnívoro hediondo!

Pois bem. A tais feras jogas o filho que, desde o berço, não foi afeiçoado a amar o que é honesto nem a aborrecer o que é torpe.

E ainda mais. Não só entregas às feras como fazem os mais desumanos, mas, o que é execrando em extremo, alimentas para tua própria ruína um animal selvagem e perigoso.

31. Deseducação é crime nefando

Detestável, por certo, aquela laia de indivíduos que arruínam o corpo da criança com superstições, mas, então, que pensar de pais que, por negligência e má educação, infestam o espírito da criança?

Infanticidas são quantos tiram a vida aos neonatos, embora os matem apenas no corpo. Que inominável impiedade então trucidar o espírito! Na verdade, que vem a ser a morte da alma senão a estultícia, a ignorância e a malícia?[44]

De outro lado, ao mesmo tempo, não se exime do crime de lesa-pátria quem, já que isso está sob sua responsabilidade, prepara um cidadão corrupto.

(42) Apesar das leis proibitivas a respeito, vicejava, na época, tal prática nefanda e criminosa.
(43) Tessala e, em particular, a zona de Lamia eram tidas como pátrias das bruxas.
(44) Do plano pedagógico, Erasmo transfere o discurso para o nível ético-religioso. Se a má educação equivale à morte da alma, então "impius est in Deum", isto é, será "ímpio e adverso a Deus" aquele pai que se omite a educar o filho, deixando de conduzi-lo até os patamares do bem e da virtude. (NT)

Isso prova, outrossim, desamor para com Deus de quem recebeu o filho a fim de o educar na linha do bem.

Daí se infere com meridiana clareza. Não é de pouca monta nem de acidental infâmia a mácula que tisna quem descura a educação dos pequenos.

32. O futuro depende dos antecedentes educacionais

Como já frisei, pecam com maior gravidade porque, sobre descuidarem da educação, infestam a inocente e frágil cabeça da criança com iniqüidades de modo a fazê-la aprender elementos do vício, já antes de ter noção do mal. De fato, como vir a ser gente morigerada e alheia ao fausto, se, agora, engatinha sobre púrpura? Ainda não é capaz de articular as primeiras palavras para nomear as coisas e já entende o que é sardinha e pede marisco. Até distingue a sarga do ruivo e repele, com gesto de petulância, comida plebéia.[45]

Como poderá ser pudico na juventude, se, na infância, foi habituado com a impudicícia?[46] Como virá a ser dadivoso, mais tarde, se, agora, aprende o apego ao dinheiro e ao ouro? Quem logra conter um jovem em face do luxo, se teve o paladar corrompido antes mesmo de tomar gosto pela moralidade?

Mal aparece a primeira tendência da moda, pois, dia a dia, a arte dos costureiros, tal como outrora a África, está a produzir algo de novo, então já a presenteamos às crianças. Ela aprende, assim, a comprazer-se consigo mesma. Caso seja contrariada, reivindica com ira. Em suma, como irá depois detestar a bebedeira se, agora, aprende a embriagar-se?

33. De como predispor para a corrupção

São repassadas para a criança certas palavras como disse alguém, apenas toleráveis em orgias alexandrinas.[47] Ao repetir um de tais vocábulos, a criança ganha a recompensa em beijos. Por certo que os pais têm isso

(45) Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 2, 6-8. (NT)
(46) Também o ânimo se corrompe com o conforto em demasia. (NT)
(47) O texto fala das "deliciae alexandrinae", em vernáculo: "orgias alexandrinas". Os testemunhos a respeito da assim alcunhada "vida alexandrina" podem ser colhidos em César, *De Bello Civili*, 3, 110; Petrônio, *Satyricon*, 31; Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 2, 7-8. (NT)

como anódino, já que a vida deles mesmos nada mais espelha senão extravagâncias. E mais. A criança recebe das nutrizes carícias impudicas além de ser induzida à lascívia com toques de mão, como soem dizer. Vê o pai totalmente alterado pela bebida. Escuta o derrame de palavras que deveriam ser silenciadas. Participa de banquetes imoderados e pouco decentes. Presencia a casa toda vibrando ao som de flautas, cantores e cítaras no embalo das bailarinas. Destarte, a criança assimila de tal modo aquelas coisas que as mesmas passam a integrar-lhe a natureza.[48]

Gente há que prepara a criança para a rudeza da vida militar antes mesmo que ela se desfaça do arroxeado do parto. Ensinam o olhar severo, o gosto pelas armas e o manejo de golpes. A partir de tais precedentes, a criança é confiada ao treinador. Como ficar estupefato ante a indocilidade dela diante da virtude, quando já foi, desde tão cedo, amamentada com o leite dos vícios?

34. A natureza auxilia na aprendizagem precoce

Ouço daqueles que acobertam a própria excentricidade: o prazer tirado da impertinência infantil compensa o desconforto em nutri-las. Será que ouvi bem? Como pode ser mais agradável para um pai sério o gesto feio ou a palavra imprópria em boca balbuciante de criança e não palavras bonitas ou imitações de atitudes graciosas? Sim, a natureza premia, de modo peculiar, a criança com a facilidade para a imitação[49], mas, por vezes, aquele pendor volta-se mais para o mal do que para o bem[50]. Será que para pessoa digna a torpeza alegra mais do que a retidão, principalmente, em se tratando de seus filhos?

Se algo de sujo mancha a pele da criança, tratas de limpá-la, no entanto, estás a macular a alma daquela infeliz criatura com nódoas vis! Ora, nada enraíza tão tenazmente como aquilo que se destila num espírito desarmado.[51]

(48) Ênfase dada à força do hábito no processo educativo. (NT)
(49) Bem sobre aquela "facilitas imitandi", isto é, "a facilidade para imitar" que Erasmo fundamenta grande parte de seu método educativo. (NT)
(50) Posto que a escolha do aspecto bom e melhor das coisas requer certo grau de discernimento que ainda inexiste na criança, não admira seja ela mais propensa para o lado menos valioso. (NT)
(51) Plutarco, *Peri Paidon Agogés*, VIII, 14. (NT)

35. Não confundir afetação com educação

Eu te questiono. Que coração materno é essa mulher que segura, em seu regaço, a criança aos sete anos como se fosse boneca? Se necessita de tanto prazer para se divertir que então adquira macacos ou cadelinhas de Melita. "Ora, são crianças!", retrucam. É bem verdade, mas assim subestimam a importância daqueles rudimentos iniciais para o encaminhamento da vida toda da criança. Bem pouco se apercebem de quanto aquela flacidez prolongada torna rígida e intratável a ação educativa por parte do preceptor. Sim, até chamam isso de indulgência ou liberalidade.[52] Melhor fora chamar de corrupção mesmo.[53]

A dúvida é se contra tais mães não caberia mover ação judiciária por causa de maus-tratos. Ali, há indício de envenenamento, algo no gênero do infanticídio.

As leis penalizam a quem submete os filhos aos encantamentos da bruxaria ou lesam seus corpúsculos delicados com substâncias tóxicas. Quanto castigo não deveria recair sobre quem destrói, com o pior dos venenos, a parte mais nobre da criança? De fato, o crime corporal é menos grave que trucidar o espírito.

36. O pendor para a imitação requer acompanhamento pedagógico

Fosse a criança educada entre indivíduos, gagos ou coxos, seu corpo ficaria afetado por força da imitação. Ora, os defeitos da mente são menos visíveis, mas, de outro lado, de propagação mais célere. Por isso, com maior eficácia, os males do espírito se arraigam.

Bem houve o apóstolo Paulo em homenagear o verseto de Meliandro[54], citando-o em sua epístola: "Conversações perversas corrompem os bons costumes"[55]. Esta verdade aplica-se, com maior justeza, às crianças.

Aristóteles, consultado sobre o modo de tornar um cavalo exímio em qualidade, disse: "Basta tratá-lo em meio a cavalos de raça".[56]

(52) Quintiliano, *Inst. Orat.*, I. 2,6. (NT)
(53) Criança, afeita a tratos em excesso indulgentes, torna-se refratária à disciplina dos bons modos. (NT)
(54) Célebre poeta grego, discípulo de Teofrasto e amigo de Epicuro e Zênão. Viveu em Atenas entre 343 a 291 a.C., autor de várias comédias. (NT)
(55) I Cor. 15, 33. (NT)
(56) Diógenes Laércio, *Vitae*, V, 1, 11. (NT)

37. Modelos ecológicos para a pedagogia

Na falência de estímulos por parte da afetividade e da razão para nos capacitar na solicitude a que faz jus a infância de nossos filhos, que então, ao menos, socorra-nos o exemplo tirado de animais selvagens.[57] Nada há, por isso, de vexatório em aprender deles coisas úteis para o dia-a-dia, uma vez que, desde velha data, o gênero humano tem sido instruído por eles em muitas práticas vantajosas.

Assim, o hipopótamo revelou a tal de incisão na veias[58]; sendo que o uso do clister, tão recomendado pelos médicos para crianças, foi demonstrado pelo íbis, ave egípcia. Dos cervos aprendemos como a força terapêutica da erva chamada "orégano" age na extração das setas. Deles ainda somos alertados para o fato de que comer caranguejo é medicina contra picada de tarântula. E ainda mais. Da esperteza dos lagartos sabemos que o orégano também alivia picada de serpente. De fato, tal espécie de réptil, em guerra permanente contra as cobras, tem sido surpreendido, quando ferido, na busca do poder curativo daquela erva.

As andorinhas nos levaram a conhecer a quelidônia[59] e deram seu nome latino àquela erva.[60] Por sua vez, a tartaruga ensina que o orégano selvagem é também útil contra picada de cobra. Foi a doninha a nos indicar o potencial curativo da arruda. Assim, a cegonha, o do orégano.

O javali indica que a hera cura certas doenças. As serpentes, que o funcho aguça a vista. Pelo dragão somos informados de que o ímpeto do vômito é reprimido com alface. Das panteras, que o excremento humano combate o efeito do acônito[61].

A par desses, ainda incontáveis outros recursos nos foram passados pelos animais selvagens e de não desprezível utilidade à terra de pastagens.[62] A andorinha, como aplicar lodo em parede.

Enfim, para não ser prolixo em excesso, pouco ou nada existe de prático

(57) O recurso pedagógico aos exemplos dados pelo universo animal era apelo corrente na literatura clássica e na era do humanismo-renascentista. Ver as passagens do *Apologie de Raymond Sebond* de Montaigne (*Essais*, II, XII). (NT)

(58) O trecho todo foi colhido em Plínio, o Velho, *Nat. Hist.*, VIII, 26, 40; 27, 14; 27, 41; XX, 51, etc. (NT)

(59) Erva de que se teriam servido as andorinhas para recuperar a visão de seus filhotes. (NT)

(60) Em grego, "Kelédon". (NT)

(61) Planta venenosa. (NT)

(62) Plínio, o Velho, *Nat. Hist.*, XVIII, 47. (NT)

na vida humana sem ter a natureza dado um exemplo por meio dos animais selvagens. Destarte, os ignaros em filosofia e em ciência, pelo menos, são orientados pelo comportamento dos irracionais.

38. De como os animais repassam aprendizagem

Não estamos a ver que cada um dos animais não só gera e adestra os filhotes como ainda os auxilia no exercício das funções próprias de sua natureza?

Assim, embora nascidos para voar, para tanto são incentivados e treinados pelos pais. Em casa, observamos como os gatos guiam e treinam os gatinhos na caça aos ratos e aos pássaros, já que, ali, está o alimento deles. Assinalam a presença da presa ainda viva, ensinam a capturá-la com um pulo, enquanto ela foge e, por fim, demonstram o modo de alimentar-se da mesma.

E os cervos? Não adestram, eles, suas crias tão logo nascem? Não insinuam como pôr-se ao encalço? Não as conduzem a lugares escarpados e apontam como dar os saltos? É bem com tais expedientes que eles se safam das emboscadas dos caçadores.

É de atentar, outrossim, para os elefantes e delfins. Eles se valem de certa disciplina pedagógica ao habilitarem seus filhotes.

Dos rouxinóis aprendemos as funções de mestre e de aprendiz. Aquele, enquanto toma a iniciativa, repete e corrige; este enquanto refaz e aperfeiçoa-se.

Do mesmo modo que o cão nasce para caçar, a ave para voar, o cavalo para caminhar, o boi para arar, assim o homem nasce para o bom senso e para as ações honestas.[63]

Tal como cada animal aprende, com facilidade, aquilo que lhe é natural, assim o homem capta, sem grande esforço, os parâmetros da virtude e da honestidade. Com sua força, a natureza deposita nele algumas sementes poderosas de sorte que a função do educador vai ao encontro daquela predisposição.[64]

(63) No original latino "phisophia et honestae actiones", isto é, "filosofia ou razão e comportamento ético". Os dois termos são inseparáveis na pedagogia humanista. Inteligência sem caráter ou vice-versa desintegra a personalidade. (NT)

(64) Observa-se um deslocamento de perspectiva no projeto antropológico de Erasmo. Enquanto no *Enchiridion militis christiani* o homem é visto qual ente estruturalmente frágil e presa fácil das forças do mal, aqui, ele o considera predisposto naturalmente para o bem. Erasmo toma assim posição contra a tese teológica de Lutero que ensinava ter o pecado original destruído no homem a propensão para o bem. (NT)

39. O homem, um ser inconseqüente

O cúmulo do ridículo consiste no seguinte: os animais, desprovidos de racionalidade, conhecem e recordam-se de sua obrigação para com os filhotes. O ser humano, embora o único dotado da prerrogativa racional e por isso distinto dos brutos, ignora quanto deve à natureza, ao amor e ao próprio Deus!

O animal nada espera em recompensa por parte de sua cria como paga da nutrição e da aprendizagem transmitida, salvo a simpática crença a respeito das cegonhas que alimentam, por sua vez, os pais enfraquecidos pela idade e carregam-nos ao dorso.[65]

Em contrapartida, já que entre os homens a idade não logra esfriar os vínculos afetivos, quanto de conforto, de honra e de segurança não angaria quem zela, devidamente, pela instrução do seu filho?

Conclusão

A natureza consigna, em tuas mãos, um campo inculto e vazio, por certo, mas um solo risonho. Caso, por tua incúria, seja abandonado ao mato e espinheiros, então, só com enorme esforço, poderá vir a ser recuperado.

Em suma, árvores gigantes estão ocultas em minúsculas sementes. Que profusão de frutos, quando elas se desenvolvem. Toda aquela produção se perde a não ser que jogues a semente no sulco; que cuides do broto em via de enrijecimento; que o domes até com a enxertia. Em se tratando de planta, eis que te desdobras em atenções. No que tange ao filho, por que estás a dormitar?

(65) Plínio, o Velho, *Nat. Hist.*, X, 32. (NT)

Capítulo II

As trilhas da aprendizagem

1. As três vertentes do comportamento

A explicação para a felicidade plena do ser humano depende de três fatores: a natureza, razão e aprendizagem.[1]

Denomino natureza aquela docilidade e inclinação inseridas na pessoa para as coisas honestas.[2]

Designo razão como sendo a instância doutrinal que adverte e preceitua.[3]

Chamo de aprendizagem o uso do hábito oriundo da natureza, mas aperfeiçoado pela razão. Sim, a natureza postula a razão. A aprendizagem, fora do controle racional, fica flanqueada a muitos erros e perigos.

2. Experiência sem razão não basta

Engana-se, redondamente, quem julga suficiente o fato de ter nascido. De não menor erro padece quem crê adquirir sabedoria só pelo trato das coisas e gerência dos negócios sem as diretrizes da filosofia. Dize-me. O atleta vai ficar destro, mesmo que corra com garra, quando caminha pela escuridão ou ignora o traçado da pista? Como chegar a ser exímio um gladiador que, de olhos vendados, põe-se a desferir golpes a torto e a direito? Com efeito, os preceitos da filosofia são como os olhos da mente.[4] De certo modo, sua luz aclara com antecipação a fim de fazer enxergar como deves ou não agir.

(1) O sistema pedagógico de Erasmo está centrado em três elementos: "razão, natureza e ética". Imita assim Plutarco que fala de: "fúsis, lógos, éthos". (NT)

(2) Reafirma, aqui, a tese a favor da integridade original da natureza humana. Evidente que ele não ignora ter sido essa integridade combalida pelas conseqüências teológicas do pecado original. (NT)

(3) Definido o método qual complexo de ensinamentos e preceitos, Erasmo imprime ao vocábulo uma conotação mais abrangente de cunho ético-filosófico e não propriamente de técnica pedagógico-dialética. A bem dizer, Erasmo estabelece certa equivalência entre os termos método-razão e filosofia. (NT)

(4) Em conseqüência, a filosofia opera à guisa de método porquanto ilumina e conduz a mente na escolha de atos comportamentais que a mera experiência, a "experientia rerum", isto é, "empírica" só encontra ao cabo de sucessivas tentativas, por vezes, até desastrosas e frustrantes. (NT)

Reflete, então. Quantos não tiveram de suportar, ao longo da vida, aqueles que, munidos tão só da experiência, vieram a adquirir algum tipo de patrimônio mesmo pequeno. Pondera se tanto sacrifício é o que desejas para teu filho. E mais. A filosofia ensina mais em um único ano do que em trinta anos a mera experiência por enriquecedora que seja.[5] Seu ensinamento põe segurança onde muitos, assistidos apenas pela prática, mais fracassam que triunfam. Não ficam fora da realidade os antigos ao assegurarem que expor se à prova e tentar sucesso, exclusivamente, mediante a experiência, equivale a correr riscos.

3. O erro ensina, mas a alto custo

Convém comigo. Quem, almejando ter o filho perito em medicina, em vez de levá-lo a compulsar os manuais dos médicos, iria preferir que aprendesse só pela prática qual elemento é nocivo por força do seu veneno ou qual a eficácia curativa do mesmo?

Que desastrosa prudência aquela do timoneiro que aprende a arte de navegar mediante freqüentes naufrágios ou o príncipe que aprendesse a reger por meio de guerras crebras e tumultos nefastos! Ora, a prudência, tão encontradiça, mas dispendiosa de apenas aprender a custo de fracasso, é coisa de mentecapto!

Aprende, sim, mas a preço elevado, quem discerne o certo pelo desacerto. Daí o empenho com que Felipe admoesta o filho Alexandre para ser dócil a Aristóteles e assimilar-lhe a filosofia a fim de não vir a perpetrar coisas que ele próprio lamentava ter cometido.[6] Felipe, como atestam, era dotado de espírito insigne. Que pensar então de gente comum?

4. A mente atina com o certo e com o errado

Aliás, a razão alerta, de modo sucinto, para o que deve ser feito ou evitado. Ela não adverte após a prática do ato: "Saíste mal em tal procedimento; agora, cuida-te para o futuro!". Não. Ela se antecipa ao ato e exclama: "Se fizeres tal coisa, terás a infâmia e o infortúnio como paga!".[7]

(5) A filosofia ("ratio"), por ser, há um tempo, especulativa e prática, desempenha as funções de verdadeiro método de descoberta e de ação. Por isso faculta o acerto efetivo do bem viver. (NT)
(6) Plutarco, *Vita Alexandri*, X e XI. (NT)
(7) Eis aí a importância do método e também da filosofia. Ele tem função pragmática e preventiva. (NT)

Entrelacemos aqueles três fios de sorte que a razão conduza a natureza e a prática complemente aquela.

Não é de agora que observamos como nos animais cada qual aprende, com facilidade, as coisas mais apropriadas para sua natureza, priorizando o que tange à segurança da própria individualidade, já que esta consiste em rechaçar incômodos e perniciosidades. Aliás, esse instinto é inerente às plantas e não apenas aos animais. Daí se constata como as árvores, para o lado por onde sopram a brisa e o bóreas, contraem a fronde e a ramagem, ao passo que as distendem na direção do vento mais brando.

5. O homem, animal racional

Ora, que há de mais eminentemente singular no homem? Viver segundo a razão.[8] Eis porque ele se define como animal racional e por isso é distinto dos irracionais. Que há de mais funesto para o ser humano? Por certo, a estultícia. Em decorrência, nada tão apetecível quanto a virtude. De outro lado, nenhuma outra coisa aprende-se, de modo mais célere, que aborrecer a estupidez, posto que, por mercê da diligência paterna, haja pressa em ocupar o espaço vazio da natureza.[9]

6. A educação falha condiciona para o vício

Entrementes, chegam aos nossos ouvidos estranhas lamentações do povo. Dizem que a natureza infantil é por demais propensa ao desregramento; que é difícil atrair a criança para o gosto de coisas honestas!

Há exagero ao recriminarem assim a natureza. A maior parcela daquele mal deve ser debitado a nossos erros, pois corrompemos o espírito com vícios bem antes de acostumá-lo com a virtude. Não seja isso motivo de estupor. A pouca docilidade da criança para as coisas boas deve-se ao fato de ter sido, anteriormente, predisposta para a devassidão.

De mais a mais, quem ignora que aprender fica mais árduo quando cabe fazer a correção de precedentes?[10]

(8) Sêneca, *Carta a Lucílio*, LXXIII. (NT)
(9) Vez por outra, o autor reprisa a mesma idéia: há vínculo estreito entre natureza e processo educativo, já que aquela se completa por meio desse, seja no plano da racionalidade, seja dos bons costumes. (NT)
(10) A extrema facilidade em aprender torna a criança acessível a tudo quando lhe for apresentado. Daí o rigor com que Erasmo fustiga aqueles que abusam dessa receptividade da mente humana. (NT)

7. Três erros básicos em pedagogia

Aqui, peca-se de três maneiras: ou por negligência total em face da educação dos filhos ou porque são, tardiamente, iniciados na instrução ou, enfim, porque confiados a quem ensina o que deve ser desaprendido.

A primeira categoria já foi assinalada como indigna do nome de pais, pois ela, em nada, difere de quantos abandonam os neonatos, sendo por isso penalizados pelo ordenamento jurídico que também prescreve, minuciosamente, o modo de instruir a infância e a subseqüente adolescência.

A segunda categoria é muita vasta. Bem contra ela encetei a presente polêmica.

A terceira peca de duas maneiras. De um lado, por ignorância, de outro, por negligência. Com efeito, embora não seja freqüente, mas é estupidez desconhecer a pessoa a quem se entrega um cavalo ou uma propriedade rural para serem cuidados. Por muito mais é, de todo, insensatez não avaliar a competência daquele a quem confias a porção mais nobre de tuas posses. Ali, pões diligência para aprender o que não tiras da tua própria experiência. Consultas alguém bem experto na área. Aqui, pensas ser de somenos a quem confiar o filho. Sim, a cada servo sabes, sem demora, atribuir os encargos. Avalias, e bem, o indivíduo que vai ser encarregado do cultivo das terras ou quem vai ser destinado para a cozinha ou incumbido de administrar teus bens.[11] Ao te deparares com alguém talhado para a inutilidade em qualquer função, retardado, preguiçoso, imbecil, glutão, bem a ele é que confias a educação do teu filho. Exatamente a tarefa que requer um artífice primoroso, fica em mão do menos apto dos fâmulos. Como admirar tanta coisa às canhas, se a mente humana anda às avessas?

8. Preferência ao professor inepto

Indivíduos há de caráter sórdido que detestam contratar preceptor idôneo. Pagam mais ao escudeiro do que ao educador do filho, no entanto, esbanjam, de roldão, com banquetes faustosos; passam noites e dias no funesto jogo de dados, investem em caçadas e divertimentos. Em face daquele por cujo amor poder-se-iam dar por escusados pela parcimônia em

(11) Plutarco, o.c., VII, 2. (NT)

tudo o mais, aí, primam pelo regateio e pela sovinice.

Oxalá fossem poucos aqueles que mais gastam com messalinas malcheirosas do que investem na educação dos filhos.

Dizia o Satírico: - Nada custa tão pouco aos pais quanto o filho.[12]

Talvez não seja fora de propósito rememorar aquele lance que, outrora, levava o nome de "Dário de Crates"[13]. O fato é narrado assim: "Reserva para o cozinheiro dez minas; para o médico uma dracma; para o adulador, cinco talentos; para o conselheiro, fumaça; para a meretriz, um talento; para o filósofo, três óbolos." Que falta nesta conta estrambótica senão somar um tostão furado para o educador? A mim me parece que, sob o nome de filósofo, está implicado o de preceptor.

Alguém, bafejado pela fortuna, mas apoucado de espírito, perguntava a Aristipo[14] quanto cobraria para lhe educar o filho.

Este propôs a quantia de quinhentas dracmas. "Pedes um preço excessivo", replicou o pai, "com tal soma eu compro um escravo." Então o filósofo retrucou rápido: "A partir de agora, terás dois por um: o filho, apto para as obrigações e o filósofo que vai educá-lo."[15]

9. Parcimônia em educação revela demência

Na hipótese de alguém perguntar a outrem se deseja ganhar cem cavalos pela perda de um único filho, posto que possua um grão de bom senso, creio que replicará negativamente.

Por que gastar tanto em cavalos e dele cuidar com esmero e não do filho? Por que despender mais na compra de um truão do que na instrução do filho?

Verdade que alguns se aplicam na escolha do preceptor dos filhos, mas entregam-nos à pessoa sob recomendação de terceiros. Assim, é preterido um artífice competente em educação pueril a fim de dar lugar a outro inapto só para atender a insistência dos amigos. Ah, que doideira! No que tange à navegação, não te prendes pela afeição daqueles que fazem recomendações,

(12) Juvenal, poeta latino que viveu entre 55 e 130. Escreveu as *Sátiras*, aqui citada: VII, 187-188. (NT)
(13) Dário de Crates foi mencionado por Diógenes Laércio: *Vitor*, VI, 10,3. (NT)
(14) Cfr. Diógenes Laércio: *Vitor*, II, 8,4 e Plutarco, o.c., VII, 16. (NT)
(15) Segundo Plutarco (o.c. III, 3) trata-se de Diógenes e Cínico, mas D. Laércio atribui a frase a Zenão (*Vitor*, VII, 1-18). (NT)

e, sim, colocas no leme, quem for bastante experiente em comando de naves. Não empregas igual critério com relação ao filho, quando, bem aí, está em jogo o destino dele, dos pais, da família inteira e até da pátria.

Adoece um cavalo. É de ver se vais chamar um veterinário qualquer só por recomendação de amigos em vez de pegar o perito na arte de curar. Será que filho vale menos do que cavalo? Serias tu que vales menos do que o cavalo? Se isso configura torpeza em gente sem expressão financeira, que pensar então de magnatas?!

E mais. Em uma única ceia, como que lançados contra o penedo fatal, os náufragos perdem trinta mil em jogatina, entretanto põem-se a choramingar gastos, quando despendem mil na educação do filho?

10. Quatro recomendações

Ninguém pode dar nem a outrem nem a si mesmo determinado tipo de índole, embora, aqui, o cuidado dispensado pelos pais têm seu peso.

Primeiramente, portanto, importa que o homem saiba escolher uma esposa honesta, nascida de gente educada em princípios sólidos, em gozo de saúde íntegra. Dada a afinidade muito estreita entre corpo e alma, vai acontecer que uma dessas partes ou ajuda ou prejudica a outra.

Em segundo lugar, o marido, ao se relacionar sexualmente com a esposa, não proceda de modo fogoso. Tais disposições transitam para o feto por uma arcana via de contágio. Aliás, certo filósofo parece ter detectado tal fenômeno. Ao deparar-se com um jovem de comportamento nada sóbrio, comentou: "Não admira se o pai dele o tenha gerado em estado de embriaguez."

Eis porque a mim me parece de todo acertado propor que o pai e a mãe sempre, mas, em particular, na época de concepção e da gestação, tenham a consciência livre de qualquer culpa grave e que se sintam plenamente cônscios de si mesmos. Coisa alguma comporta maior tranqüilidade e alegria que semelhante clima de espiritualidade. Desde então devem principiar o atendimento educacional e não ficar esperando pelo décimo, ou como muitos fazem, o décimo sétimo ano de vida.

O terceiro cuidado consiste em a mãe amamentar o filho com seu próprio seio. Caso seja necessário, e oxalá isso ocorra raramente, que então selecionem uma nutriz sadia de corpo, com leite puro, de costumes ilibados

e que não seja dada às bebidas, à rixa nem à impudicícia.[16] Os vícios, quer do corpo, quer da alma, adquiridos no nascedouro da vida, perduram pelos anos afora. Eis porque dizem ser importante selecionar, a dedo, os companheiros de leite e de brincadeiras.[17]

O quarto cuidado está em confiar, criteriosamente, o filho a um preceptor selecionado dentre muitos, aprovado pela opinião geral e testado de diversos modos.

11. Ação pedagógica com acompanhamento

No atinente à seleção, deve ela ser feita com critério e de uma única vez. "Poliarquia"[18] é coisa já condenada por Homero. Donde o velho adágio dos gregos: "A multidão de imperadores fez a ruína de Cária."[19] Ademais, a troca seguida de médicos acarretou a morte para muitos. Também nada de mais inútil que a mudança sucessiva de preceptor. Ao proceder assim, Penélope fica a tecer e a refazer sua urdidura. Aliás, eu sou testemunha. Meninos há que, antes dos doze anos, já tinham passado por quatorze preceptores. Isso é puro descaso dos pais.

Não decresça, pois, a atenção dos pais durante aquela fase. Tenham sob os olhos tanto o preceptor como o filho. Nenhuma justificativa desobriga de tal preocupação. Vigiem tanto o preceptor como o filho. Não ocorra, como sói acontecer, que se transfira todo o cuidado do filho para a mãe. O pai venha ver, de tanto em tanto, o que está se passando, lembrado do que os antigos advertiam com refinada sutileza: "A fronte precede a nuca." E ainda: "Nada apressa tanto a engorda do cavalo do que o olho do dono."[20]

Conclusão

Aqui, estou a falar de criança. Aos maiores convém furtá-los um pouco à vista. Isso corresponde a tal de enxertia, ou seja, redunda em poderoso corretivo do espírito juvenil.

(16) Plutarco, o.c., V, 10-11 e Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1,4.(NT)
(17) Conceito inspirado no *De Civilatate Morum Puerilium.* (NT)
(18) *Ilíada*, II, 204. (NT)
(19) A sentença alude à decadência de Cária, região, outrora, próspera da Ásia Menor. A ruína resultou da anarquia suscitada pela pretensão de muitos para assumir o poder. (NT)
(20) Cfr. Plínio, o Velho, *Nat. Hist.*, XVIII, 5; Plutarco, o.c., XIII, 12; Xenofonte, *Oec.*, XII; Ésquilo, *I Persiani*, 163. (NT)

Dentre as peregrinas virtudes de Paulo Emílio[21], cita-se o fato que, quando não estava ocupado com assuntos de governo, participava das atividades escolares dos filhos.[22] Por sua vez, Plínio, o Jovem[23], não se sentia molestado por ter que visitar a escola por causa do filho do amigo. É que ele assumira o encargo de instruí-lo em diversas disciplinas.[24]

(22) Plutarco, *Vita Pauli Emili*, VI. (NT)
(23) Renomado escritor romano. Viveu entre 61 e 113. Dentre outras obras, deixou o *Epistolário* e o *Panegírico a Trajano*. (NT)
(24) Cfr. *Epistolário*, II, 18. (NT)

Capítulo III

Natureza e vocação

1. A natureza humana se faz perfectível

O que foi exposto, aqui, a respeito da natureza não é coisa simples. Entende-se por natureza algo de comum em cada espécie tal como a do homem que consiste no uso da razão. A natureza implica também algo de peculiar e inerente no indivíduo. Assim se diz: uns são nascidos para os estudos matemáticos, outros para a teologia, este para a retórica e poesia, aquele para a milícia. Os indivíduos são arrebatados, com tal veemência, para tais áreas do saber que argumento algum os demove de lá. De outro lado, em face de estudos indesejáveis, eles se irritam ao extremo e preferem ser lançados na fogueira a aplicar o espírito em disciplina que se lhe antolha odiosa.

Tive a companhia de certo indivíduo[1], esplendidamente versado em grego e latim, com domínio elegante sobre todas as artes liberais. O arcebispo, por cuja liberalidade era mantido até então no campo das letras, pressionou-o para freqüentar o curso de Direito, embora isso lhe repugnasse à natureza. A mim ele trouxe suas apreensões. É que, na época, a gente condividia o mesmo alojamento. Então aconselhei a administrar o capricho do seu protetor porque as coisas árduas, no princípio, ficam mais brandas com o tempo; que desse também uma parte do seu vagar àqueles estudos. Quando ele apresentou alguns espécimes da calamitosa ignorância repassada em programas de aula por professores tidos como luminares do saber, repliquei-lhe que não se apegasse àquilo e só retivesse o que realmente fosse correto. Eu ia persistindo em convencê-lo com várias sugestões. De certa feita, ele retrucou: "Eu sinto, cada vez que me debruço

(1) Refere-se a André Amônio, protegido do arcebispo de Canterbury, amigo de Erasmo e de Tomás More, que se tornou secretário de Henrique VIII. (NT)

sobre tais assuntos, como se uma espada perfurasse meu peito."

Eis aí. Pensa que indivíduos nascidos com tal e tal predisposição não devem ser coagidos a lutar contra Minerva[2]. Seria, como soem dizer, aplicar ungüento em boi ou dar harpa ao asno.

Por vezes são perceptíveis, já nas crianças, alguns sinais da mencionada propensão. Há gente dada à auscultação do horóscopo para detectar indícios que tais. Quanto vale aquela previsão, deixo ao livre-arbítrio de cada um.

Em todo o caso, será vantajoso descobrir isso quanto antes, pois aquilo que se aprende com maior facilidade é bom para o que a natureza predispõe.[3] Não reputo de todo fútil conjeturar sobre a índole do indivíduo em razão do formato do semblante ou da disposição de outras partes do corpo. Até Aristóteles, filósofo eminente, não desdenhou editar uma obra intitulada *Fisiognomonia*[4]. Por sinal, uma obra substanciosa e aprofundada.

Tal como a navegação decorre mais tranqüila quando o vento e as ondas favorecem, assim, mais facilmente, somos instruídos naquilo para o qual a inclinação do espírito nos conduz.

Virgílio indicou os sinais pelos quais se pode avaliar, de antemão, se o boi é bom de charrua e a vaca para a reprodução.[5]

Disse: "Bovino de olho torvo tem ótima qualidade."[6] Ensina ainda as características para depreender do potro eqüino se vai ser bom para torneios olímpicos ou não: "Potro de raça apurada está sempre a galopar pela pradaria."[7] etc. Aliás, conheces o poema.

Em conseqüência, erra quem julga não ter a natureza impresso marca alguma para se conhecer a psique humana. O erro é maior de quem não enxerga os sinais em amostra. Não obstante isso, a meu ver, quase não há

(2) Cfr. Macróbio, *Saturnali*, 7 e São Jerônimo, *Epist*. 57, 12. (NT)

(3) Erasmo insiste em apontar para a necessidade de ir o educador ao encontro dos sinais que revelam os pendores vocacionais da criança para as áreas do saber e/ou do fazer. (NT)

(4) "*Perí tou fisiognomeín*", no original grego. A "Fisiognômica" como ciência teve origem no antigo Egito. No fim do séc. XVIII e princípio do séc. XIX, graças a Gall e Lavater, ganhou foros de autonomia como disciplina no campo da psicologia educacional. No passado clássico, Platão e Aristóteles interessaram-se por ela como educadores que eram. Erasmo acena à obra que leva a chancela da autoria de Aristóteles. Na época de Erasmo, Adamantios, D' Albano, B. Cocler, G. B. Porta, M. Scott eram as respeitáveis autoridades em caracteriologia. (NT)

(5) *As Geórgicas*, III, 51-52. (NT)

(6) Ibidem, 75-78. (NT)

(7) Ibidem, 80-81. (NT)

área de conhecimento, por refratária que seja ao pendor individual,[8] que não se torne acessível mediante instrução e método.[9]

Afinal, o que não aprende o homem, quando o elefante, submetido a treinamento, vira acrobata, o urso fica saltador e o asno dá-se em espetáculo.

Pode-se concluir, se, de um lado, ninguém possui controle pleno sobre a natureza, de outro lado, fica demonstrado a maneira de coadjuvá-la por algum modo.

2. Razão e experiência dependem do esforço pessoal

Em todo o caso, razão e experiência dependem, por inteiro, de nosso empenho.

O alcance da inteligência está, eloqüentemente, evidenciado porque, dia a dia, estamos a ver máquinas engenhosas levantando pesos que, por força alguma, de outro modo, não poderiam ser movidos.

Da eficácia da experiência certifica-nos aquele célebre ditado do sábio de outros tempos.[10] Ele atribui tudo ao esforço e à reflexão.

Por certo, fica de pé que a inteligência requer docilidade tal como a prática implica esforço. Há os que contestam. Dizem que esforço não convém para a idade infantil e ainda perguntam que capacidade de aprendizagem pode existir nas crianças, quando nem sequer têm consciência de serem criaturas humanas?

Respondo, de modo breve, as duas objeções. Quem endossaria a opinião de ter como inapta para o estudo das letras a mesma idade que já é idônea para a educação moral? Na verdade, tal como as virtudes, assim as disciplinas escolares têm as suas iniciações. A filosofia possui infância, juventude e maturidade.[11] Um potro, que se revela de boa raça, não é, de imediato, sujeito aos freios a fim de carregar um cavaleiro com armadura.

(8) De novo o autor bate na mesma tecla: "mens disciplinis hábilis" – "mente apta para as disciplinas". Ser maleável caracteriza a natureza humana. (NT)

(9) A relação entre disposição natural, ensino e prática tem sido, no passado, objeto de estudos por parte de autores de renome: Cícero, *De Oratore*, I, 28, 126; Plínio, o Velho, *Panegírico*, 26-28; Quintiliano, *Inst. Orat.*, II, 8.(NT)

(10) Menção a Periandro, um dos sete sábios da Grécia que viveu entre 625 e 585, segundo Diógenes Laércio, *Vitae*, I, 7, 99. (NT)

(11) Também Montaigne diz: "La philosophie a des discours pour la naissance des hommes comme pour la decrepitude" (*Essais*, I, XXVI, 162-163 a). Eis porque ela é adequada a pouca idade do educando. (NT)

Antes, mediante exercícios leves, aprende como executar arremessos de batalha.[12]

O vitelo destinado ao arado não é, de pronto, submetido ao peso de jugos de verdade, nem acicatado com ferrões, mas, como bem escreve Virgílio: "Os que para a lavoura houveres destinado doma-os, desde o princípio, e educa-os com cuidado; enquanto a idade é tenra, é que aproveita o ensino.

Cingirás a cerviz de touro pequenino com folgado colar de vimes torcidos.

Logo que o sofra bem, dá-lhe um parceiro; e unidos pelos colares seus, um e outro, iguais em tudo, no acertarem o passo, empregam seu estudo. Vão já levando a miúdo um carro, mas vazio, que apenas sulque o pó; logo, medrado o brio, o eixo de faia aos ais com válido carrego, pelo timão chapeado, e as rodas gêmeo rego rasgando, o arrastarão..."[13]

3. As técnicas das proporções educativas

Os campônios sabem como ter em conta a idade dos bois.[14] De acordo com a força deles, fazem-nos trabalhar. Ora, maior há de ser a diligência na arte de instruir os filhos. Para tanto a providencial natureza inseriu, na criança, certas propensões.

Claro que a criança não está ainda em condições de receber comentários em torno dos *Ofícios* de Cícero ou da *Ética* de Aristóteles, nem a respeito das *Obras de Moral* de Sêneca e de Plutarco. Menos ainda em torno das *Epístolas* de São Paulo.[15] Sou eu o primeiro a reconhecer. Isso não obsta que, quando apresenta comportamento inconveniente à mesa, deva ser advertida e, em seguida, ser indicada qual atitude correta.[16]

Do mesmo modo, levada à igreja, aprende como fazer genuflexão, juntar as mãozinhas, descobrir a cabeça, tomar a posição de recolhimento piedoso, silenciar-se enquanto acontecem as funções litúrgicas e ter os olhos voltados para o altar.

A criança aprende tais rudimentos de modéstia e devoção antes mesmo

(12) *As Geórgicas*, III, 179-208. (NT)
(13) *As Geórgicas*, III, 166-173. (NT)
(14) Cfr. Varrone, *De re rustica*, II, 5, 6; 7, 5. (NT)
(15) Eis, em síntese, o programa das leituras indicadas para a escola secundarista, conforme Erasmo propõe no *De ratione Studii*. (NT)
(16) A respeito das boas maneiras, ver o *De Civilitate Morum Puerilium* na tradução de nossa lavra sob o título: *A civilidade Pueril*. (NT)

de saber falar. Aquelas atitudes, permanecendo integradas nela, ao longo dos anos, representam ponderável reforço para a sua religiosidade autêntica.[17]

E mais. Logo ao nascer, a criança não distingue os pais de outras pessoas. Depois passa a conhecer a mãe e, em seguida, o pai. A pouco e pouco, vai aprendendo a reverenciar, a obedecer e a amar. Ela desaprende a ira e a vingança. Desaprende, outrossim, a garrulice inoportuna. Aprende a levantar-se ante os idosos e a descobrir-se perante o crucifixo.

4. Grandes vícios nascem de pequenos defeitos

Quem pensa que semelhantes elementos e outros mais de virtude não pesam para a vida morigerada, comete erro.

Certo adolescente, repreendido por Platão porque estava a jogar dados, queixou-se por ter sido advertido, de modo severo, em defeito tão de somenos. Então, o filósofo replicou-lhe: "Por pequeno que seja o defeito de jogar dados, torna-se grande se virar hábito."[18] Tal como pequeno vício, se costumeiro, ganha proporções, assim miúdos atos de bondade, tornando-se habituais, adquirem relevância na linha do bem.

Efetivamente, aquela tenra idade é receptiva para tais atitudes. Por natureza, ela é maleável para todo tipo de bom comportamento, desde que não seja infestada por vícios de espécie alguma. Aliás, ela se compraz em imitar. Basta dar-lhe ocasião.

Tal como ela se adapta aos vícios, já antes de saber do que tratam, assim, com igual facilidade, a criança se afeiçoa com os hábitos corretos. Hábito, nascido em ânimo puro e tenro, é duradouro. Daí, aquele belo verso de Horácio: "A natureza sofre a ação da foice, mas ela se refaz."[19]

Eis aí. O poeta descreveu com magnífica propriedade, mas referia-se à árvore adulta. Por isso o agricultor atilado arruma a plantazinha conforme o modelo que almeja para a árvore de porte. De fato, bem logo fica incorporado na natureza aquilo que lhe foi inserido de princípio.[20] Sabemos

(17) A expressão "religião autêntica" está estampada no original como "ad veram religionem". Erasmo se posiciona assim em meio à explosão dos novos segmentos religiosos aos quais a Reforma de Lutero deu origem no solo europeu de então. (NT)
(18) Cfr. Diógenes Laércio, *Vitae*, I, III, 38.
(19) Cfr. Sêneca, *Epistolar*, I, 10, 24. No original: "Naturam expellas furca, tamem usque".
(20) Está a dizer que os hábitos contraídos precocemente gravam-se na alma qual segunda natureza.

que argila por demais úmida não retém a forma impressa, e cera bastante mole é inepta ao toque do artista. Porém, dificilmente, haverá idade, por tenra que seja, sem aptidão para a disciplina.

5. Idade alguma é tardia para aprender

Para Sêneca "Idade alguma é tardia para aprender."[21] Até onde isso corresponde à verdade, não ouso confirmar. Em todo o caso, idade mais avançada é renitente para certo tipo de aprendizagem. O que não se duvida é que nenhuma idade, por ser prematura, seja imprópria para a instrução, máxime no que diz respeito àquelas coisas afins da natureza humana.

Como já falei acima, a natureza prendou a criança de todo gosto pela imitação de tal sorte que tudo quanto ela vê e escuta, tenta, em seguida, reproduzir, comprazendo-se no sucesso.[22] Dir-se-ia que aparenta ser um pequeno símio, mas, bem aí, está a prefiguração da flexibilidade de gênio.

Eis porque, desde nascido, o homem vem aparelhado para captar os ensinamentos sobre os bons costumes. Apenas aprende a falar e está hábil para ser iniciado no aprendizado das letras. Em suma, para aquilo que tem prioridade, acorre, de pronto, a docilidade.

6. Erudição sem virtude mutila o caráter

Por conseguinte, embora a erudição tenha lá infinitas vantagens, caso não esteja a serviço da vida virtuosa mais prejudica que beneficia. Daí, e com mérito, ter sido negada pelos doutos[23] a tese daqueles que defendiam dever a idade inferior aos sete anos ficar longe dos estudos. Tal opinião muitos atribuíram a Hesíodo. Aristófanes[24], o gramático, nega que as *Instituições*[25], obra que veicula tal parecer, é mesmo de Hesíodo.[26]

Seja como for, só poderia ter sido um insigne escritor a editar aquele

(21) *Epist Mor.*, IX, 5.
(22) Erasmo valoriza o pendor para a imitação como fator da aprendizagem.
(23) Dentre eles, Crisippo e Quintiliano. (NT)
(24) Aristófanes de Bizâncio, gramático de renome que morreu em 150 a.C., mestre de Aristarco. Foi quem introduziu, na escrita, a pontuação e os acentos tônicos e gráficos. (NT)
(25) Desta obra restam apenas oitos versos. A crítica moderna confirmou serem mesmo da autoria de Hesíodo. Trazem como título *Keironos Ipotécai*, isto é, os preceitos que o centauro Quirão teria transmitido ao jovem Aquiles. (NT)
(26) Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1, 15 registra o texto completo. (NT)

livro. Aliás, bem por isso os eruditos conferiam a paternidade da obra a Hesíodo. Deixando de lado a polêmica sobre a autoria, há de reter que nenhuma autoridade vale tanto a ponto de impedir a adoção daquilo que é melhor só porque proposto por algum desconhecido.[27]

Aqueles que endossam tal sentença, não professam devesse todo o lapso de tempo até os sete anos ficar alheio aos cuidados da instrução e, sim, que, antes daquele limite de idade, não fosse a criança atormentada com encargos escolares que geram enfado devido à malhação tal como ouvir explanações, repetir e reproduzi-las por escrito.[28]

Realmente, não será fácil se deparar com uma índole tão dócil, tratável e dúctil que a tudo isso se acomoda, de pronto, dispensando qualquer tipo de estímulo.

Conclusão

Crisipo[29] dá três anos às nutrizes, não para, naquele interstício, eximirem-se da instrução, máxime nos costumes e na linguagem, seja por parte delas, seja por parte dos pais, e sim com o fito de predisporem a criança, com modos mais brandos, na direção da virtude e das letras, por ser inquestionável concorrerem e muito aquelas boas atitudes para a formação pueril.[30]

(27) Transparece daí a polêmica em curso na época sobre a prevalência da autoridade aristotélica. Ver, a propósito, Petri Rami, *Aristotelicae Animad Versiones*, *Parisiis*-1543 e *Ciceronianus*, 1557. (NT)
(28) Eram as três operações elementares ensinadas às crianças. (NT)
(29) Filósofo grego. Viveu entre 291 e 207 a.C. Foi um dos fundadores da Escola Estóica à frente da qual sucedeu a Cleante. (NT)
(30) Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1, 16. (NT)

Capítulo IV

Os agentes na educação

1. A colaboração dos pais e das amas

Dado consistir a primeira fase de instrução pueril em aprender a falar de modo claro e correto, aí, realizaram, no passado, apreciável colaboração as nutrizes e os pais. Aqueles primórdios concorrem para o aprendizado da locução como ainda para o uso da inteligência e o posterior conhecimento em todas as modalidades.[1] A ignorância do idioma impede ou atrasa e até transtorna aquele universo do saber, máxime, a teologia, a medicina e o direito.

No passado, a eloqüência dos Gracos foi admirada, porém, boa parte daquele sucesso deve ser tributada a Cornélia[2], mãe deles. Assim pensa Marco Túlio que escreve: "Ela educou os filhos não só no colo, mas também na língua materna." Eis aí. O colo materno foi para eles a primeira escola.

Não é por menos que Lélia[3] espelhava, em sua dicção, a elegância do pai, Caio. Algo de extraordinário nisso? Quando ainda pequena, ela já era, entre os braços do pai, embebida no modo de falar dele.

O mesmo aconteceu com as irmãs Múcia e Licínia, sobrinhas de Caio. Em particular, louva-se a graça de Licínia em seu modo de falar. Ela, filha de L. Crasso[4] e, se não me falha a memória, esposa de um certo Cipião.

E quantos outros exemplos ainda. Famílias inteiras há que, ao longo da posteridade, persistiram no mesmo garbo de locução dos seus antepassados.

(1) A conexão entre "ratio" e "oratio" faz com que o estudo da linguagem e de outros idiomas tenha função propedêutica para os estudos subseqüentes e mesmo para a estruturação do raciocínio. (NT)
(2) Brutus, XXVII, 58. (NT)
(3) Lélia, filha do famoso orador Caio Lélio, amigo de Cipião Emiliano, era filha de G. Múcio Scevola. (Cfr. Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1, 6). (NT)
(4) Refere-se a Lúcio Licínio Crasso, orador portentoso, que viveu entre 140 a 91 a.C. Lembrado por Cícero no *De Oratore*. (NT)

A filha de Quinto Hortêncio[5] reproduzia, com tanta perfeição, a eloqüência paterna que, de certa feita, ao proferir um discurso diante dos Triúnviros, foi enaltecida, e isso não por mera condescendência ao seu sexo, como frisa Fábio.[6]

Sim, para que a criança fale, de modo correto, influem, e muito, as nutrizes, os pedagogos e os companheiros de jogo.

No atinente ainda a idiomas, tamanha é a receptividade naquela faixa etária que, dentro de poucos meses, um menino germânico aprende francês sem se dar conta do que acontece consigo e ocupando-se em outros afazeres. Resultado tanto mais certo quanto menor a idade. Se tal ocorre com línguas bárbaras, sem regras de gramática ou que escrevem de um modo e pronunciam de outro ou servindo-se de sons estridentes e nada afins da voz humana, então quanta facilidade não se terá com as línguas latina e grega!

Contam que o rei Mitríades[7] dominava vinte e dois idiomas e administrava a justiça na língua própria de cada um de seus súditos, sem recurso à intérprete.

Temístocles[8], no espaço de um ano, aprendeu, com perfeição, a língua persa a fim de poder comunicar-se, sem entraves, com o rei.[9] Pois bem! Se a idade adulta enseja tais prodígios, que então não esperar da criança!

2. Outros dois fatores: memória e imitação

A estratégia completa reduz-se, em última instância, a dois fatores: a memória e a imitação.[10] Já foi demonstrado, acima, que a criança possui pendor espontâneo para a imitação. Memória, e por sinal, fidelíssima, os sábios reconheceram-na como peculiaridade infantil.[11] Fosse para pôr

(5) Outro célebre orador romano. Viveu entre 115 e 50 a.C. Foi cônsul em 69 a.C. Era rival de Cícero. Conhecido pelo seu estilo no "gênero asiático", recamado de figuras fantasiosas e rebuscado no puritanismo sintático. (NT)
(6) Cfr. Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1, 6. (NT)
(7) Monarca do Ponto. Viveu entre 132 e 63 a.C. Moveu três guerras contra os Romanos. Pompeu derrotou-o em Sila. (NT)
(8) General e estadista grego. Viveu entre 535 e 470 a.C. Venceu a frota persa em Salamina, preservando assim a independência da Grécia. (NT)
(9) Refere-se a um rei da Pérsia. Ver Plutarco, *Vito Temistoclar*. C. Nepote, *Temistice*, 10; Tucides, *Istoria*, I, 138. (NT)
(10) Aí os dois eixos da aprendizagem em idade infantil. São os recursos que facilitam na aquisição de idiomas estrangeiros. (NT)
(11) Cfr. Plutarco, *Peri...*, XIII, 13, 14; Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1, 19. (NT)

em dúvida a credibilidade deles, teríamos que nos render, de plano, aos fatos da experiência. Coisas vistas, na época da infância, estão gravadas na memória como se as tivéssemos presenciado, relidas depois de dois dias, já parecem novidades.

De outro lado, raro o adulto que logra sucesso na aprendizagem de línguas. Se acontecer, a tonalidade e a pronúncia correlatas ou não calham bem a ninguém ou só a poucos.

Não seria de evocar, aqui, exemplos muitos peregrinos para erigi-los em regra comum. Não fica bem convocar os adolescentes de dezesseis anos para o estudo da língua só porque Catão, o Velho[12], tão tardiamente, estudou literatura latina e, já com setenta anos, a grega.[13] Vale, sim, o exemplo de Catão de Útice[14], muito mais adouto e eloqüente que o anterior. Desde pequeno freqüentava o pedagogo Saperdão.[15]

3. Ação deletéria das más companhias

No presente assunto cumpre ficar de sobreaviso. Aquela faixa etária, por ser mais sujeita ao impulso da natureza do que à razão, com igual facilidade senão, talvez, em proporção maior, está mais propensa para o mal do que para o bem. E ainda. Ela esquece as coisas corretas mais rapidamente do que aprende as incorretas. Fato este que não escapou à observação de filósofos entre os gentios, entretanto, eles não atinaram com a causa que só foi trazida à tona pela doutrina cristã. Esta professa que a tal de inclinação para o mal entrou em nós como herança de Adão, o cabeça do gênero humano. A par da consistência desta doutrina, há de ater-se ao fato que a maior parcela daquele mal emana das perversas companhias e da má educação, principalmente, na idade tenra com sua receptividade pronta.[16]

Conta-se, a propósito, que Alexandre Magno, quando criança, fora

(12) Catão viveu entre 234 e 149 a.C. Conhecido pela severidade dos costumes, pugnava, no Senado, pela destruição de Cartago. Ocupou os cargos de tribuno, questor, cônsul e depois censor. (NT)
(13) Cícero, *De Senectute*, 8. (NT)
(14) Viveu entre 96 e 45 a.C. Foi tribuno contra Pompeo e César. Filósofo estóico que era, durante a guerra civil, trajava-se de luto em sinal de protesto. (NT)
(15) Cfr. Plutarco, *Cato Min.*, I. (NT)
(16) A passagem inteira parece em contraste com a tese principal de Erasmo que enfatiza a propensão natural para o bem. Ele está a destacar o refluxo malévolo e concomitante do meio ambiente. (NT)

iniciado em alguns vícios pelo pedagogo Leônidas de sorte que deles não se livrou nem depois de adulto, já alcandorado ao poder imperial.[17]

Enquanto durava entre os romanos aquela tradicional integridade de costumes, a criança não era confiada às mãos de educador mercenário porquanto devia ser instruída pelos próprios familiares e parentes tais como os tios e os avós, segundo Plutarco. Semelhante procedimento era tido como ponto de honra indeclinável para a linhagem do sangue. Para isso dispunham de pessoas peritas em educação liberal, enquanto que, hoje, a nobreza se apega mais à pintura, a brasões esculpidos, a danças, à caça e ao jogo de azar.[18]

A propósito dizem que Espúrio Carbílio, um liberto cujo patrão homônimo fora o pioneiro a inaugurar o paradigma do divórcio, abriu a primeira escola para aprendizagem das letras.[19]

4. A instrução educacional e os pedagogos domésticos

Outrora, era de obrigação, qual dever primordial de amor, instruir os consangüíneos na área da virtude e da erudição. Hoje, ao invés, só existe uma única preocupação: dar ao menino uma esposa bem prendada. Logrando tal objetivo, pensa-se ter cumprido, em perfeição, os deveres para com o filho.

Com a deterioração dos costumes, o comodismo persuadiu que tal encargo fosse entregue ao pedagogo doméstico e, assim, um ser livre fica aos cuidados de algum escravo para fins instrucionais.[20]

Aceita tal praxe, ao menos que houvesse critério na escolha. Então o perigo seria minorado na medida em que o educador não só ficasse sob a vigilância dos pais, mas ainda debaixo do controle dos mesmos em caso de eventual defecção. Sim, os mais avisados ou adquirem servos competentes em letras ou, antes, encaminham para serem aparelhados de conhecimentos de modo a ficarem em condição de trabalhar na formação pueril.

(17)Cfr. Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1, 9; Plutarco, *Vita Alexandris*, V. (NT)
(18)Crítica severa à nobreza de fachada. Erasmo volta a fustigar tais costumes em *Institutio Principi Christiani*. Também G. Bule (Paris, 1547) ocupava-se do mesmo tema no seu *De l'institution du prince*. (NT)
(19)Plutarco, *Quaestiones Romanae*, 59; Tito Livio, *Historiae*, 3, 44. (NT)
(20) Erasmo critica a prática de entregar uma pessoa "livre", isto é, quem está destinado a receber educação "liberal", ao cuidados de um escravo, ou seja, pessoa que não goza de "*status* liberal". (NT)

Na verdade, de maior acerto mesmo, seria que os próprios pais capacitassem a si mesmos para a área das letras e, assim, transmitissem ciência a seus filhos. Daí então decorreriam duas vantagens tal como comporta efeito duplo quando um bispo se revela homem pio e, assim, arrebanha mais fiéis, enquanto os inflama pela piedade.

5. Não falta tempo para o que merece nosso apreço

Podes até retrucar. Todos não dispõem de tempo para arcar com missão de tamanha envergadura.

Eu, porém, contesto, ò preclaro Senhor! Convenhamos cá entre nós. Quanto tempo não se esbanja em bebedeiras, em jogos de azar, em espetáculos e encenações burlescas! Penso ser de enrubescer a alegação da falta de tempo bem para aquilo que deve ser realizado com preterição de tudo o mais. O tempo é suficiente para todos os afazeres, posto que usado com a devida frugalidade. O dia se torna curto quando desbaratamos a maior parte das horas. Avalia que porção de tempo reservamos aos amigos para fins de divertimentos frívolos. Se não é possível abrir espaço para todas as obrigações, ao menos que os filhos tenham a parte preferencial.

Trabalho algum poupamos, quando se trata de deixar, em herança, um patrimônio substancioso e seguro, no entanto, em face do que sobrepuja a todos os demais bens, desfalece o empenho bem onde o amor natural e o retorno por parte daqueles que nos são extremamente caros mitigam qualquer fadiga. Não fosse assim, jamais as mães agüentariam o desconforto da longa gestação e o aleitamento. Sem dúvida, ama pouco o filho quem se deixa tomar de acídia em instruí-lo.[21]

6. Erudição não dispensa conhecimentos vulgares

É de reconhecer. Em outras épocas, as condições de ensino eram menos complicadas, pois a língua era a mesma entre os produtores de literatura e a multidão de ignaros. A diferença era que os eruditos falavam de modo mais correto e elegante, com pertinência de conteúdo. Confesso que seria de

(21) A educação complementa e aperfeiçoa o educando nas dimensões intelectiva e moral. Não basta gerar e alimentar. O amor autêntico cuida de elevar o educando a planos superiores, diferenciando-o do trato dispensado aos irracionais. (NT)

grande avanço para a instrução se tal costume persistisse nos dias de hoje. Daí não faltar quem arrisca evocar aqueles velhos modelos de antanho.

Assim eram, entre os frígios, os Canter[22]. Na Espanha, a rainha Izabel, esposa do rei Fernando, de cuja casa saíram aquelas donzelas admiradas pela nobreza, cultura e graciosidade no convívio.[23] Entre os ingleses, a personalidade ímpar de Tomás More[24] que, embora absorvido por tantos assuntos régios, deva-se ao trabalho de preceptor da esposa, das filhas e do filho, antes de tudo em princípios morais e depois na aprendizagem das duas línguas básicas para a literatura. Eis o que deveria ser generalizado para os destinados à erudição. Não existe de forma alguma o tal perigo de desconhecerem o linguajar do povo. Querendo ou não, por força da convivência, eles acabam por aprendê-lo.

Na hipótese de não ter dentro da família quem conhece as letras, seja, bem logo, chamado algum instrutor, porém testado quanto à moral e à erudição.

Demência mesmo seria, como dizem, ter o filho na conta de um Cario para aferir se o designado possui ou não competência em letras e moralidade.[25] Alhures até que se pode relevar tal cochilo. Aqui, cada qual deve ser um outro Argos[26] de olho para todos os lados. Dizem: na guerra não cabe errar duas vezes. Aqui não é lícito sequer uma única vez. Para concluir: quanto mais cedo o menino for entregue ao formador tanto mais sucesso terá a instrução.

7. Educação pré-escolar não afeta a saúde

A esta altura, aparece quem alega existir perigo na aprendizagem escolar porquanto esta torna a frágil saúde da criança mais precária ainda.

(22) Família holandesa que se distinguia pela rara erudição de seus membros. Dentre eles havia renomados juristas e tradutores de textos latinos e gregos. (NT)

(23) Isabel denominada "católica", era mãe de Catarina de Aragão, uma das esposas de Henrique VIII. Sua filha Maria, foi aluna do humanista e amigo de Erasmo, J. L. Viés. Este dedicou à Catarina o opúsculo *Institutio feminae christianae*, isto é, *A educação da mulher cristã* (1523). À mesma Catarina, Erasmo dedica o *Christiani matrimoni institutio*, isto é, *A educação do matrimônio cristão*. (NT)

(24) Autor da *Utopia*, humanista, chanceler de Henrique VIII da Inglaterra. Viveu entre 1478-1535. Amicíssimo de Erasmo. Este lhe dedica o *Morial encomium*, isto é, *Elogio do More*. Hoje, publicam-se estudos sobre a educação refinada que More repassou para seus filhos. Ver, a propósito, *Thomas More et l'education des filles* em *Revue Philosophique* (1956, pp. 539-547). (NT)

(25) Erasmo fala também em outras obras a respeito dos Carios, gente avessa à cultura. (NT)

(26) Príncipe argivo dotado de cem olhos. Fora posto como guarda junto de Io, a amada de Júpiter, por ordem de Juno. (NT)

Poder-se-ia responder. Mesmo que algo se perdesse em robustez corporal, tal carência seria, esplendidamente, recompensada com os exímios dotes do espírito. Evidente que não se está a preparar um atleta e, sim, um intelectual, um homem apto a gerir a coisa pública. Basta-lhe saúde normal, sem pretensão de fazê-lo competir com o vigor físico de um Milão[27], todavia, insisto, há de se atenderem as exigências da idade de modo que nada perca do vigor corporal.

Com efeito, enquanto, de um lado, muitos temem prejudicar a criança com o estudo, de outro lado, não se atemorizam com o perigo acarretado pelo consumo imoderado de alimentos que prejudicam não menos o espírito que o organismo,[28] sem falar da diversidade de carnes e bebidas nada condizentes com aquela idade. E há mais. Levam os filhos a banquetes freqüentes e prolongados, atravessam noitadas onde são engolfados em alimentos apimentados e quentes a ponto de, por vezes, vomitarem. E mais: apertam e incomodam seus tenros corpúsculos com vestes poucos confortáveis, por pura ostentação, tal como muitos enfeitam macacos com vestes masculinas.[29] Outros efeminam os meninos com modos extravagantes. Em nada disso lhes ocorre temer pela saúde da criança. Prejudicial parece-lhes só quando alguém começa a falar do estudo, a coisa mais necessária e salutar dentre todas as demais.

8. Educar sem sofisticação

O que foi explanado a respeito da saúde aplica-se ao cuidado pela estética corporal. Esta não pode ser, de todo, preterida, embora o exagero não convenha ao sexo masculino. Que se tema antes, e com igual escrúpulo, menos do desgaste oriundo dos estudos e mais da corrupção por parte do empanzinamento nos prazeres, na embriaguez, em longas noitadas, em brigas e ferimentos, enfim, a nefanda sífilis da qual não escapa jovem algum afeito à vida desregrada. De coisas que tais, quem zela pela saúde e beleza dos filhos, deve mantê-los distantes e não dos estudos. Aliás, com

(27) Milo de Crótão, atleta excepcional que viveu no séc. VI a.C., herói invencível nos jogos olímpicos. (NT)

(28) Erasmo combate a glutonaria tão em voga e propõe dietas saudáveis. (NT)

(29) Erasmo cuida da elegância sóbria nos trajes. Ver a respeito: *A Civilidade Pueril*. (NT)

jeito, é possível reduzir o esforço ao mínimo, ficando também diminuto o desgaste. Isso se logra não pelo volume de coisas indiscriminadas, mas só com as selecionadas pela qualidade e adaptadas àquela idade que capta mais o lado jocoso e menos as sutilezas. A maneira leve de propor os assuntos faz com que seja entretida como se brincasse em vez de praticar uma tarefa. Nesse particular, aquela idade deve ser ludibriada com certos artifícios de fantasia, já que ainda incapaz de entender quanto de frutuoso, de digno e de satisfação lhe advirá dos estudos, no futuro. Efeito que resulta, em parte, da doçura e da afabilidade do educador, e, em parte, da perícia e dedicação no transmitir as diversas disciplinas de modo que o estudo vira alegria, aliviando a criança do clima de imposição onerosa. Inadmissível, sim, aquela atuação de preceptor que levaria a criança a odiar o estudo antes mesmo de estar à altura de entender por que deve gostar disso.

9. Qualidades do professor: amar, e fazer-se amar

O primeiro grau da aprendizagem consiste no amor ao professor.[30] Com o caminhar do tempo, a criança, que foi iniciada no amor ao estudo por causa do amor ao mestre, passa a amar o mestre por amor ao estudo. Do mesmo modo que presentes e outros tipos de mimos são bem-vindos justamente por provirem de pessoas mui queridas, assim os estudos, enquanto não podem ser ainda apreciados por si mesmos, ficam encarecidos pelo afeto que se devota aos mestres. Foi o que afirmou, com retidão, Isócrates[31], ao declarar que aprende muito mais quem arde no desejo de aprender.[32] Aprendemos, sim, com muito entusiasmo, daqueles aos quais amamos.

Indivíduos há de caráter tão azedo que nem da esposa conseguem afeição. São de fisionomia raivosa e trato tenebroso. Mesmo quando acolhedores, refletem ira. São incapazes de falar de modo manso. Não sabem corresponder ao sorriso das pessoas. Dir-se-ia, com segurança, que

(30) Erasmo introduz a "sodalitas" ("solidariedade") entre professor e aluno, quebrando assim a distância hierárquica que facilitava a impunidade no uso da violência. O novo modelo de relacionamento pedagógico terá ainda por promotores Colet em Londres e Sturm em Estrasburgo, ambos expoentes do humanismo da época. (NT)
(31) Orador e professor de eloqüência. Viveu em Atenas de 436 a 338 a.C. Arrependido por ter cooperado com Filipe da Macedônia na conquista da Grécia, deixou-se perecer de fome. (NT)
(32) *Ad Demonicum*, I, 182-18. (NT)

as graças estavam de costas no nascimento deles. Enfim, indivíduos sequer idôneos para domar cavalos xucros. Não suceda, pois, que entregues às mãos deles crianças inocentes, apenas desmamadas.

Há quem pense que justamente a tal categoria de gente deve ser confiada a educação infantil. É que confundem semblante sombrio com santidade. Ora, não é seguro fiar-se apenas nos traços da fisionomia. Atrás daquela fachada pode aninhar-se uma chusma de vícios perversos.

Também não calha bem, aqui, expor aos olhos de pessoas decentes o que de indecoroso aqueles abutres submetem os meninos em clima de terror. Aliás, nem sequer os pais logram educar, corretamente, os filhos, quando estes ficam tomados de pavor.

A primeira tarefa do professor consiste em ser benquisto. A seguir, paulatinamente, sobrevém não o terror, mas o respeito liberal[33] que vale mais do que o medo.

10. Escola não é Ergástulo

Que aproveitamento proporciona-se às crianças, de apenas quatro anos de idade, matriculando-as em jardins literários, sob a direção de preceptores desconhecidos, rudes, de costumes nada sadios, por vezes desequilibrados e até lunáticos ou afetados de epilepsia, quando não da lepra denominada da "sarda gálica"?

Basta deparar-se com indivíduos abjetos, sem profissão, desqualificados, e, logo, são tidos como qualificados para reger a escola. Então eles se julgam reis natos. Não admira a fúria em tomar posse do império que não é sobre feras, como diz o poeta cômico, e, sim, sobre aqueles cuja idade requer proteção e muita ternura.

Dir-se-ia que, ali, não existe escola e, sim, ergástulo. Apenas se ouvem o crepitar das palmatórias, o estrépito das varas, as lamentações e os soluços em meio à balbúrdia de ameaças ferozes![34]

(33) A "liberalis reverentia" nasce espontaneamente, no ânimo da criança e contrasta em tudo com o temor servil, oriundo dos métodos de represália tão em voga. (NT)
(34) A respeito da crueldade nos métodos educacionais praticados então, ler o testemunho de Célio Curione no *De leberis honeste et pie educandis libellus*, Basiléia, 1555. Também Montaingne fala de tais barbaridades no *Ensaio*, I, XXVI, 165 c. (NT)

11. Os mercadores de cultura escolar

Loucura mais desatinada ainda é entregar os filhos, como sói ocorrer, aos cuidados de mulherzinha ébria para aprenderem a ler e a escrever. Já repugna à natureza que a mulher domine os homens. Acima de tudo porque nada mais peculiar àquele sexo que, ao ser perturbado pela ira, enfurecer-se com muita facilidade e só aquietar-se depois de saciada pela vingança.

Até existem mosteiros e os assim denominados "Colégios de Irmãos" à caça de lucro nesta área, que, em suas dependências, administram o ensino às crianças mediante homens de relativa competência, quando não despreparados de vez. Isso é até tolerável, posto que pudicos e cordatos.

Semelhante modalidade de produzir educação tem lá o apoio de muitos, porém, a meu sentir, ninguém, almejando ter o filho educado liberalmente, jamais deveria submetê-lo a tal expediente.[35]

(35) Erasmo toca, aqui, na ferida que iria, ao longo dos séculos seguintes até os dias de hoje, marcar a presença da Religião Católica e também de outras confissões cristãs, dentro do mundo da educação. A título de evangelizar mediante o ensino das letras e de outras artes liberais, certos grupos, embandeirados de religiosidade, encontram, aí, verdadeiras minas de ouro. Por serem donos de volumoso patrimônio, tais organizações desfrutavam de poder no interior da própria Igreja de Cristo. Se Erasmo estivesse, hoje, vivo, certamente, seria submetido ou ao ostracismo ou à pira da exclusão. Isso porque já não há mais lenha para as fogueiras inquisitórias. Caso houvesse, queimá-lo-iam vivo em nome da unidade de ideário e da comunhão de sentimento fraterno! (NT)

Capítulo V

A antipedagogia do castigo

1. Oxalá só existisse escola pública

Imperioso mesmo é ou não existir escola ou apenas haver escola pública.[1] Este último sistema se revela mais adequado ao atendimento coletivo. Bem mais cômodo sujeitar muitos pela disciplina sob o comando de um único preceptor do que levar a termo uma educação personalizada. Nem por isso está em questão tanger manadas de asnos ou de bois e, sim, educar, liberalmente, seres livres. Tarefa, aliás, tanto mais árdua quanto sublime.

Enquanto a tirania coage cidadãos pelo temor, a função da realeza governamental prima em mantê-los no clima da benevolência, moderação e prudência.

2. Modelo do educador autêntico

Diógenes, capturado pelos Eginetas e conduzido ao mercado, foi interpelado pelos leiloeiros sob que rótulo gostaria de ser apresentado aos compradores. Ele respondeu: "Anuncia se interessa a alguém adquirir um homem que entende do comando de pessoas livres."[2] O insólito pregão provocou risadas em muitos. Houve quem, com filhos menores em casa, abordasse o filósofo para certificar-se da apresentação. O filósofo apenas

(1) Ao contrapor "Schola Publica" a "Schola Privata", Erasmo aborda um problema de remotíssima data. Já Quintiliano (*Inst. Orat.*, I, 2, 1-31) ocupa-se do assunto. Os filósofos educadores do Humanismo e da Renascença trazem o debate à baila. Vegio, Sturm, Vives, Badin, Baduel e tantos outros manifestam preferência pela escola pública. O aspecto da publicidade da escola, enquanto sob o controle de autoridade do Estado, pende para a ênfase dada à necessidade de trocar o preceptor particular pelo mestre que dirige um contingente maior de alunos de modo a eliminar a figura individual e privativa do professor. Na escola privada, o aluno ficava entregue aos caprichos do preceptor que se sentia mais à vontade para a prática de todo tipo de excesso, inclusive a violência. (NT)

(2) Diógenes Laércio, *Vitae*, VI, 2, 74. (NT)

ratificou. O adquirente deduziu daquele breve colóquio que, ali, estava um indivíduo nada vulgar. Antes, debaixo daqueles andrajos, escondia-se uma sabedoria peregrina. Tendo realizado o negócio, conduziu-o para sua casa e confiou-lhe os filhos para instrução.

3. Em princípio, todo castigo é contraproducente

Para os escoceses, os mestres-escolas de França são especialistas em pancadaria. Quando questionados a respeito, respondem que aquele povo, tal como dizem dos frígios, só se corrige à paulada. Até onde isso corresponde à verdade, outros que o digam. De minha parte reconheço haver, sim, certa diferença de um povo para outro,[3] porém bem mais expressiva é a peculiaridade do gênio de cada um.

O certo é que, com pancadaria, trucidas antes de corrigir a quem podes conduzir a teu talante, mas com mansuetude e repreensão branda.

Reconheço em mim mesmo tal índole desde pequeno. O preceptor,[4] para quem eu era preferido dentre os demais porque alimentava sei lá que sonhos de grandeza a meu respeito, mantinha-me sob vigilância cerrada. Por fim, resolveu testar minha capacidade para aturar castigo. Alegou então qualquer falta que nem por sombra cometera e bateu-me. Aquilo esvaziou todo o meu gosto pelos estudos, desmotivando de tal sorte meu entusiasmo pueril que pouco me faltou para vir a falecer de tanto penar. Em todo o caso, aquela amargura fez-me contrair a tal de febre quartã.

Ele, ao reconhecer, mais tarde, seu erro, deplorava junto aos amigos e dizia: "Estive a pique mais de perder do que entender aquele talentoso caráter." Realmente, ele não era nem grosseiro nem incompetente. Muito menos o reputo maldoso. Se, mais adiante, ele se tocou, para mim já era tarde.

Egrégio Príncipe! Pondera comigo, a esta altura, quantos excelentes educandos postos à perdição por tais algozes brutais, muito embora todos eles, enfatuados de pseudo-habilitação, mal-humorados, dados à bebida,

(3)Erasmo expressa, aqui, seu pensamento anti-segregacionista. É a favor o internacionalismo sem discriminação racial. (NT)
(4)Refere-se, com muita probabilidade, a Rombolo a quem Erasmo conhecera em Deventer, quando freqüentava a "Escola dos Irmãos". Dele, Erasmo guardaria uma imagem tenebrosa. (NT)

cruéis, violentos por profissão e de temperamento a tal modo agressivo que se comprazem na tortura alheia. Enfim, indivíduos que deveriam ser antes carniceiros ou algozes. Jamais educadores de crianças!

4. Castigo acoberta incompetência

Ninguém flagela de maneira mais cruel a criança do que o professor que nada tem a ensinar. Que outra coisa sabem fazer no magistério tais indivíduos senão matar o tempo com cenas de espancamento e vociferação. Bem de perto conheci certo teólogo, e por sinal renomado,[5] cuja sanha de crueldade contra os discípulos nunca arrefecia também porque tinha a seu serviço mestres francamente agressivos. Ele estava convicto de que aquele era o único modo de reprimir a rebeldia de espírito e domar o desbragamento da juventude. Não passava a refeição em comum sem findar, tal como nas comédias, no mesmo episódio hilariante. Assim, findo o repasto, um ou mais eram destinados ao suplício das varas. E, de quebra, iam também aqueles que nada deviam. Talvez para se habituarem ao rito da flagelação.

De certa feita, estava eu assentado ao seu lado, quando, após a refeição, segundo a praxe, ele chamou um menino, penso que de dez anos. Havia pouco que o garoto fora trazido pela mãe para aquela comunidade escolar. O teólogo mesmo disse que a criança tinha como mãe uma senhora muito distinta pela piedade, sendo que ela, com bastante empenho, recomendara-lhe o filho. Pouco depois, a fim de ter justificativa de punição, começou a legar sei lá que ato de petulância, coisa que o acusado nem de longe imaginara cometer. Acenou, em seguida, para o encarregado da disciplina, denominado "prefeito do colégio", mas alcunhado "cão de guarda", para submeter o menino ao castigo. Aquele, mais que depressa, lançou o menino ao chão e vergastou-o qual réu de sacrilégio. Aliás, o teólogo chegou a bradar mais de uma vez: "Basta! Basta!". O algoz, ensurdecido pelo furor, persistia na macabra tarefa, não o tendo levado à síncope por pouco. Voltou-se, então, o teólogo para nós e disse: "Nada disso o menino merecia, mas

(5)Pensam os historiadores que seja ele Jean Standonck, reitor do Colégio de Montaigu, em Paris. O episódio, aqui narrado, teria ocorrido em 1495, época em que Erasmo residia naquela cidade. (NT)

era necessário humilhá-lo."[6] Foram tais, literalmente, suas palavras.

Quem jamais corrigiria um servo de modo igual a esse ou um asno?

Cavalo de raça doma-se com assobios e carícias e não com látego e espora. Se o molestam em demasia, torna-se arredio, coiceiro, mordente e dá de andar a ré.[7] O boi, por sua vez, fustigado com excesso, livra-se da canga e investe contra o picador.

Deve-se lidar com o espírito tenro e grácil da criança tal como um filhote de leão. Só o jeito amansa elefantes e não a força. Aliás, não existe animal tão feroz que não se renda ao bom trato. De mais e mais, não há animal tão manso que não fique furioso ante tratos imoderados.

É coisa de escravidão corrigir por meios do temor à pena. Se é corrente chamar os filhos pelo qualificado de "livres", justamente por convir-lhes educação liberal, então em nada sejam equiparados a servos.

Enfim, quem se capacita disso e tem os servos na conta de criaturas humanas e não de feras, procede por atos de comiseração e de bondade a ponto de escoimá-los dos laivos da escravidão.

5. Educar é arte dos modos

No que tange ao relacionamento com os patrões, exemplos admiráveis houve que são de recordar. Por certo aqueles senhores não teriam os seus servos com semelhantes disposições se os tivessem mantido debaixo só da força dos flagelos.

O servo de temperamento flexível corrige-se mais rápido com advertências, com o senso de vergonha e de responsabilidade do que à chibata. Se for incorrigível, ele empedernece até tomar atitudes de extrema maldade. Então, ou causa prejuízo ao dono com a própria fuga, ou maquina algum tipo de morte contra seu senhor. Também não é raro vingar-se dos maus-tratos mediante o suicídio. O homem, com efeito, é o único animal

(6) Segundo A. Renaudet, na sua obra *Humanisme et Renaissance* (Paris, 1958, p. 119), a tal de prática da "humilhação" era um dos recursos para enquadrar o aluno na disciplina da casa, induzindo-o a abdicar da vontade própria.
Obs: De passagem, o responsável por estas notas atesta que tais práticas brutais e nefandas ainda não desapareceram de todo. Como presidente do Tribunal da Igreja, teve, em suas mãos, a denúncia de um caso análogo ocorrido fora da área de sua jurisdição. (NT)

(7) Prov. 26, 3. Plutarco, o.c., IV, 13. (NT)

formidando que rechaça a injúria atroz com o desprezo pela própria vida. Eis porque o provérbio corrente diz que cada um tem tantos inimigos quanto são seus servos. A ser isso verdade, então, penso eu, tal fato há de ser passado, antes do mais, para a conta da iniqüidade dos patrões.

Ter domínio sobre os servos depende menos da fortuna e mais do jeito. Se os patrões de alma generosa empenham-se em levar os servos a serem prestativos, mas de modo menos servil, preferindo tê-los como libertos, que absurdo, então, isso de tornar servo na educação a quem a natureza dotou de liberdade?

Com sagacidade o velho cômico[8] parece ter atinado bem com a grande diferença entre pai e patrão: "O patrão age em clima de coação; o pai, ao invés, habitua o filho ao pudor e à liberdade de sorte a comportar-se honestamente de modo espontâneo e não por temor de castigo, sendo sempre o mesmo quer esteja na presença paterna, quer não." E acrescenta: "Quem não consegue isso, que declare não ter logrado ascendência sobre seus filhos."

Entre pai e patrão há de intercorrer distância bem maior do que entre monarca e tirano. Os tiranos, nós os rechaçamos do Estado e, no entanto, assumimo-nos para educarem nossos filhos, quando não somos nós próprios a exercer tirania sobre eles.

6. A escravidão deve ser banida de vez

Aliás, já é tempo de ser banida, de uma vez para sempre, dentre os costumes cristãos, aquela sórdida palavra "servidão". Paulo recomenda Onésimo a Filemão, não como escravo e, sim, qual irmão caríssimo.[9] Na Carta dos Efésios[10], adverte os patrões para temperarem a autoridade e refrearem as ameaças contra os escravos, lembrando-os de serem antes companheiros do que senhores porque o patrão comum de todos está nos céus. Aquele que vai pedir contas dos pecados cometidos tanto pelos donos quanto pelos servos. Eis porque o Apóstolo exige dos patrões que não sejam ameaçadores nem muito menos flagelantes. Não diz "deponham os

(8) Trata-se de Micião, personagem do *Menecmi* de Terêncio (Cfr. I cena, ato I, vv. 76-77). (NT)

(9) Philip. 1, 4-25.

(10) Ef. 6, 9.

açoites" e, sim, "eliminem as ameaças".

Nós ainda queremos para os filhos bem o açoite! Enfim, aquilo que bem apenas os capitães de naus e os piratas usam contra seus remadores.

7. O modelo divino de educar

Quanto aos filhos, qual o preceito do mesmo apóstolo? Se, de um lado, não permite que sejam castigados como servos, de outro lado, ordena expurgar as admoestações e repreensões de qualquer tom de severidade e amargura. Recomenda: "Vós, pais, não exaspereis os filhos até a ira; mas educai-os na disciplina e correção segundo o Senhor."[11] Que disciplina é aquela emanada do Senhor, com facilidade, descobre quem pondera a mansidão do amor com que Jesus ensinou, suportou, incentivou e, progressivamente, foi conduzindo os discípulos pelos patamares do amadurecimento.

8. As múltiplas maneiras de afligir o aluno

As leis humanas restringem o poder senhoril e permitem aos servos moverem ações de maus-tratos contra os patrões. De onde procede tal desumanidade entre cristãos? No passado, Auxo[12], certo cavaleiro romano, corrigiu o filho à vara e com tamanho rigor que este veio a falecer. Aquela barbaridade comoveu o povo a ponto de pais arrastarem o algoz até o Fórum e, ali, crivaram-no de estiletes, sem a mínima consideração pelo seu prestígio de cavaleiro. Foi com muito esforço que Otávio Augusto conseguiu libertá-lo daquele aflitivo tormento.

Quantos Auxos não estamos a ver hoje! Indivíduos que lesam a saúde das crianças com a sevícia da chibata, debilitando-as e até matando!

Para seviciar, só as correias já não bastam mais. Batem com o cabo e desferem bofetadas e socos contras os pequenos. Agarram, mesmo qualquer objeto ao alcance das mãos e arremetem-no contra eles.[13]

Narram os livros judiciários que certo indivíduo deixou no occipício do aprendiz o desenho do formato do tamanco de madeira, fazendo saltar para

(11) Ef. 6, 4. E ainda: I Cor. 7, 21-23; Gl. 3, 28; Col. 3, 22-25; Tt. 2, 9-10; Filip. 1, 10-17; I Tim. 6, 1-2.
(12) Extraído da obra de M. Végio: *De lib. ed.*, I, 16.
(13) Ver em Montaigne (*Ensaios*, II, XXXI, 679-690) [illegible] de pais que [illegible] de violência contra os filhos. (NT)

fora um dos olhos. Ainda bem que a lei puniu-o por tamanha atrocidade.[14] Que dizer de quantos acrescem contumélias abomináveis aos suplícios?

9. Um caso fragoroso de crueldade

Jamais eu teria dado crédito ao fato que passo a narrar, se, pessoalmente, não tivesse conhecido a vítima da crueldade e também o agressor.[15]

Certo menino de apenas doze anos, filho de pais com elevado padrão social e aos quais o preceptor devia reconhecimento, foi submetido a tratos tão execrandos que apenas podem ser atribuídos a um Mecênio[16] ou a um Falaris[17].

Entupiram, com fezes humanas, a boca do garoto até o ponto de não poder expelir a carga, tendo, em decorrência, que deglutir boa parte.

Que tirano ousaria cometer crueldade tão grande? Diz o provérbio grego: "Após teus manjares, saberemos."[18]

O menino, despido, foi suspenso com cordas pelas axilas para figurar o castigo aplicado a furtos infames e tidos como os mais detestáveis entre os germanos. A seguir, suspenso no ar, foi flagelado de todos os lados, ficando a pique de morte. Quanto mais tentava provar que não cometera o tal do erro tanto mais recrudescia o martírio. Acontece que o carrasco estava mais terrível que o próprio suplício. Tinha olhos de serpente, boca cerrada e rugosa, voz estridente como alma penada, face lívida e cabeça em transtorno. Ao ouvir as ameaças e as injúrias que sua bílis extravasava, pensar-se-ia num Tisifão[19].

E qual o desfecho?

Depois do suplício o menino adoeceu com riscos graves para a integridade física e mental. O carrasco, então, com o propósito de eximir-se de qualquer incriminação, escreveu ao pai para vir e levar o filho quanto antes, pois tinham sido intentados, em vão, todos os recursos no

(14) M. Végio, o. c., l.c. (NT)
(15) Erasmo não deixou elementos que permitem identificar o carrasco. (NT)
(16) Soberano etrusco cuja ferocidade foi perpetuada por Virgílio (*Eneida*, VII, 648 ss.). (NT)
(17) Tirano cruel de Agrigento (640-594 a.C.) lembrado pelo poeta Luciano. (NT)
(18) *Odisséia*, I, 100. (NT)
(19) Tisifão, uma das três Erínias gregas, ou das Fúrias latinas, encarregadas de punir os culpados no momento em que eles entravam nos infernos. Ver Virgílio, *Eneida*, 6, 56. (NT)

atendimento ao infeliz.

Fato é que a enfermidade do corpo até que foi, em parte, debelada pelos medicamentos, mas a sua mente ficou profundamente abalada, sendo de crer que jamais recupere o vigor anterior.

Não pensem que aquela crueldade foi a única. Ao longo do tempo em que o menino esteve aos cuidados do agressor, não passava dia sem que, uma ou mais vezes, fosse, com sadismo, açoitado.

Creio que o leitor, já de há muito, vinha imaginando a enormidade da falta para merecer penalidade tão dolorosa. Respondo em poucas palavras. Foram encontrados livros da vítima e de outros dois, manchados de tinta, além de vestes rasgadas e os sapatos sujos com esterco humano. O autor daquelas estripulias, aliás, menino propenso desde o nascimento para malfeitos do gênero e identificado como agente de outras sandices, era o sobrinho do insano diretor, por parte da irmã. Em outra ocasião, imitando as proezas que os soldados costumavam fazer na guerra e nos seus exercícios de quartel, na casa onde estava como hóspede, retirou a tampa de um barril, deixou o vinho escorrer por terra e, depois, apressado, foi advertir que estava sentindo odor de vinho. Era ainda habituado, todo o dia, a brincar de espada com um companheiro de sua idade. Não procedia esportivamente, mas levava tudo a sério. Tudo isso deixava entrever nele o futuro delinqüente e assassino ou algo análogo. Enfim, um soldado mercenário. O preceptor, então, embora o favorecesse, temendo que os rapazes mutuamente se ferissem, apartou o parente.

E mais. Ele tirava largo proveito de um outro indivíduo, tomando parte naqueles grupos de evangélicos[20] aos quais o único objetivo é o dinheiro. O pai, um homem de bem estava convicto de ter o filho junto de um preceptor honesto e vigilante. Na verdade ele vivia na companhia de um carrasco disfarçado ao qual servia como doméstico e secretário de indivíduo semilouco e enfermiço.

Como o preceptor era mais indulgente para com seu parente do que em

(20)Com o termo "evangélico", além de designar os luteranos e os novos ramos do protestantismo então nascente qual fruto da Reforma, o autor designa aquelas facções de fanáticos que faziam do Evangelho um pretexto para se locupletarem financeiramente. (NT)

relação ao outro, do qual, no entanto, e6xtraía benefícios em larga escala, desviou a suspeita sobre o inocente, atribuindo-lhe malícia a ponto de ser capaz de rasgar e emporcalhar as próprias vestes a fim de descartar de si qualquer suspeita. Na verdade, tratava-se de um menino de excelente família. Jamais dera o mínimo indício de índole perversa. Aliás, ainda hoje, nada mais alheio a seu comportamento que qualquer sombra de maldade. Agora, fora daquele clima de terror, ele mesmo conta, com precisão, como tudo aquilo aconteceu.

10. Maus-tratos físicos implicam ação judiciária

A tais pedagogos é que os nobres cidadãos confiam os filhos, o tesouro mais precioso de suas vidas, enquanto aqueles lastimam não receberem salários à altura de seus serviços. O referido algoz bem que reconheceu seu erro, mas preferiu persistir na insanidade a ter que confessar o crime. Lamentável que contra indivíduos de semelhante naipe não se movam ações judiciárias de maus-tratos. Aliás, a severidade da lei não é suficiente para reprimir tal tipo de crueldade desalmada. Em criatura alguma a ira é tão implacável como naqueles indivíduos em que está aninhada qual epilepsia. Coisas compatíveis só com Frígios e Citas[21], povos cruéis e desatinados. Delas passo a referir algumas amostragens a título de reforço do presente argumento.

Os iniciantes, ao ingressarem em escolas públicas, são coagidos a despirem-se da "beca"[22], termo bárbaro para um costume não menos rebarbativo. O jovem inexperiente é mandado para o estudo das artes liberais, mas, ao invés, a quantos ultrajes deprimentes para a sua dignidade de ente livre vai ser submetido!

Primeiro, empastam-lhe o rosto como para barbear. Para isso usam a

(21) Povos notoriamente cruéis. Frígios habitantes da Frígia (ver Tácito, *An.*, 4, 74). Citas, povo nômade do Norte da Europa e da Ásia. Não confundir os Citas, aqui referidos, com os Citios, habitantes de Citio (Cfr. Cícero, *Tusc.*, 5, 34), nome da cidade velha de Cripre (Cfr. Plínio, *H. Nat.*, 5, 130), ou de cidade homônima da Macedônia (Cfr. T. Liv. 42, 51, 1). (NT)

(22) "Beanus" era uma sigla (B.E.A.N.U.S) que resumia a frase: "beanus est animal nesciens vitam studiorum", isto é, "beanus" significa: "animal que ignora a vida dos estudos". Na Idade Média esta frase era escrita na roupa dos calouros, quando das matrículas em curso superior. A mesma frase tomou a forma vulgar de "bejaune" ou "bec-jaune" ou "becco giallo". Daí, a origem da palavra "beca". (NT)

urina ou outra loção mais fétida ainda. O mesmo tipo de líquido é embutido pela boca adentro com a proibição de expelir. Com socos violentos quebram-lhe o brio de adolescente. Depois, fazem-no engolir farta dose de vinagre, de sal ou de qualquer outra substância que lhes der na veneta desvairada. Por último, os promotores da brincadeira exigem juramento de obediência a todos os seus caprichos. Por fim, levantam-no pelo ar, em posição dorsal e atiram-no qual aríete contra um poste.[23]

A brutalidades tão vis, sobrevêm, freqüentemente, febres e dores imedicáveis que afetam a espinha. Por último, aquelas brincadeiras descabidas findam em bacanais.

11. A sandice dos trotes universitários

É com iniciações de tal natureza que são formulados os bons augúrios para os estudos das artes liberais. O certo seria reservá-las para adestrar algozes, torturadores e traficantes de donzelas ou a um Cário[24] de espírito venal ou ainda a alguém destinado às galés. Nunca a jovens voltados ao culto das Musas e das Graças.[25]

É de estarrecer que jovens devotados ao estudo das artes liberais sejam infernizados com tal requinte. O que mais constrange é constatar a aprovação por parte dos responsáveis pela juventude.

Aí, a palavra "tradição" está para oferecer cobertura a loucuras descabidamente repugnantes como se um costume perverso fosse diverso do erro inveterado a ser extirpado a todo custo também porque viceja à solta.

Análogo ao referido costume, aquele denominado "vésperas"[26] entre os cultores da Teologia. Aliás, outra palavra insípida essa de "vésperas" para

(23) A prática de tal crueldade a modo de aríete vinha lá dos costumes brutais da Idade Média. Era como que uma variante da antiga "bucalatio" medieval que consistia em usar "el fondo schiena del giovane come una sorta d'ariete per sfondare una porta". (NT)
(24) Cários, habitantes da Caria, província da Ásia Menor (Cic., *Flac.*, 65). Era gente de má catadura. (NT)
(25) O homem "liberal" do Humanismo nada tem a ver com o "liberal" da economia dos séculos subseqüentes. Aqui, a liberalidade equivale à liberdade qual prerrogativa da racionalidade. Resulta do cultivo das artes liberais em convívio com as musas e as graças das artes. Ali, o monstro ávido de lucro monetário alimentado pelo utilitarismo prático. (NT)
(26) Alude às "disputas vespertinas" ou "vesperae disputationes", isto é, as quatros questões propostas pela banca examinadora ao candidato a título de Doutor em Teologia, na noite anterior à defesa da tese. (NT)

traduzir coisa insulsa. Só mesmo no gosto de bufões e nunca de teólogos. Em todo o caso, quem professa os estudos liberais deveria também praticar brincadeiras do mesmo nível, isto é, "liberais".

12. O castigo não exceda a admoestação

Retornemos ao mundo da criança. Aí, nada mais contraproducente que habituá-la aos flagelos. Essa enormidade transmuda a índole mais dócil em rebeldia e reduz os desanimados ao desespero. A assiduidade de castigos debilita o corpo enquanto a mente fica insensível à força da palavra. Também aquela freqüência de repreensões acres deve ser eliminada.

Remédio aplicado sem critério exacerba a doença ao invés de trazer alívio. De outro lado, se usado reiteradamente perde a eficácia tal como alimento insípido e pouco saudável.

A esta altura, não vai faltar quem trombeteia os oráculos dos hebreus: "Quem poupa a vara, odeia o filho; quem ama o filho, habilita-o ao castigo dos flagelos."[27] E ainda: "Dobra a cabeça do teu filho enquanto jovem e bata nos seus flancos enquanto ainda criança."[28]

Pode ser que os mencionados castigos fossem adequados aos tempos antigos dos judeus. Hoje, devemos interpretar aquelas palavras hebraicas de modo mais humano. Aliás, fosse para serem tomadas aquelas sentenças em sentido literal, então que pode haver de mais absono como "fletir a cabeça" ou "malhar as laterais" da criança?! Por acaso trata-se de adestrar um touro para o arado ou um burro para a carga e não um ser humano para a virtude? Qual o prêmio prometido? "Que não venha a pulsar à porta do vizinho".[29] Assim, para o filho teme-se a pobreza como mal supremo. Ora, pode haver algo mais decepcionante que esse modo de sentenciar?!

Nossa vara não exceda a admoestação civilizada. Vez por outra, uma correção, porém, temperada pela mansuetude e nunca pela cólera. Com tal procedimento repreensivo, podemos, sim, afeiçoar os nossos filhos para receberem, dentro de casa, a instrução correta do bem viver sem estarem compelidos a mendigar conselhos junto aos vizinhos sobre modos de procedimento.

(27) Prov. 13, 24. E os passos análogos: Prov. 3, 11-12; 6, 20-23; 12, 1; 13, 1-18. (NT)
(28) Ecl. 30, 12. (NT)
(29) Ecl. 30, 1. (NT)

13. Educar pela técnica da persistência

O filósofo Licon[30] deixou dois fortes estímulos para aguçar o espírito da criança. Vergonha e louvor! Vergonha é o receio de censura justa. Louvor é o pábulo de todas as artes. Estes dois excitantes hão de avivar o espírito da criança.

Se for do agrado, vou mostrar qual o relho para malhar as laterais do teu filho: "O trabalho duro vence todos os obstáculos", proclama o poeta.[31] Eis então. Vigiemos, encareçamos, insistamos, exigindo, reiterando e inculcando. É com o bastão dessa espécie que se bate nos lados de nossos filhos.

Antes do mais, aprendam a amar e admirar o que é honesto bem como as letras, além do horror às torpezas e à ignorância.[32] Atentem eles para o fato de serem alguns elogiados pelo bom procedimento enquanto outros são vituperados por seus erros. Que contemplem os exemplos daqueles que abeberaram, na fonte da educação, glória altaneira, riqueza, altivez e autoridade. Ao contrário, vejam os exemplos daqueles nos quais os maus hábitos esculpiram um espírito vazio de entendimento. Isso só lhes reverteu em infâmia, desprezo, pobreza e ruína.

Em conclusão, apenas flagelos dessa espécie são dignos do cristão, discípulos do mansíssimo Jesus.

14. Bater só em caso extremo, mas moderadamente

Se não se lograr êxito algum com admoestação, súplica, emulação[33], apelos ao louvor e à vergonha, nem por outros meios mais, o caso então justificaria, por derradeiro, o uso de varas, mas é imperioso agir de modo civilizado e decoroso. Nunca desnudar o corpo da criança inocente, máxime ante os olhares de muitos. Isso toca as raias da contumélia. Também tão em voga, o submeter crianças e inocentes à pancadaria.[34]

(30) Licon era filósofo peripatético de Lícone de Troada, filho de Astianate, discípulo de Estratão. Ficou conhecido por sua obra de pedagogia. Ver, a propósito, *Vitae*. V, 4, 1 de Diógenes Laércio. (NT)
(31) Virgílio, *As Geórgicas*, I, 145-146. Enquanto Virgílio emprega o verbo vencer no pretérito perfeito "vicit" ("venceu"), Erasmo usa-o no presente do indicativo. Esta frase torna-se lema na vida de muitos renascentistas. (NT)
(32) Sabedoria e honestidade formam o binômio da pedagogia erasmiana. (NT)
(33) Em latim "aemulatio". A "emulação" já *fora* proposta por Quintiliano como estímulo. Ver *Inst. Orat.*, I, 2, 22. (NT)
(34) Quintiliano, o.c., 3, 14. (NT)

Alguém objetaria: que fazer com quem não se apega aos estudos senão fustigado por flagelos? Respondo de modo breve: "Que farias de bois e asnos que adentram pela escola? Não os enxotaria para o campo, uns para o moinho e outros para o arado? Seres humanos há não menos aptos ao arada e ao moinho que bois e asnos."

Mas, aí, um outro replicaria: "Então, decresce a grei. E pior, diminui o lucro." Coisa intolerável! São lamúrias de indivíduos que prezam mais o lucro do que o aproveitamento das crianças.

Infelizmente, a classe vulgar dos mestres-escolas pensam assim.

Capítulo VI

O perfil do educador

1. É missão do governo zelar pela imagem do educador

Reconheço. Do mesmo modo que os filósofos esculpem a imagem do sábio, do retórico ou do orador, de forma a torná-la quase inexistente na prática, assim é bem mais cômodo delinear o perfil do educador do que apontar indivíduos que personificam o modelo traçado. Na verdade, empenho de tal natureza deveria ser de ordem pública,[1] seja por parte das autoridades profanas, seja por parte dos próceres eclesiásticos.

Tal como se preparam indivíduos para lutar em linha de combate e os que cantam nos templos, assim, com maior dedicação, dever-se-ia preparar aqueles que vão formar os filhos dos cidadãos na linha da retidão e da liberdade.

Vespasiano, destinava, anualmente, de seus vencimentos, cem escudos aos professores latinos e gregos de oratória.[2] Por sua vez, Plínio, o Jovem, retirava de seus próprios proventos uma soma nada pequena para a mesma finalidade.[3] Com o cessar de tais preocupações da parte dos poderes públicos, então que, ao menos, cada um vele por sua família.

2. Solidariedade social em favor do magistério

A propósito, questionarias. Poderiam os pobres fazer algo nesse sentido, quando mal conseguem alimentar os filhos? Como ficam distanciados da possibilidade de contratar preceptores!

(1) Erasmo pleiteia a "escola pública". O caráter público da escola contrapõe-se, no seu entender, ao "ensino privado", isto é, a cargo de preceptor particular. A escola pública enseja a quantos dotados de talento, mas desprovidos de recursos financeiros, terem acesso, mediante os estudos, ao desempenho de funções com melhor paga. (NT)

(2) Está o autor a sugerir que a escola pública receba também ajuda financeira por parte dos poderes oficiais. (NT)

(3) Plínio, o Jovem, *Epistolae*, IV, 13. Outra sugestão para resolver o problema da escola pública: a parceria com os particulares. Erasmo não admite que se faça do ensino um comércio ou fonte de locupletação. (NT)

Aqui, quedo-me. Apenas evoco aquele lance da Comédia: "Já que não me é permitido o que desejo, ao menos faço o que posso."[4]

De minha parte, eu me restrinjo a propor o modo melhor possível de educar. Quanto ao dinheiro, nada possuo para oferecer. Caberia, sim, à liberalidade dos afortunados patrocinarem os talentos de indivíduos agraciados pelos dons da natureza, mas a braços com restrições no orçamento familiar e, em decorrência disso, impedidos de explicitarem seu potencial inato.

3. O educador não discrimina o rico do pobre

A fim de que a irreverência, companheira da familiaridade, não empane o pudor e o respeito, diria ser necessário, como dizem, o modelo deixado por Sarpedão, o pedagogo de Catão de Útice[5]. Ele soube conciliar o máximo de elegância em bons costumes de primorosa qualidade com a autoridade sobre o discípulo, sem o recurso ao medo do azorrague.

É de ver como se comportariam aqueles que só entendem de espancamentos, caso estivessem incumbidos da instrução dos filhos de um César ou de reis! Àquelas crianças é vedado aplicar o látego.

Diriam, então, que os filhos de príncipe estão fora das regras do jogo.[6] Ora essa! Que ouço eu!? Por ventura cada um não tem o próprio filho em conta de coisa tão preciosa tal como nascido de rei?

Se a fortuna não lhe sorriu, por razão maior, são necessários os subsídios da educação e das letras a fim de poder levantar a cabeça.

De outro lado, para os apaniguados pela fortuna a filosofia também é uma ajuda valiosa na administração dos próprios bens.

Ademais, casos há de indivíduos tirados dos baixios sociais para governar, chegando até mesmo à dignidade suprema do pontificado. Verdade que nem todos sobem tão alto, mas todos devem ser educados para tanto.[7]

(4) Terêncio, *Andria*, IV, 5, 806. Platão, *Ipias Maior*, 301; *Crátilo*. (NT)
(5) Plutarco, *Catão*, I. (NT)
(6) Erasmo afirma o princípio da igualdade, seja no âmbito da natureza, seja no da ética. Os seres humanos possuem dignidade que independe da condição social. (NT)[7] Estabelece assim a meta ideal para a escola pública: preparar indivíduos aptos a qualquer papel na sociedade. (NT)
(7) Estabelece assim a meta ideal para a escola pública: preparar indivíduos aptos a qualquer papel na sociedade. (NT)

4. Educar é a arte de incentivar o educando

Seja este adendo para pôr fim à polêmica com indivíduos de mão leve. Os sábios condenam leis e magistrados que apenas terrificam penalidades sem saber como aliciar para o bom caminho ou como propor medidas preventivas para ser evitados atos passíveis de punição.

Assim procede a maioria dos pedagogos que se limita a castigar por faltas cometidas, mas omite-se em instruir o educando no modo de agir corretamente.

Cobram a lição. Se o aluno erra, apanha enquanto professores se gabam de exímios na função de ensinar. O certo seria que a criança recebesse alento a fim de amar os estudos e aprendesse a ter receio em decepcionar o mestre.

Até parece a alguém que me demorei em demasia neste assunto. Estaria ele coberto de razão. Em todo o caso, sempre que andar em voga algum crime hediondo, nunca haverá exagero em denunciá-lo.

5. Condição primordial: amar o educando

Fora de dúvida o quanto de gratificante comporta assumir a educação pueril, suposto, porém, que com o mesmo afeto a inflamar o coração dos pais. Sob essa condição, a criança aprende com maior receptividade porque não se desgasta no tédio pela tarefa, dado seja verdade que, em qualquer desempenho, o amor ameniza grande porção das dificuldades. A propósito adverte o antigo provérbio: "Semelhante ama seu semelhante."[8] Por isso convém que o preceptor, de algum modo, saiba fazer-se criança a fim de granjear o amor da criança.

Bem em razão disso não me simpatiza confiar a criança a indivíduos provectos e quase decrépitos para fins de iniciação nos primórdios das letras. Os velhos, a bem dizer, são crianças efetivas e já não simulam balbuciar porque, na realidade, estão a balbuciar. O desejável mesmo é pessoa no verdor dos anos que não detesta criança nem faz discriminação.

(8) Este provérbio é caro a Erasmo: "omoion omoloi", em latim, "similis simili", isto é, "igual ao igual". Extraído, por certo, de Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, VIII, 1, 1155 a; IX, 3, 1165 b.

6. O método da graduação crescente

Aqui, na área da educação, deve-se proceder como fazem os pais e as nutrizes no trato com o corpo.[9]

Como é que elas ensinam, de princípio, a emissão de sons das palavras à criança? Com língua tartamuda adaptam-se aos primeiros balbucios infantis. Aliás, como é que ela aprende a comer? No começo, mastiga as papinhas de leite introduzidas na boca, aos bocados. Como aprende a andar? Dobra o corpo de modo a articular o movimento do passo.

Criança não come de tudo nem mais do que apetece. Com o progredir da idade vai, gradualmente, habituando-se a coisas mais sólidas. A primeira atenção é com alimentos similares, nunca diferentes do leite. Assim se evita encher demais a boca ou sufocá-la ou provocar vômitos que borram a roupa. Tudo que é servido de modo leve, aos poucos, tem proveito.

Algo de análogo ocorre com os vasos de embocadura estreita.[10] Se recebem excessivas cargas, derramam o que foi despejado dentro, porém, enchido, pouco a pouco, quase a gotas, com graduação e jeito, pode até ficar completamente cheio.

Tal como alimento em pequenas porções e em doses repetidas nutre os pequenos corpos assim também a mente inocente da criança, mediante ensinamentos correlatos entre eles, mas ministrados de modo gradativo, à guisa de brincadeira e aos poucos, vai predispondo a mente para outros conteúdos mais ricos. Entrementes, a criança não sente fadiga porque doses pausadas iludem o senso de canseira enquanto, no final, produzem o efeito desejado.[11] O mesmo acontecia, conforme narram, com o atleta[12] que, todos os dias, carregava um bezerro por alguns estádios. Quando o animal ficou adulto, ele continuou a carregá-lo sem dificuldade. De fato, não se sente o peso, quando este cresce dia a dia.

7. Não fazer do educando um adulto em miniatura

Não são raros os indivíduos que exigem da criança atitudes precoces

(9) Apelo ao princípio: "mens sana in corpore sano".
(10) Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 2, 18. (NT)
(11) Aqui, o papel do inconsciente na formação da criança. Repassar ensinamentos de maneira quase imperceptível e sem acarretar desajuste no educando, eis a perícia na arte de promover crescimento de personalidade. (NT)
(12) Referência a Milo Crotone, o atleta por antonomásia. Ver Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 9, 5. (NT)

de adulto. Sem a mínima consideração pela exígua idade dela, ficam a medir a mente infantil pela própria capacidade. De pronto, ora dão ordens acerbas, ora cobram atenção plena, ora fazem cara feia, caso a criança não corresponda à expectativa. Em suma, comportam-se como se lidassem com gente grande, esquecidos de que já foram eles mesmos crianças.

Conclusão

Quanto de humano Plínio colocava naquela advertência a certo professor de excessiva severidade: "Lembra-te de que ele é criança e tu já foste criança."[13]

Infelizmente, muitos agem de modo tão feroz em face daquela idade ingênua que parecem esquecidos de serem tanto eles quanto os discípulos seres humanos.

(13) Epístolas, IX, 12. (NT)

Capítulo VII

O PROGRAMA DE ENSINO

1. Primeiro passo: aprender o idioma

Pedir-me-ias, agora, que declinasse as áreas de conhecimento mais adequadas àquela idade e que, desde logo, devem ser repassadas para a criança.

A primeira coisa é a aprendizagem da língua que, aliás, a criança capta sem esforço, ao passo que os adultos mal e a duras penas dominam.

Como foi enfatizada, certa tendência inata à imitação alicia a criança para o aprendizado. Há vestígio análogo nos estorninhos e nos papagaios.[1]

Que há de mais ameno que as fábulas dos poetas? Elas têm o condão de cativar os ouvidos infantis e até mesmo os adultos não só para a posse do idioma como para o discernimento e a riqueza do vocabulário. De fato, nada escuta a criança com tanto gosto como os apólogos de Esopo, onde o humor e o gracejo veiculam preceitos sérios de filosofia. Frutos que tais também se colhem nas demais fábulas dos antigos poetas. Assim, a criança ouve que, por encantamento por parte de Circe, os companheiros de Ulisses foram transmudados em porcos e na figura de outros animais.[2] A narração provoca risada, mas, de permeio, vai sendo ensinado à criança algo sólido em filosofia moral, a saber, quem abandona o uso da reta razão[3], deixando-se raptar pelo afeto desordenado, já não é humano e, sim, animal.

Qual dos estóicos diria verdade mais contundente? Isso é feito por uma fábula com seu tom jocoso. Eis aí. A evidência da matéria já me dispensa multiplicar exemplos.

Mais ainda. Onde encontrar graciosidade mais delicada do que os

(1) Plínio, o Velho, *Nat. Hist.*, XVIII, 15.
(2) *Odisséia*, X, 239; Ovídio, *Metamorphosi*, XIV, 304.
(3) "Recta ratio", no original designa "a inteligência reforçada pela sã filosofia que tem sua vertente no reto agir ou moral".

poemas bucólicos? Que pode haver de mais envolvente que a comédia? Enquanto veicula alguma lição ética, ela toca pessoas simples e crianças. Destarte, os conteúdos da filosofia vão sendo assimilados através da descontração pedagógica.

Seja, outrossim, somado a tudo isso o vocabulário que anda tão esquecido nos dias de hoje, mesmo por indivíduos que se presumem apurados em erudição.

Por último, sejam acrescentadas, aquelas sentenças breves e dinâmicas, como provérbios e demais apotegmas de ilustres personagens. Outrora, era o único canal que levava ao povo à filosofia.

2. Detectar as inclinações para as áreas do saber

Antecipam-se, por vezes, nas crianças, certos pendores para algumas áreas do conhecimento, tais como a música, a aritmética e a cosmografia. Eu mesmo já testemunhei que indivíduos, avessos às regras de gramática e da retórica, revelam-se propensos para outras disciplinas mais sutis. A natureza pode ser coadjuvada, de preferência, onde se manifesta sua espontaneidade. Em plano inclinado o esforço é mínimo tal como, em contraposição, "nada se pode dizer nem fazer sem o beneplácito de Minerva."[4]

Eu conheci certo menino, ainda incapaz de falar, que se comprazia em abrir um livro e fazer de conta que lia. Não exteriorizava enfado algum, embora passasse horas a fio naquela posição. Por mais veemente que lhe fosse o choro, bastava oferecer um livro para acalmá-lo. Claro que aquilo se afigurava venturoso para os pais. Anteviam nele o douto de amanhã. Até lhe deram um nome de bom presságio. Foi chamado Jerônimo[5]. Ignoro, porém, o que de fato veio a ser agora, pois não o vi como adolescente.[6]

3. Falar com a criança de modo correto

No aprendizado de língua influi, e muito, se a criança foi educada entre pessoas que falam de modo correto.

Fábulas e apólogos, ela os aprende com muito gosto. Memoriza, com

(4)Horácio, *Ars Poética*, 385; Cícero, *De officiis*, I, 31. (NT)
(5)São Jerônimo, expoente da intelectualidade cristã. Erasmo traduziu algumas de suas obras. (NT)
(6)Os historiadores não conseguiram identificar aquele jovem. (NT)

rapidez, os assuntos figurados de modo atraente para seus olhos. Por isso sejam as histórias transformadas em desenhos.[7]

O mesmo método vale para o ensino dos nomes das árvores, ervas e animais. Principalmente de seres nada encontradiços como rinoceronte, antílope, alcatraz, asno índico e elefante. Tenham, por exemplo, a sua frente, pinturas do elefante apertado no amplexo de um dragão, cuja cauda entrelaça-lhe as patas dianteiras. Gravuras, como tais atrativos, caem bem no gosto infantil.

Como então vai agir o professor? Dirá que existe certo animal de porte avantajado, denominado, em grego, "elefanta", tendo, em latim nome igual, mas com a diferença de se dizer, ora "elephanthus", ora "elephanthi", conforme pede a declinação da palavra. Fará ainda entender que aquilo designado, em grego, "proboskida" ("trompa"), para os latinos significa "mão" porque serve para apanhar alimento. Mostrará também como aquele animal não respira pela boca tal como nós e, sim, pela "trompa". A seguir, aponta para os dois dentes salientes que é o marfim tão valorizado pelos ricos. Apresenta, então, um pente ebúrneo.

4. História natural

Em outro momento, explica que, na Índia, existem aquelas enormidades chamadas de dragões. Esta palavra é um termo comum para os gregos e latinos, salvo quando o uso gramatical exige a forma adequada na frase. Assim, os gregos escrevem: "drakontos", tal como "leontos", tendo em correspondência formas femininas como "dracaena" e "leaena".

Depois , fala da guerra atroz e persiste entre dragões e elefantes.

Caso o aluno queira saber mais, passa a elucidar muitos outros elementos relativos à natureza dos elefantes e dos dragões.

Muitas crianças se distraem com pinturas de caçada. Naquela oportunidade, calha bem falar das espécies de árvores, ervas e quadrúpedes. Assim, aprendem, de modo ameno, como se estivessem a brincar.

Não vem, a propósito, lembrar outros exemplos. Basta um para evocar outros mais.

(7)O recurso às imagens e desenhos no ensino das línguas já era preconizado por Erasmo. No século seguinte, Comênio incentivará o método figurativo. Cfr. L. C. Stevens, *The actuality of Erasmus' pedagogy*, em *Kentucky Foreign Language Quarterly* (1955, pp. 31-5). (NT)

5. Ir sempre ao encontro da expectativa infantil

Na escolha do assunto seja o professor bem criterioso.[8] Apresente sempre o que cai na preferência infantil, seja pelo aspecto de afinidade, seja de divertimento. Enfim, algo diversificado como flores.[9]

Os anos de infância são como a primavera ridente em branda vegetação que se transforma em plantas de alegre viço com a chegada outonal dos anos viris, quando os celeiros transbordam de frutos sazonados.

Tal como seria descabido procurar uvas maduras durante a primavera ou rosas no outono, assim incumbe ao preceptor atentar para o que convém a cada idade. À criança se ofertam sempre coisas alegres e amenas. Em qualquer hipótese, que fique longe da escola toda espécie de amargura e violência.

Creio não me enganar, quando afirmo que os antigos pretendiam sugerir tudo isso, quando atribuíam às jovens musas beleza toda singular, harpa, canções, danças e divertimentos.

Davam-lhe, ainda, por companheiras as Graças. Isso porque o sucesso nos estudos provêm, antes de mais nada, da benevolência recíproca entre as pessoas. Daí porque os antigos denominavam o estudo das letras "humanidades".[10]

6. Unir o útil ao agradável

Nada obsta que o útil circunde o agradável e que o jucundo acompanhe o honesto. É bem assim que se leva a criança ao aprendizado proveitoso sem nenhum tédio.

Por que não deixar que a criança assimile uma fábula breve de algum poeta, um dito gracioso, uma historieta marcante ou um apólogo instrutivo com o mesmo empenho com que está a aprender cançonetas insulsas, quando não chulas, ou historietas ridículas de velhotas delirantes e ainda frivolidades de mulheres pouco recomendáveis?

(8) Com freqüência, o êxito da aprendizagem depende da escolha do assunto determinada pela assiduidade do docente. Ver Quintiliano, *Inst. Orat.*, I, 1.
(9) Erasmo expõe essas idéias, com minúcias, no opúsculo *De ratione studii*.
(10) Para ele o estudo não era uma parte acidental e transitória da vida e, sim, elemento integrativo e permanente. A erudição nunca se consome. Ela se aperfeiçoa sempre. Daí, na pedagogia erasmiana, a vida é estudo e o estudo é vida.

Realmente, quanta fantasia, quanto enigma fútil, quanta nênia fátua, quantos lúmenes, espectros, bicho-papão, bruxa, vampiro, íncubos, silvanos, gnomos e górgonas!

Quantas mentiras nessas historietas populares! Quantos delírios, quantas sentenças iníquas que nós, adultos, gravamos na memória só porque, de pequenos, ouvimos de nossos avós, das mães e das aias, enquanto éramos embalados no colo, em meio a abraços e carícias.

7. Os grandes se fazem pequenos por amor do educando

Ao contrário, a que grau elevado de erudição seríamos guindados se, no lugar dessas "coisas dos Séculos"[11], como se diz, não só vãs, mas até danosas, tivéssemos, de princípio, sido embebidas naquelas outras coisas, de há pouco tempo, relembradas? Dirás: "Qual o douto que se rebaixaria a tarefas tão diminutas?"

No entanto, Aristóteles, filósofo de primeiríssima grandeza, para educar Alexandre, não recusou a função de professor. Quirão[12] educou Aquiles, quando este era criança, sendo que então teve Fênix[13] por sucessor. O sacerdote Elias educou o menino Samuel. Hoje, há indivíduos que, por um mísero salário ou mesmo por realização pessoal, afadigam-se muito mais só para adestrar um corvo ou um papagaio. Não falta também quem, por devoção religiosa, enfrenta longas e perigosas viagens e outras fadigas mais de todo insuportáveis. Por que o fervor não nos atrairia para essa função muito prezada junto aos olhos de Deus?

Necessário é que o educador, ao repassar aquilo a que acenamos acima, não seja exigente nem severo e, sim, antes assíduo que opressor. A assiduidade não deprime desde que moderada, isto é, conduzida pela antimonotonia em ritmo de desconcentração. Em suma, que tudo isso seja veiculado sem o feitio de trabalho, pois a criança faz tudo a título de brincadeira.

(11) Referência aos "Séculos" tidos como povo grosseiro e falsário.
(12) Quirão, perito em botânica e medicina. Teria ele sido o mestre de Esculápio e de Homero.
(13) Filho de Agenor e perseguido pelo pai, refugiou-se na corte de Peleo, onde foi associado a Quirão para educar Aquiles, ao qual acompanhou na guerra de Tróia. Ver *Ilíada*, XI, 428 e 832; Virgílio, *Eneida*, II, 762.

8. De como dulcificar o estudo das letras

A seqüência do assunto, ora em explanação, aconselha apresentar em poucas palavras o modo de dulcificar o estudo das letras para as crianças, já que, de passagem, cá e lá, tocamos neste assunto mais de uma vez.

A faculdade de falar, como dizem por aí, adquire-se, sem maior esforço, com a prática.

Em seguida, vem a aprendizagem da escrita e da leitura. Esta já implica certo grau de tédio, porém, passível de ser superado na sua maior parte pela perícia do professor, posto que ele saiba temperar o ensino com os recursos da amenidade.

Depara-se com crianças que demoram na tentativa de identificar e ligar as letras do alfabeto bem como em lidar com os rudimentos básicos da gramática, quando, ao invés, possuem agilidade em captar coisas mais intricadas. Tal resistência pode ser quebrada pela técnica. Os antigos já propunham algumas delas. Houve quem desse o formato de letras a petiscos saborosos ao paladar da criança. Assim, de certo modo, ela comia as letras. A quem nomeava a letra, o prêmio era a letra. Outros modelavam as letras em figuras de marfim no intuito de ensejar à criança brincadeiras com as peças. Também era usado outro tipo de material para envolver o gosto daquela idade.

Os britânicos são fascinados pelo jogo do arremesso de flechas. É o que, de primeiro, ensinam às crianças. Razão pela qual certo pai, atento à preferência do filho, descobrindo nele habilidade incomum para o arremesso, comprou arco e flecha bonitas e incrustadas com letras coloridas. Colocava, no alvo, primeiro, figuras em letras gregas e depois latinas. Ao ferir o alvo e pronunciar o nome da letra alvejada, além de aplausos, a recompensa era uma cereja ou outra coisa do agrado da criança.

Nesse tipo de jogo o resultado fica mais ubertoso se a competição conta com dois ou três pares. Aí, a expectativa da vitória e o medo da derrota tornam a criança mais comprometida e solerte.

Daquele artifício lúcido advém que a criança, com poucos dias de jogo, aprende todos os formatos de letras do alfabeto, a par do som correspondente. Êxito, aliás, que professores mal conseguem após três anos de pancadaria, ameaças e berros.

Isso não obstante, a mim não agrada o procedimento daqueles que se industriam em prestigiar as referidas técnicas, transferindo-as para os jogos de xadrez e de dados. Aqueles jogos, além de transcenderem o entendimento infantil, não abrem caminho para a aprendizagem das letras. Antes, tornam o esforço mais desgastante. Algo de análogo ocorre com certos mecanismos tão complicados que retardam o empreendimento em prejuízo da execução.

De idêntico porte são, aproximadamente, aquelas técnica de memorização inventada por alguns mais para fins de lucro e de sancionalismo e menos de utilidade. A bem dizer, até viciam a memória. A melhor técnica mnemônica consiste em entender bem, pôr em ordem o que foi compreendido, depois repetir, de imediato, o que se quer gravar.

Felizmente está, dentro do impulso para vencer, algo como um prurido de competição. Daí, aquele medo de derrota misto de busca de louvor, principalmente em criança sensível e de índole vivaz. O professor saberá tirar proveito disso para o sucesso da aprendizagem. Onde fracassam as súplicas e os agrados ou as premiações e louvores proporcionados àquela idade, o expediente pode ser o de estimular um certame entre iguais. Louve-se, então, o companheiro na presença do outro preguiçoso. Que a emulação incentive a quem não abalou a simples advertência.

Não fica bem entregar sempre a palma da vitória ao vencedor como se fosse um invencível. O certo é acordar no derrotado a esperança de que, pelo seu esforço, poderá reparar a desonra. É bem assim que fazem os comandantes em campo de batalha. Vez por outra, há de se dar a chance para o menino sair vitorioso, ainda que menos apto.

Em suma, mediante a alternativa de repreensão e de aplauso, alimenta-se entre eles a tal de disputa sadia mencionada por Hesíodo.[14]

9. A educação precoce é sempre proficua

Talvez seja repulsivo para indivíduos austeros se rebaixarem a ponto de ficarem igualados às crianças. Em contrapartida, não se recusam nem sentem enfado em divertir-se, boa parte do dia, com cãezinhos malteses e

(14) o.c., 11 ss.

com macacos, quando não estão a falar com um corvo ou um papagaio e até mesmo a distrair-se com algum truão. Em infantilidades que tais sabem como dar de si ao máximo.

Eis porque estupidifica ver gente de bem não se comprazer em educar. Eles não enxergam que o senso do dever e a esperança do resultado vultuoso convertem, por via de regra, em afazeres plausíveis mesmo tarefas, de per si, enfadonhas.

10. Modelos de didática torturante

Admito que as regras da gramática, no princípio, são maçantes e por isso menos atraentes do que necessárias, todavia, com jeito, o docente mitiga aquela agrura. Assim ao principiar o ensino, tenham preferência as regras mais importantes e as mais simples. Hoje, quanta tortura não aturam as crianças, quando se defrontam com dificuldades espinhosas no aprendizado dos nomes das letras antes de lhes distinguir o formato, sendo, entrementes, constrangidas a aprenderem, de par com as flexões dos substantivos e dos verbos em seus respectivos casos, modos e tempos, na correspondência com a mesma palavra. Seja este exemplo: "musae" está no caso genitivo e dativo singulares assim como no nominativo e no vocativo plurais, ou ainda "legeris" que deriva de "legor", de "legerim" e de "legero". É de ouvir a algazarra de carnificina que ecoa pela escola adentro, quando tais respostas são cobradas das crianças!

11. A resistência a novos métodos de ensino

Alguns professores, por mera ostentação de sabedoria, soem encrespar as dificuldades, adicionando sofisticações. Defeitos desse gênero tornam, no seu princípio, todas as dificuldades confusas e repugnantes, ainda mais em se tratando de dialética.

Caso alguém lhes proponha um método mais cômodo, respondem que assim foram educados e, por tal razão, não admitem algo de diferente nem melhor para as crianças de hoje.

12. Saber dourar a pílula das dificuldades

O certo mesmo é evitar toda e qualquer dificuldade desnecessária ou

intempestiva. Aliás, o que é feito a tempo sempre é agradável. Se ocorrer o caso de enfrentar obstáculo inevitável, então o artífice do educando, na medida do possível, cuide de imitar o médico probo e amigo que receita a droga à base de absinto, como refere Lucrécio[15] untando a borda do copo com mel, de sorte que, a criança, aliciada pelo prazer da doçura, não refuga o amargor salutífero. Ainda mistura, na mesma dose, açúcar ou ingrediente de suave paladar.[16] Assim procedem até dissimular o remédio, pois, por vezes, basta imaginar para ter repugnância. Tal repulsa pode ser superada, com facilidade, se, ao invés de servir uma dose completa de uma só vez e sem medida, passa a ser subministrada, aos poucos.[17] Em todo o caso, nunca se deve descrer do potencial pueril para suportar certos incômodos.

13. O elefante perde para a mosca

Não é a robustez que faz a força da criança e, sim, sua persistência e demais dotes naturais. Sua força não é a de um touro, mas aquela de formiga. Em certos momentos, o elefante perde para a mosca. Não estamos a ver crianças que correm o dia todo, de um lado para o outro, com admirável agilidade sem a mínima canseira? Se um Milão fizesse o mesmo, por certo, que se fatigaria. Qual a razão disso? É que aquela idade e brincadeira são coisas afins porquanto as crianças descobrem, na atividade, um jogo e não um trabalho. Com efeito, em tudo, a parte maior do fastio é mais fruto da imaginação que, não raro, produz a sensação de algo ruim onde, de fato, não existe. Desde que a natureza-providência privou a criança de força, então, o papel do professor será de manter longe tais fantasias e dar ao estudo o feitio do jogo.[18]

14. A variedade de jogos didáticos

Existe toda uma variedade de jogos bem adaptados à criança que ensejam relaxar o esforço mental assim que a criança chega à idade de estudos mais

(15) Lucrécio, *De natura Rerum*, I, 936 ss. Platão, *As Leis*, II, 659 e 660 a.
(16) Plutarco, o.c., XVIII, 3.
(17) No original: "non simul et immodice, sed paulatim et ex intervallis". Assim Erasmo resume toda a sua metodologia: "aos poucos, moderadamente, devagar e intervaladamente".
(18) A psicologia moderna retorna à intuição que embasa a pedagogia erasmiana. Essa foi modelada sobre a natureza da psique infantil.

avançados que exigem dedicação e geram fadiga, como, dissertar sobre temas propostos,[19] traduzir do latim para a grego e vice-versa ou então aprender cosmologia[20]. Isso não obstante, o que mais concorre para o êxito é habituar a criança a amar e a respeitar seu preceptor bem como a gostar dos estudos e a empolgar-se com os mesmos, enquanto teme a ignomínia sensibilizada pelo incentivo do louvor.[21]

(19) A característica da nova metodologia de ensino consistia em ter substituído a "exposição" muito a gosto na Idade Média e de acento dialético pela "composição" com tonalidade literária e retórica.
(20) A "cosmologia" da época corresponde à atual geografia.
(21) Antes de se impor pela sabedoria, o mestre deve conquistar a simpatia do educando.

Capítulo VIII

A utilidade da educação precoce

1. Tempo gasto na erudição multiplica o valor da vida

Resta uma dúvida, costumeiramente, avançada por quem assevera que o aproveitamento conquistado pela criança no decurso daqueles três ou quatro anos fica abaixo, seja do trabalho absorvido pelo ensino, seja dos gastos despendidos. A mim me parece que estão a raciocinar menos em vista do serviço à criança e mais em poupança, quer em dinheiro, que de docente.

Na verdade, recuso o título de paternidade a quem, estando em jogo a educação do filho, cogita do peso de alguns anos da escolaridade só porque o mestre tira daí seu ganho.

De outro lado, fica de pé a assertiva endossada por Fábio Quintiliano: "Mais tarde, em um único ano, lucra-se mais do que naqueles três ou quatro anos."[1] Que boa razão haveria para desprezar tal lucro, por pequeno que venha a ser, mas em coisa de valia tão peregrina?!

Vamos supor que o aproveitamento seja mesmo parco. Mesmo assim, vale mais ocupar-se disso a criança do que nada aprender ou aprender o que deverá ser desaprendido.

Ademais, em que outra coisa ocupar a criança logo que principia a falar, já que não convém a total ociosidade? Por exíguo que seja o proveito daqueles primeiro anos, por certo, a criança adquirirá conhecimentos mais extensos bem naquele mesmo ano que iria empatar para inteirar-se dos rudimentos não assimilados anteriormente. A propósito, Quintiliano sentencia: "O que foi crescendo, ao longo dos anos, acaba por perfazer uma totalidade. Assim o tempo ganho na infância é lucro na adolescência."[2]

(1) Quintiliano, o.c., I, 1, 17. (NT)
(2) Idem, ibidem, 1, 19. (NT)

Não vou, aqui, falar de novo, que, naqueles primeiros anos, com facilidade, aprendem-se coisas que só a duras penas os adultos dominam. De fato, aprende-se sem penar o que foi aprendido no tempo oportuno. Até podemos admitir que sejam conhecimentos de peso insignificante. Apesar disso, reconheçamos serem necessários e não me parece de tanta parvidade assim. Para a escalada através da erudição é de bom auspício ter, senão o domínio pleno, ao menos, o gosto por dois idiomas; depois, copioso vocabulário e, por fim, correção na leitura e na escrita.

2. O que principia em tempo certo chega a bom termo

Não enfada investir, em atividades menos nobres, nossos haveres, muito embora comportem lucro minguado, aquilo que os gregos, se não me falha a memória, denominavam "pro odou"[3]. Assim o comerciante diligente não despreza o lucro de um asse nem de um terúncio porque reflete lá com seus botões: o que é pouco, sendo acrescido sem interrupção, logo se torna um monte ingente. Para isso os artesãos em metal madrugam e acrescentam algumas horas a mais ao dia de jornada. Alguns agricultores, em dias festivos, trabalham, em casa, com o fito de render melhor nos demais dias.

Nós reputamos por nada a perda de quatro anos em favor dos filhos, porque, na verdade, nenhum investimento é mais frutífero do que o tempo e nenhuma posse mais rendosa do que a cultura.

Nunca se principia cedo demais o que jamais tem termo de chegada. Enquanto vivermos, estaremos sempre obrigados a aprender.[4] Em outros afazeres, o lucro devorado pela negligência pode ser ressarcido pela dedicação. A idade, porém, uma vez transcorrida,[5] e ela voa célere, por mágica alguma pode ser reevocada. Mentem os poetas que falam da fonte onde os idosos rejuvenescem. Também enganam os médicos, que, sei lá por qual quinta essência, prometem remoçar os velhos. Neste assunto, devemos saber poupar ao máximo. Idade passada, encantamento algum recupera.

---

(3) "Pro odou" ("a caminho"), isto é, estar à frente na caminhada. (NT)
(4) Apelo à educação permanente. Ver também Sêneca, *Epistolae*, LXXVI, 3. (NT)
(5) Horácio, *Carmina*, II, 14, 1-2. (NT)

3. Só colhe com fartura quem semeia a tempo

A isso ainda acresce que a primeira fase da vida é tida como mais auspiciosa. Por isso há de ser administrada com a maior avareza. Hesíodo não aprovava a parcimônia nem na borda nem no fundo do barril, porque repleto, seria prematuro; se em baixa, seria tardio.[6] Por isso ordena que se poupe à altura do meio. Assim, em questão de idade, nunca cabe regatear parcimônia. Se for o caso de poupar, que seja ao meio do barril, pois, aí, está o vinho melhor. Tal não vale para a vida. Ali, a parcimônia deve recair sobre os anos de infância, onde está a melhor parte da existência, desde que cultivada, apesar de sua fugacidade extrema.

Até o agricultor menos avisado não deixa parte nenhuma de seu campo ficar de todo em abandono. Na parte menos própria ao plantio de trigo ou nela cultiva outras plantas ou forma pastagens ou ocupa com legumes. E nós? Vamos tolerar que a parte mais promissora da vida fique deserta de floração erudita? Terra arada, de recente, se não for povoada de qualquer plantação, por si mesma produz cizânia.

O mesmo sucede com a mente infantil. Não sendo, logo de princípio, enriquecida com ensinamentos frutíferos, cobre-se de vícios.

A ânfora exala, por longo tempo, o aroma do licor que a encheu primeiro, e custa para ser depurada.[7] Aliás, é, em ânfora nova e vazia, que se conserva o licor da preferência. Assim a mente humana. Se mal semeada, logo se enche de coisas inúteis que devem ser erradicadas.

Nada desprezível o ganho de quem afugenta prejuízos. Igualmente nada exíguo o reforço para a virtude, quando o vício é estirpado.

4. Exemplos clássicos de educação precoce

Que poderia eu acrescentar ainda? Queres ver o retorno fértil quando alguém está preparado para a vida erudita? Ou então o contrário? Considera quanto os antigos produziam em seus verdes anos e como, hoje, nada daquilo logram indivíduos que envelheceram em vida consagrada aos estudos.

Ovídio escreveu as *Elegias dos Amores*, quando era jovem. Que velho

---

(6) o.c., 368-9. (NT)
(7) Horácio, *Epistolae*, I, 2, 69.

poderia, hoje, produzir obra igual?[8] Quem foi Lucano, que o digam suas obras.[9] De onde aquele prodígio? Com apenas seis anos de idade fora deportado para Roma, onde foi confiado, de imediato, a dois exímios gramáticos: Palemo e Cornuto.[10] Teve excelentes colegas de estudos: Salésio Basso[11] e A. Pérsio[12], um especialista em história e outro em poesia satírica. Não admira, então, naquele jovem, tanta virtuosidade enciclopédica em ciências matemáticas, além da invejável eloqüência que revela,[13] nos seus versos, tanto o orador consumado quanto o poeta perfeito.

Não faltam, nos dias de hoje, exemplos de educação feliz em ambos os sexos, embora raros. Assim, Policiano[14] celebrava o gênio da jovem Cassandra[15].

O que há de mais estupendo que o menino Ursino[16] de apenas onze anos de idade! O mesmo Policiano, em carta muito bonita, recomenda a lembrança dele para a posterioridade.[17] Com efeito, quantos encontrarias, hoje, que, ao mesmo tempo, seriam capazes de ditar duas cartas a dois escribas de modo a enquadrar, no texto de cada qual, as proposições sem cometer qualquer solecismo? O referido menino fazia tal prodígio com cinco amanuenses, mesmo tratando de assuntos apresentados de improviso, estando, portanto, desprevenido.

Muitos, ao ver tais fenômenos e ao constatar como isso ultrapassa as forças humanas, tudo atribuem a poderes mágicos. Sim, é um efeito de magia, mas tal encantamento, com tamanha eficiência, provém do ensino competente, sério e solerte.

(8) Ovídio escreve a *Arte amatoria*, tendo apenas 23 anos. Já conhecia a fundo os usos e costumes da vida romana, em todos os seus escalões.
(9) Lucano morreu aos 26 anos. Ainda adolescente escrevera a *Ilíaca* sobre a guerra de Tróia. Também escreveu o Catachtonion, em que conta a descida de um herói desconhecido aos infernos.
(10) Palemo, o gramático. O segundo mui provavelmente é o filósofo L. Aneo Cornuto, mestre de Lucano e Pérsio.
(11) Refere-se a Césio Basso, poeta lírico que Quintiliano considera o maior depois de Horácio. Ver *Inst. Orat.*, X, 1, 96.
(12) Pérsio, poeta latino. Viveu de 34 a 62. De suas obras restam seis sátiras.
(13) Tanto os gregos quanto os romanos prezavam a arte de falar em público qual apogeu de erudição. Bem outro o conceito de Durkheim. Este tem a oratória na conta de ostentação vaidosa.
(14) Cfr. *Epistolae*, LIII, ep. 17.
(15) Cassandra Fedele, da nobreza veneziana, viveu de 1465-1558. Versada em grego e latim. Além disso, dominava a teologia, história, literatura e música. Mantinha intensa correspondência com o Papa Leão X, com Fernando I de Nápole e com o rei Luís XII da França.
(16) Fábio, filho de Paulo Orsini.
(17) *Epistolae*, XII, 2, 452.

Incontestável o efeito salutífero do ensino transmitido, desde cedo, por indivíduos de refinada erudição. Graças aos mágicos dessa espécie, Alexandre Magno, ainda adolescente, além da oratória, já conhecia todos os ramos da filosofia. Não fosse ele arrebatado pela paixão militar e por seu gênio para o governo, teria, por certo, destaque entre os filósofos de primeira grandeza.

Por idêntico encantamento, desde a juventude, Júlio César se projetou pela eloqüência e pelos conhecimentos em matemática. O mesmo seja dito de outros imperadores. Todos eles, na juventude, tanto em doutrina quanto em eloqüência porque iniciados, desde pequenos, pelos pais e nutrizes, quer na correção da linguagem, quer nas artes liberais como poesia, a retórica, a história, a paleontologia, a aritmética, a geografia, a ética, a política, quer, enfim, nas ciências naturais.

5. Não basta conhecimento pela rama

E nós? Retemos em casa filhos avantajados na adolescência, corrompendo-os com ócio, luxo e licenciosidade. Quando muito os mandamos à escola pública. Ali, para lograr algum progresso degustam, de leve, a gramática. Logo ao conseguirem dominar a declinação das palavras e a concordância entre termos correlacionados, já se dão por entendidos em gramática e passam para a dialética toda emaranhada. Resulta ser necessário desaprender o que antes de incorreto fora aprendido no modo de falar, todavia já houve época pior.

Eu, quando criança, vivi a época em que éramos torturados a fim de aprender os tais "modo de significação"[18], e as questiúnculas "ex qua vi"[19], enquanto iam ensinando a nos expressarmos de modo incorreto.

É que os mestres de então, para não demonstrarem que estivessem tratando de coisas pueris, envolviam a gramática em complicações de dialética e metafísica, no intuito de, invertendo a ordem, fazer com que os alunos, mais adiantados nos estudos, aprendessem a gramática depois de

(18) A gramática de então distinguia os termos pelas modalidades de ser, "modus essendi" e de significar, "modus significandi". O primeiro é próprio do termo em si qual substantivo ou verbo; o segundo depende do uso que se faz dele na oração. Assim um substantivo com valor de adjetivo ou de advérbio.
(19) Trata de técnica de imprimir "vigor" ("vis") à locução de modo a transformá-la no feitio de silogismos que mais pareciam sofismas.

outras disciplinas mais avançadas.

Aliás, é bem isso que está ocorrendo com alguns teólogos de renome. Depois de todas as graduações e títulos acadêmicos, quando já não sobra ciência humana para aprenderem, são compelidos a retomarem livros de literatura infantil. Não vai aqui uma crítica. O necessário conhecimento, melhor tardio do que nunca.

Santo Deus! Que tempo aqueles em que se lia, pomposamente, para os adolescentes dos dísticos de João Garlande[20], acompanhados de comentários profundos e prolixos. Época em que a maior parte do tempo era empatada em ditado, repetição e provas de versos ineptos. Então a gente estudava Florista e Floreto[21]. Que ao menos fosse um Alexandre[22], porque a este eu reputo ainda tolerável.

Ainda mais! Quanto tempo perdido em sofística e pelos labirintos fúteis da dialética.

Enfim, para não me estender em demasia, quanta confusão naquele ensino enfadonho! Cada professor timbrava em conduzir os alunos em meio a questões intricadíssimas e mesmo frívolas. Aliás, nem tudo que é difícil prima pela qualidade. Enfiar um grão de mostarda no olho da agulha, quão difícil, porém sem proveito que valha. Também atar e desatar nós cegos[23] demanda habilidade excepcional, mas não vai além da mera sutileza ociosa.

Acrescenta ainda o fato de, por vezes, ser o ensino transmitido por indivíduos ignorantes na área e, o que é mais lastimável, mal preparados, quando não raro até ignaros e ímprobos porquanto mais interessados no salário do que no aproveitamento por parte dos alunos. Com tal ensino de baixo nível, seria de admirar o número reduzido de pessoas que, antes da velhice, alcançam completar sua erudição?

De outro lado, a melhor porção da vida consumida em ociosidade e em

(20) Poeta e gramático inglês. Viveu de 1180 a 1252. Lecionava nas Universidades de Paris e Tolosa. Versificou toda a gramática, a fim de auxiliar a memorização das regras.

(21) Eram dois textos muito difusos nas escolas holandesas do séc. XV. O primeiro, em poemeto gramatical. O segundo, o *Liber Floreti*, uma espécie de antologia atribuída a Bernardo de Claraval, com formato de florilégio repleto de textos morais e religiosos. Era como que o "vade-mecum" dos católicos.

(22) Alexandre de Villedieu, gramático famoso do séc. XII. Compôs uma gramática latina em versos hexâmetros.

(23) O texto fala de "nós de Cassiotis". A expressão deriva da cidade egípcia de Cassiotis, famosa pelo tipo de nó intricado que os habitantes daquela cidade tinham inventado para fins de amarra.

vícios. Dominados por eles, dedicamos ao estudo apenas uma parte mínima de tempo porque a parte maior fica para os amores, para a convivência e para as diversões. Assim para um material de péssima qualidade soma-se um artista em nada melhor que ensina, ora frivolidades, ora conceitos que devem ser desaprendidos. Depois disso, chamamos à baila a inexperiência, a indocilidade de gênio, o parco aproveitamento e outras coisas mais, porém nada de verdade nisso tudo.

O que de errado, ali, existe deve ser imputado à qualidade da educação.

Conclusão

Não te vou prender com mais palavras. Limito-me apenas a apelar para tua prudência e aguda perspicácia em outras áreas. Considera o bem precioso que um filho representa e avalia como é missão diversificada e exigente a erudição, mas também quanta sublimidade encerra.

Vê, outrossim, a receptividade ampla da mente pueril para acolher qualquer forma de instrução: a agilidade da mente; a facilidade em captar as coisas mais elevadas e mais consentâneas com sua natureza, máxime quando, a modo de brincadeira, são vinculadas por pessoas doutas e afáveis.

De outra parte, pondera, em primeiro lugar, a tenacidade com que ficam impressas na mente ainda desembaraçada e disponível, ao passo que, em idade mais avançada, aquelas mesmas coisas são assimiladas com muita dificuldade e sujeitas a serem esquecidas de modo mais rápido.

Sobre tudo isso, considera como é precioso e irrecuperável o tempo perdido; quanto valer ter agido em tempo oportuno; quanto produz a perseverança; como se perfaz uma montanha, no dizer de Hesíodo[24], com a soma de pequenas parcelas; como, enfim, é fugaz a idade, distraída a juventude e tarda a velhice!

Ao sopesar tudo isso em teu íntimo, não vás permitir que teu filho passe, já não digo sete anos, nem sequer três, sem ser iniciado na erudição mediante o processo instrucional, seja lá qual for o aproveitamento.

Disse.

(24) o.c.

Erasmo de Rotterdam

A Civilidade Pueril

Tradução, Introdução e Notas
Luiz Feracine



Índice

Apresentação.....113
Introdução à Filosofia da educação em:
A Civilidade Pueril* e em *De Pueris.....115
Preâmbulo.....123
CAPÍTULO I – Atitudes corretas e incorretas.....125
Os olhos.....125
As sobrancelhas.....126
A fronte.....126
O nariz.....126
Espirro.....127
O rosto.....127
Os lábios.....128
O bocejo.....128
O riso.....128
Os lábios.....129
Cuspir.....129
Tossir.....129
Vômito.....130
Os dentes.....130
A boca.....130
Cabelo.....130
Busto.....131
Pescoço.....131
Ombros.....131
Braços.....131
Partes pudendas.....132
A urina.....132
Flatulência.....132
As pernas.....132
Genuflexão.....133
O passo.....133

Os pés......134
As mãos......134
CAPÍTULO II – A elegância dos trajes......135
A roupa......135
O asseio......136
Mantelete......136
CAPÍTULO III – De como se portar na Igreja......137
Imagens e templos......137
A missa......137
CAPÍTULO IV – Os banquetes e as refeições......139
Antes das refeições......139
A oração antes do repasto......139
Lugar de honra......139
Posição das mãos......140
Posição do corpo......140
O guardanapo......140
O chapéu......140
Talheres......141
O pão......141
Bebida......141
Reparar nos outros......142
Brinde......142
Sofreguidão em comer......142
Precedência......143
Modo de deglutir......143
Modo de cortar a carne......144
Outras precauções em banquetes......144
Final do banquete......144
CAPÍTULO V – Os encontros e conversas......149
Respeito a adultos e a autoridades......149
Atitudes externas na conversação......149
O tom da voz......150
O título de tratamento......151
Juramento e palavras obscenas......151
Outros cuidados com a palavra......151
Confidências e segredos......152
Bisbilhotice......152
CAPÍTULO VI – Os esportes......155
CAPÍTULO VII – No leito......157
Conclusão......158

Apresentação

1. Estamos em 1530, no desabrochar do século XVI, com seu impulso de humanismo. Na época, educação aprimorada ainda era privilégio dos príncipes e classes da elite. Eles recebiam acompanhamento de um pedagogo denominado preceptor. Erasmo vivenciou tal compromisso, assumindo o encargo de educar um filho da nobreza. Foi quando se lhe descortinou a hipótese de um futuro próximo em que todas as crianças, oriundas de qualquer classe ou camada social, seriam agraciadas pelo esmero da aprendizagem de "bons modos".

2. Evidente que as regras de atitudes externas obedecem a imperativos sociais que se submetem às mutações históricas. Isso não obstante, é gratificante atentar para a plausibilidade de certas diretrizes que, salvantes pequenas nuances, merecem, ainda hoje, simpático acolhimento.

3. Embora o texto deste primeiro livreto, intitulado *De civilitate morum pueorum*, ou seja, *Sobre a civilidade dos costumes dos meninos*, aliás, um modesto manual de práticas, seja direcionado para corrigir e ordenar atitudes externas e corporais (modo de olhar, falar, andar, vestir-se, etc), Erasmo objetiva muito mais. Ele entende predispor o pré-adolescente para compor-se e entrar em harmonia com o alinhamento de princípios educacionais que seriam explanados no segundo texto, o livro *De Pueris* (*Sobre os meninos*). Ali, fica claro que o código de compostura mais do que meras regras de comportamento social espelham a imagem da personalidade em formação.

4. Consciente de que cada ser humano responde pelo feitio de sua pessoa. Erasmo insiste, e muito, sobre a necessidade de adequar o corpo ao espírito de onde refluem os princípios éticos da verdadeira e comum nobreza, a saber, a honestidade como já era ensinado por Cícero, no primeiro curso de ética para os advogados em *Os Deveres* e, logo depois, por Sêneca com os textos *A vida feliz* e *A tranqüilidade de espírito*.

5. A criança, cuja infância for agraciada por um processo educativo adequado, ingressa, com naturalidade, nas etapas sucessivas de crescimento até culminar amadurecida na plenitude de seus talentos, onde encontra e desfruta a felicidade existencial.

6. Já que o ser humano é unidade substancial como definia Aristóteles, e não agregado de matéria ou extensão e espírito ou inextensão como iria apregoar René Descartes, então cabe ao processo pedagógico visualizar como finalidade última a beleza dos gestos e das atitudes que refletem o esplendor da alma. Enfim, o corpo é imagem da alma.

7. Eis a importância deste livreto. Oxalá, as modernas Faculdades de Pedagogia descubram as obras educacionais de Erasmo. São textos de inestimável valor para a atualidade dos horizontes abertos pelo novo século.

Luiz Feracine

Introdução à filosofia da educação em: *A civilidade pueril* e em *De Pueris*

1. No ano de 1530, era publicado, em língua latina, outro opúsculo da autoria de Erasmo. O título é simpático porque nada evoca de sofisticação intelectual. Denomina-se o livreto *De civilitate morum puerilium* (literalmente, *Sobre a civilidade dos costumes pueris*). Em vernáculo vamos designá-lo *A civilidade pueril*.

A considerar o destinatário imediato da graciosa obra, pensar-se-ia que o autor tinha a estatura moral do educador comprometido com a elite da nobreza. Com efeito, ele dedica o trabalho "Ao nobilíssimo Henrique de Borgonha, filho de Adolfo, príncipe de Veere, criança de promissor futuro". Isso não obsta que, no Preâmbulo ao texto, o próprio Erasmo declare que seu objetivo, ao dar de público aquelas lições, era bem o de atingir a grande facção daqueles que não tiveram a ventura de receber um pedagogo particular nem de freqüentar cursos reservados aos apaniguados da fortuna. Seu intento era ir ao encontro de todas as crianças, democratizando assim o patrimônio da cultura erudita até então reservada para as classes privilegiadas. Razão porque declara: "Tudo que passamos a prescrever, embora de exígua utilidade para sua pessoa..., será acolhido, mais prazerosamente, por todos os outros meninos justamente porque dedicado a uma criança de classe tão alta e de grande futuro".

2. O autor tem consciência de que a arte de ensinar deve obedecer às fases do crescimento espontâneo da criança. Por isso Erasmo distingue, com clareza meridiana, aquelas quatro etapas do desenvolvimento. "A arte de instruir criança consta de diversas etapas. A primeira e a principal consiste

em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade".

3. No mesmo Preâmbulo, o pensador de Roterdã constata a diferença entre a educação formal e informal. Esta advém da espontaneidade com que se vão explicitando as tendências nativas da criança, já predisposta pelo berço e pelo meio ambiente para manifestar atitudes e comportamentos de beleza e de honestidade. De imediato, adverte ele, a educação formal, aquela realizada através de disciplina, método, orientação e acompanhamento faz-se necessária porque, sem tal subsídio complementar de arrimo para as boas tendências de que a criança é portadora, com freqüência, muitos, quando adultos, descaminham da senda do bem viver. Eis porque vale a pena reler aquele parágrafo conciso, porém, repleto de sabedoria: "Muito embora sejam as corretas atitudes do corpo espontâneas numa índole boa, não raro ocorre constatar que, por falta de disciplina, elas ficam a desejar em certos indivíduos honestos e eruditos".

4. Não se omite o autor em definir o que ele entende por educar. Aliás, da educação ele tem um conceito tão bem adequado que pode, ainda hoje, servir de referencial. Declara ser a educação "o cultivo do espírito". O termo de que faz uso no latim, traduz intensa carga nocional. Erasmo emprega o verbo "excolere" que, nominalmente, diz "fazer sair pelo trato" e, realmente, expressa a idéia de cultivar com cuidado, aperfeiçoar, tornar bonito. Daí o vocábulo corrente, mas já escamado e surrado, "escola".

Erasmo assim demonstra que o educador nada tem de plasmador ou formador. Para ele a educação difere da atividade de artesanato, onde se modula a peça a talante do artista. O educador vai ao encontro da potencialidade nativa do educando e ajuda-o a explicitar a riqueza interior, fazendo com que emerja todo o cabedal com que a natureza o dotou.

5. Fazer da Filosofia da educação uma área privilegiada para o diálogo a respeito das assim chamadas virtudes morais, aqueles bons hábitos que

tecem as relações comportamentais como uma rede de comunicação feita de gentileza e de prestatividade atenciosa, são coisas relegadas às calendas gregas. Das virtudes já não se fala mais e, quando mencionadas, são tidas como sintoma de pieguice.

Erasmo afronta o problema das virtudes com muita naturalidade e desenvoltura. Seu texto faz da prática cortês das atitudes sociais uma escola permanente, onde se exercitam os bons modos de respeito mútuo, de cordialidade, de controle sobre o egoísmo, de acolhimento e modéstia.

Aquela facilidade para incentivar o cultivo das virtudes sociais decorria da concepção de homem tão enaltecida pela filosofia humanista. Eis porque Erasmo assegura que a nobreza das atitudes supera de longe os símbolos do poder. Para ele os caracteres bem estruturados desfazem as diferenças de status e aproximam grandes e pequenos na escala social pela elegância do mesmo convívio civilizado. Enfim, mediante a prática generalizada das virtudes, a sociedade nivela-se por cima. Todos ficam iguais em prestígio e nobreza.

6. Merece ainda ressaltar como Erasmo frisa, com bastante relevo, a dignidade da criança, apelando para a diferença dela em face de comportamentos menos louváveis. No lugar de simplesmente proibir, o autor empenha-se em motivar a norma correta para que a criança interiorize o valor da mesma e encante-se com sua beleza. Daí porque norma por norma está reforçada pelo confronto com os aspectos ridículos ou até vexatórios das atitudes em contrário. Assim este ou aquele procedimento fica bem porque afasta qualquer semelhança com seres irracionais, quando não avilta a ponto de reproduzir a imagem de idiotas, palhaços e tresloucados. Destarte, a criança visualiza as imagens de situações incorretas e indecorosas. O fluxo de comparações entre jeitos corteses e elegantes e posturas desajeitadas e grosseiras, tudo isso trabalha na fantasia infantil e fomenta motivos de autodisciplina.

Como se vê, sem dispor de desenhos animados ou de jogos educativos, o autor faz de um texto escrito a magia da tela de um quadro estimulante e sugestivo.

Fora de dúvida que nada mais atraente como o brilho de uma pessoa

polida para conviver na harmonia da sociabilidade. Aí, a estética traduz a ética que recende o perfume do respeito pela dignidade alheia.

7. Pode até parecer enfadonho tratar do problema educacional pelo prisma da urbanidade. Somos testemunhas de como não foi bem-aceita a disciplina curricular que introduziu o ensino da "Educação Moral e Cívica" nas escolas brasileiras. Isso se deve, talvez, porque a educação para a civilidade não tenha sido inserida no contexto de um projeto cultural mais amplo e bem esculpido.

Não era assim no tempo em que Erasmo edita o pequeno manual de "Educação Cívica". Veja o leitor porque. Em 1530, o Humanismo Renascentista criara o clima em que estava embebido o espírito da civilização européia. Ganhava foros de cidadania, junto a todas as camadas da sociedade, pensar e sentir a arte, a elegância das modas e a cortesia do trato entre pessoas bem como o galanteio de atitudes que se harmonizavam com o prestígio conferido à dignidade do homem e de seus empreendimentos. Era, enfim, a boa educação um postulado coerente daquela percepção de beleza e majestade que traduzia todo o otimismo de uma nova maneira de acreditar no próprio homem e no seu futuro sobre a face da terra.

8. De repente, aquele mundo novo está ameaçado pela iminência da catástrofe. É que eclodira a Reforma liderada por Lutero e a unidade da civilização do continente europeu corria o risco de sofrer rupturas irreparáveis, podendo mesmo levar de roldão todo aquele projeto de humanismo.

Ante a perspectiva de quebra da unidade do sistema religioso com seqüelas de ordem política, Erasmo deixa o seu isolamento voluntário para oferecer uma proposta de paz. Não seria, desta vez, para assumir o encargo honroso que lhe fora acenado pelo Papa Adriano VI, seu conterrâneo e admirador, mas apenas para continuar a ser o que sempre fora: o mestre e o educador. Aparece então em cena, sobraçando o opúsculo para ensinar a civilidade do comportamento coletivo. Destarte, Erasmo proclamava aos adultos em conflito que, pelo menos, as gerações futuras seriam iniciadas nas regras da tolerância e do respeito à dignidade da qual ninguém podia

abdicar em nome da defesa intransigente de conceitos e posicionamentos de ordem religiosa e política.

9. Mesmo sem o propósito de esmiuçar, não é demais destacar certas nuances de bom senso aliado à delicadeza de abordagem com que o educador Erasmo enfrenta problemas que exigem habilidade de trato. É de ver e admirar o modo refinado, mas bastante acessível à idade tenra de crianças, com que ele fala sobre o recato pelo corpo em suas partes mais respeitosas. Aquele lance merece ser relido. "Se a decência ordena resguardar aquelas partes dos olhares indiscretos dos curiosos, por muito menos não se há de expô-las ou oferecer para o contato com outras pessoas". É uma chamada para a conscientização em torno da dignidade também do corpo em suas partes onde os instintos militam contra o controle pela racionalidade. Bastaria essa pérola de lição pedagógica para o leitor ter uma idéia do brilho do tesouro ético, acrisolado pelo insigne renascentista no diuturno amanho de seus educandos.

10. Erasmo evidencia, de modo muito claro, qual o tipo de relacionamento que se estabelece entre o educador e o educando. Ele chama o destinatário da ação educativa de "filho caríssimo". Está a designar que a convivência da paternidade espiritual perpassa o empenho do educador ante a expectativa de acolhimento por parte do educando.

Destarte, a função educativa, se distancia de todas aquelas atitudes incompatíveis com o respeito que entrelaça um pai espiritual ao seu discípulo. O único móvel da ação verdadeiramente educacional resume-se no serviço desinteressado em proveito da vantagem auferida pelo educando. Educar traduz a modalidade mais altruísta do serviço cujo retorno cifra-se na alegria de ter cooperado no desabrochar e no aprimoramento das potencialidades do educando.

Eis porque Erasmo conclui seu livreto, um verdadeiro florilégio de filigranas, com essas palavras: "hoc quicquid est muneris fili carissimi": "ó filho caríssimo, de qualquer utilidade que te possa ser este nosso serviço...".

Por certo, os pseudo-educadores que se defrontam com os estudantes

como massa de clientela num supermercado de diplomas à venda, pouco ou até nada se sensibilizam com a terna afetividade com que Erasmo justifica seu ardor de mestre, ao confessar, na abertura do texto, que fora induzido a compor aquelas páginas porque movido "pelo amor à juventude". Hoje, os magnatas do ensino comercializado agem "pelo amor ao dinheiro".

11. Não passe despercebido como o autor realça a virtude primordial do educando. Na Idade Média, S. Tomás de Aquino dissera que a "docilidade", isto é, a predisposição de acolhimento fácil e simpático, era a condição mais propícia ao aprendizado fecundo. Também Erasmo se refere à "praeclara indolis", ou seja, "à boa disponibilidade". Com efeito, no processo educativo, a abertura de espírito por parte do aluno é um passo decisivo para o aproveitamento. Isto já era conhecido dos antigos, quando diziam: "quidquid recipitur a modo recipientis recipitur", isto é, "aquele que acolhe, recebe qual recipiente". Está claro que a capacidade do recipiente determina o volume do conteúdo a ser recolhido. Vige, aí, uma relação direta de proporcionalidade.

12. Ainda uma palavra sobre o jogo como arte lúcida na pedagogia. A função dos esportes como elemento educativo ocupa, hoje, lugar de relevância, porém em nível diverso daquele preconizado pelo Humanismo da época de Erasmo. Hoje, o jogo e o esporte adestram para a competição e preparam o jovem para a luta no cenário da vida, onde o mercado de trabalho é seletivo e marginalizador. A garra ensina a criança para ser invencível e nunca perder a chance de brilhar com a palma da vitória nas mãos. Naqueles tempos, a finalidade da prática esportiva era outra. O esporte era o espaço para adquirir o vigor do espírito na vivacidade e também um meio para disciplinar os impulsos agressivos. Era tido como sinal de nobreza dar oportunidade aos outros para venceram a fim de melhor compartilhar da diversão comum.

Não era ignorado que o esporte propicia espaço para extravasarem as tendências latentes do espírito. Na desconcentração dos jogos decresce a censura sobre a espontaneidade do temperamento. O educador, então, dispõe de um referencial de análise para descobrir o potencial tanto

positivo quanto negativo da criança. Em suma, no jogo, as virtudes e os defeitos despontam e saltam à vista, desnudando todo o temperamento. O educador faz do esporte o laboratório de observações a fim de conhecer o educando e, oportunamente, assessorá-lo na aquisição de hábitos polidos que nobilitam a personalidade. Eis porque Erasmo encerra seus conselhos com uma frase de imorredoura lição: "Ninguém, de fato, pode escolher seus pais ou pátria, mas todos podem esculpir a própria personalidade pela educação".

13. Evidente, enfim, que o texto elaborado por Erasmo, em 1530, não pretendia ensinar os bons modos para a criança deste final de século. Isso não obstante, a leitura daquelas páginas de singela beleza, sobre espelhar o espírito da civilização da época, comove e enternece o leitor porque muitas daquelas saudáveis e elegantes atitudes foram conservadas e retransmitidas, oralmente, até os dias de hoje. Apraz saber que a boa educação eleva e ressalta aquela dignidade que torna respeitável todo ser humano. Ainda mais quando a civilidade do comportamento está aliada, como escrevia Erasmo, no Preâmbulo, ao cultivo do espírito pelas belas artes: "Hoje, devem ser tidos como nobres todos aqueles que educam o espírito no cultivo das belas artes".

A leitura do opúsculo de Erasmo enseja lances de reflexão porque foi vazado em filosofia educacional de ceifa sazonada no solo fecundo do humanismo e bafejado pelo idealismo sadio.

14. Na concepção pedagógica de Erasmo, o educando aprende como cultivar a própria liberdade, já que dela exsurgem as opções de vida que esculpem o perfil da personalidade de cada indivíduo. A tal tipo de educação Erasmo denomina "liberal". Liberal, aqui, nada tem de libertinagem e, sim, de autodeterminação consciente e responsável na linha da honestidade.

Luiz Feracine

Preâmbulo

Se, fazer-se de tudo para todos, e por três vezes, a fim de se tornar útil não mortificou aquele grande Paulo, quanto menos eu me sentiria apoucado em voltar, vez por outra, ao nível dos jovens por amor da juventude ansiosa de instrução.

Do mesmo modo que, em outra oportunidade, acomodei-me à pré-adolescência de teu irmão Maximiliano com o fito de ensinar-lhe o modo de falar adequado aos jovens, assim, agora, disponho-me a transmitir os preceitos de civilidade pueril adaptadas a tua idade de criança.

Não é porque tenhas já grande necessidade de tais normas. Desde o berço foste educado entre os áulicos e recebeste, já ao nascer, um preceptor hábil que te repassava as primeiras lições. No entanto, tudo que passamos a prescrever, embora de exígua utilidade para tua pessoa, filho que és de príncipes e fadado ao poder, será acolhido, mais prazerosamente, por todos os outros meninos bem porque dedicado a uma criança de classe tão alta e de grande futuro.

Aliás, não seria de negligenciar o incentivo que daí advém para o mundo das crianças pelo fato de verem os filhos dos príncipes imbuídos dos mesmos estudos e exercitados na mesma aprendizagem.

A arte de instruir criança consta de diversas etapas. A primeira e a principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade.

É desta última etapa que, agora, proponho tratar. Das demais fases, muitos outros já se ocuparam, inclusive minha pessoa tem escrito a

respeito com freqüência.

Muito embora, sejam as corretas atitudes do corpo espontâneas numa índole boa, não raro ocorre constatar que, por falta de disciplina, elas ficam a desejar em certos indivíduos honestos e eruditos.

Não nego que a civilidade seja a parte mais modesta de toda a Filosofia, mas, ela tem, hoje, o condão de captar benevolência e predispor para a aceitação alheia nossas qualidades mais prestantes.

É de todo conveniente que o ser humano seja bem composto nas atitudes, nos gestos e no modo de trajar-se.

A modéstia cabe bem em criança, principalmente nos filhos dos nobres. A bem dizer, há de se reputar por nobre todo aquele que cultiva seu espírito com a prática das belas artes.

Não falta quem faça pintar leões, águias, touros e leopardos em seus brasões, mas só possui a verdadeira nobreza quem pode esculpir suas insígnias com tantos emblemas quantas as artes liberais que cultivou.[1]

Erasmo

(1) Esta frase de Erasmo é emblemática de toda sua filosofia educacional. Merece ser referida, aqui, no texto original: "Pingant alii in clypeis suis leones, aquilas, tauros et leopardos, plus habent vere nobilitatis, qui pro insignibus suis tot possunt imagines depingere quot perdidicerunt artes liberales."(NT)

Capítulo I

Atitudes corretas e incorretas

Os olhos

Para que a boa índole da criança seja transparente (e nada como os olhos para revelá-la), convém que o olhar seja plácido, respeitoso e circunspecto.

De fato, olho ameaçador é sinal de violência, enquanto olho perverso traduz maldade. Olho erradio e perdido, no espaço, sugere demência.

Que não se olhe obliquamente porque isso é próprio dos desconfiados ou dos maquinadores de ciladas. Não estejam os olhos, desmensuradamente, abertos porquanto isso evoca imbecilidade. Cerrar as pálpebras e piscar expressam inconstância.

Não é de se terem os olhos pasmados, já que isso é típico dos atordoados.

Enquanto olhos penetrantes denotam irascibilidade, os olhos vivos e muito loquazes veiculam lascívia.

Importa, que os olhos sejam o reflexo de um espírito tranqüilo com respeitosa afetuosidade.

Realmente, não foi, por acaso, que a sabedoria dos antigos dizia que a alma tem sua sede nos olhos. As pinturas antigas nos dão a entender que olhos semicerrados eram sinal de peculiar modéstia.

Também para os espanhóis olhar para alguém, baixando, ligeiramente, as pálpebras, é tido na conta de polidez e amizade.

Aprendemos ainda das pinturas que, em outros tempos, os lábios unidos e cerrados falavam retidão.

Em todo caso, o que é decoroso por natureza, há de ser tido assim por todos.

Isso não obstante, temos que imitar os polvos e adequar-nos aos usos e costumes de cada povo.

Há, a propósito, certas posturas de olhares que são peculiaridades conferidas pela natureza a cada indivíduo e enquanto tais extrapolam o alcance de nossos preceitos. Apenas realçamos o fato que, de modo geral, qualquer postura feia deforma não só os próprios olhos senão ainda toda a aparência física e a beleza do porte. Ao invés, os movimentos espontâneos e comedidos imprimem graça e, se não cancelam os defeitos, pelos menos, podem ocultar e até atenuá-los.

É, por certo, indecoroso olhar com uma vista aberta e a outra fechada. Que é isso senão fazer-se zarolho? Deixemos semelhantes trejeitos para o atum e certos artesões[2].

As sobrancelhas

As sobrancelhas devem ficar naturalmente distendidas e não franzidas porque então projetam um aspecto ameaçador. Não empurradas para cima porque assim modelam um tipo de arrogante, nem mesmo caídas sobre os olhos porque pressagiariam pensamentos malévolos.

A fronte

Que a fronte seja ridente e descontraída. Assim ela dá a imagem de uma boa consciência e de um espírito de lealdade. Quando a fronte está sulcada de rugas, revela velhice, mas, se for movediça, então recorda o ouriço. Se torva, caracteriza o touro.

O nariz

Nariz sujo e mucosa pituitária são sinais de indivíduo desasseado. Aliás, houve quem reprovasse o filosófico Sócrates por tal defeito. Assoar o nariz no barrete ou com a franja da roupa, nada mais chulo. Limpar o nariz no braço ou sobre o cotovelo é próprio de salgadores. Não é bonito também limpar o nariz com as mãos e, depois, esfregá-las nas vestes. Bem mais decente seria fazer uso do lenço, virando-se um pouco de lado, quando em

(2) Erasmo aprendera dos naturalistas que o atum é um peixe que fecha um dos olhos para enxergar melhor com o outro olho. A referência a certos artesões calha bem ao marceneiro que aplica um único olho na linha de prumo para traçar a reta. (NT)

presença de pessoas de mais respeito. Quando se assoa o nariz, apertando-o com dois dedos e o muco nasal cai no chão, é necessário então passar o pé em cima.

Certamente não é correto assoar o nariz de modo rumoroso. Isso denota um temperamento irrequieto. Produzir zunidos, desde que seja habitual, é sinal de demência furiosa. Tal defeito é escusável nos asmáticos porque carecem de correta respiração.

Ridículo mesmo é emitir a voz pelo nariz. Assim fazem os caprinos e os elefantes. Encrespar as narinas é esgar de palhaço e histrião.

Espirro

Se, na presença de outras pessoas, ocorre um espirro, é de bom-tom virar o dorso. Uma vez passado o acesso, há de se fazer o sinal da cruz sobre os lábios e, a seguir, tirando o barrete, fazer um cumprimento às pessoas que disseram "saúde" ou que, pelo menos, deveriam tê-lo dito. O bocejo como o espirro perturbam, de todo, a audição, daí a necessidade de desculpar-se ou de agradecer.

É de bom respeito saudar a quem espirra e, quando se trata de gente mais idosa que saúda pessoa de maior categoria social, homem ou mulher, é dever da criança descobrir a cabeça.

Aos farsantes apraz emitir espirros estridentes e em série para ostentar, por certo, o seu vigor físico.

O rosto

As maçãs do rosto sejam de cor natural e sem afetação. Em todo caso nunca calha bem pintar as faces ou passar corante avermelhado. Isso não obstante, seja o rosto devidamente cuidado, sem descambar para o ridículo ou para a idiotice ou ainda, como diz o provérbio, cair no quarto grau de insanidade.

Acontece existir gente com tamanha predisposição para tais coisas que ela se torna motivo de mofa. Para corrigir tais excentricidades convém acostumar a criança a conviver com os mais velhos e iniciá-la na representação de comédias.

Inflar as bochechas é típico de pessoa arrogante e deixá-las pendentes

é sinal de desespero. Se aquela atitude exterioriza um Traso[3], esta lembra um Judas, o traidor.

Os lábios

Não se devem premir os lábios como se temesse aspirar o hálito dos outros. Igualmente não se pode estar de boca aberta como um paspalho.

O certo é que os lábios estejam aproximados um do outro, tocando-se de leve. Não é elegante empurrar, de tempo em tempo, os lábios para fora, de modo a modular um assobio. Tal trejeito poder-se-ia tolerar nos nobres já adultos, quando passeiam por entre as multidões. Aliás, tudo se permite aos nobres, mas, aqui, estamos a educar uma criança.

O bocejo

Se te sobrevém um bocejo irreprimível e não podes nem virar ao lado nem te afastar, então cobre a boca com o lenço ou com a palma da mão e, depois, faze o sinal da cruz.

O riso

Rir de tudo o que se faz ou é dito eis coisa de bobalhão, mas, não rir de nada já é estupidez.

Rir de palavra ou gesto obsceno espelha um caráter malicioso.

A explosão de risada, aquela que mexe o corpo inteiro e que os gregos denominavam "sacudir", não cabe bem em idade alguma e muito menos em criança.

Rir como imitando o relincho de cavalo não é decente. Igualmente indecoroso aquele que ri, escancarando a boca e arregaçando as faces com os dentes em amostra, à guisa de um esgar canino ou de sorriso sardônico.

A face deve irradiar alegria sem deformar os traços da boca nem sugerir devassidão. Somente os tolos exclamam: "Ah! Eu enlouqueço de tanto rir! Eu estou caindo de risada! Morro de rir!".

Se calha mesmo algo de tão hilariante e irresistível, mesmo para os desinteressados, então que se cubra o rosto com um lenço ou com a mão.

(3) Traso é a figura teatral do arrogante, presumido e insolente. (NT)

Rir sozinho e sem motivo aparente é coisa tida como amostra de tolice e de desequilíbrio.

Se tal ocorrer, prescrevem os bons modos que se decline a razão da hilaridade. Na hipótese de não convir dar o motivo, necessário se faz inventar qualquer pretexto a fim de evitar a suspeita de que alguém está a rir da pessoa dele.

Os lábios

Nada tem de bom gosto morder, com os dentes superiores, o lábio inferior. Isso sugere ameaças. Também não se deve morder o lábio superior com os dentes inferiores.

Lamber as bordas dos lábios, alongando a língua, é típico do desajustado.

Aprumar os lábios como se fosse para beijar foi, outrora entre os germanos, um gesto de simpatia. Tal costume consta das pinturas.

Chasquear alguém, mostrando a língua, é atitude de farsante.

Cuspir

Deve virar-se para o lado, quando vai alguém cuspir. Assim se evita borrifar ou conspurcar o outro. Se cair por terra parte da secreção mucosa, há de se colocar o pé em cima, como, aliás, já foi dito acima, pois não se deve provocar náusea em ninguém. O certo mesmo é cuspir no lenço.

Não é de bom tom engolir saliva. Muito menos, tal como se vê em pessoas que, sem necessidade e mais por costume, apenas pronunciam três palavras e já estão a cuspir.

Tossir

Outros há que, não por necessidade e sim por mera mania, tossem enquanto estão a falar. Isso é peculiar de mentirosos e de quantos tentam por inventar o que devem falar.

Não é de menor indecorosidade o costume de, apenas pronunciadas algumas palavras, pôr-se a emitir arrotos. Quando tal hábito é adquirido, na infância, ele persiste até a idade adulta.

O mesmo seja dito a respeito do costume de escarrar. Aliás, Clitofão,

em certa comédia de Terêncio, é criticado pelo seu escravo tanto por um como por outro destes defeitos.

Surpreendido por um ímpeto de tosse, cuida de não expelir o ar na face alheia. Do mesmo modo não convém tossir com mais veemência do que necessário.

Vômito

Para vomitar procura distância, pois vomitar não é delito. O execrável é predispor-se ao vômito por gulodice.

Os dentes

Deves ter o cuidado de manter os dentes limpos, mas estar a polir os dentes, servindo-se de certos pós é coisa afeminada. Esfregar com sal ou alume prejudica as gengivas. Típico da moda espanhola é enxaguar os dentes com urina.[4]

Se entre os dentes restar algum detrito, não é necessário retirá-lo com a ponta da faca nem com as unhas como fazem os cães e os gatos. Também não uses o guardanapo para tal finalidade. O certo é servir-se de uma ponta de lentisco, de uma pena ou daqueles pequenos ossos tirados das tíbias dos gatos e das galinhas.

A boca

Lavar a boca, de manhã cedo, com água fresca, é tão higiênico quanto saudável. Fazê-lo, repetidas vezes, não tem utilidade.

No lugar certo, ainda falaremos da língua e de seu uso correto.

Cabelo

Não se pentear demonstra desleixo. Cuidar da limpeza não é imitar a faceirice da menina. Longe de ti a sordidez dos piolhos e lêndeas. Ajustar os cabelos, freqüentemente, perante os outros, é deprimente. Igualmente desajeitado é estar a arranhar com as unhas outras partes do corpo, ainda

(4) A informação deixada por Erasmo é sensacional: os ibéricos usavam "urina" para limpar os dentes. Em latim: "Idem lotio facere iberorum est." O substantivo "lotium" significa "urina". (NT)

mais quando tal costume resulta de mera mania, sem necessidade alguma.

Os cabelos não cubram a fronte nem estejam esvoaçando sobre os ombros. Vez por outra, ajeitar o cabelo, com uma sacudidela de cabeça, é próprio de cavalo garboso.

Ajeitar o cabelo da frente para esquerda, da fronte para o alto da cabeça; nada elegante. Melhor mesmo é fazer uso das mãos para reparti-lo.

Busto

Abaixar o pescoço e ficar de ombros caídos é sinal de preguiça. Ressupinar o corpo traduz porte orgulhoso. É preferível estar ereto sem rigidez.

Pescoço

O pescoço não fique pendente nem para a direita nem para a esquerda, a menos que seja para um colóquio ou para outro motivo. Assim se evitam cenas de comediantes.

Ombros

É conveniente manter os ombros em perfeito equilíbrio de modo a não levantar um e abaixar o outro como as antenas (de navio).

Defeitos de tal espécie podem até ser perdoados nas crianças, mas, se habituais, acabam por deformar a simetria corpórea a despeito da natureza. Quem, por indolência, toma a mania de curvar o corpo, adquire uma corcunda que não herdou da natureza. Quem anda de cabeça inclinada, se persiste em tal postura, quando adulto, em vão tentará a correção. Os corpos tenros são como plantas novas que podem inflectir para qualquer direção com a ajuda de amarilhos, mas, assim, elas crescem e enrijecem.

Braços

Cruzar os braços, entrelaçados um no outro, equivale à pose de preguiçoso ou de quem lança um desafio. Não é correto estar de pé ou assentado e ter uma mão sobre a outra. Há quem pensa que tal gesto seja elegante ou espelha o estilo belicoso, porém tudo que agrada aos tolos não é exatamente urbano. Correto mesmo é atender a natureza das coisas

e a razão. Ainda dissertaremos sobre o modo de conversar e de tomar refeições.

Partes pudendas

Os membros aos quais a natureza outorgou o pudor, descobri-los sem necessidade, eis o que deve ficar alheio a uma índole liberal. Quando, onde a necessidade compele, seja feito sob guarda da pudicícia, mesmo que não observado. Aliás, sempre estão presentes os anjos. Eles se comprazem com pudor, guardião e companheiro da pudicícia.

Se o pudor ordena que se subtraiam aquelas partes aos olhares dos outros, por muito menos se deve oferecê-las para contato alheio.[5]

A urina

Reter a urina é prejudicial para a saúde. É de bom costume vertê-la em lugar reservado.

Flatulência

Há quem aconselha que a criança deve apertar as nádegas para reprimir a flatulência. Nada de educação nisso. Pode até parecer urbanidade, mas, estás a provocar uma disfunção.

Se for possível afastar-se um pouco, então alivie-se isoladamente. Caso contrário, de acordo com um antigo costume, dissimula, com a tosse, a crepitação. De outro lado, por que não preceituar que se esvazie o intestino, já que retardar tal situação é mais danoso que comprimir o ventre?

As pernas

Ficar assentado com os joelhos abertos ou estar de pé com as pernas

(5) Em latim, no original, lê-se: "Quorum autem conspectum oculis subducere pudicum est, ea multo minus oportet alieno praebere contactui." Pergunta-se por que "por muito menos"? Haveria uma razão inferior ao "pudor" para justificar o recato pelos órgãos genitais? Há, sim. Na filosofia estóica, que o Erasmo perfilha e prestigia, ao que tange à conceituação de moralidade, o "pudor" ou "decoro"(Ver Cícero em *Os Deveres*) significa um grau mais refinado de virtude. Erasmo afirma, aqui, que para não expor as partes pudendas do corpo ao contato alheio, não é preciso apelar para o "pudor" porque existem razões imperativas de nível imediato e de menor elevação ética. Que razão menor seria essa? A resposta diz: o respeito pelo próprio corpo. Mesmo quem não cultiva o "pudor" sente vergonha em expor certas partes do corpo. Em outras palavras: não é necessário ser exímio moralista para não praticar tal desmando ético. Hoje, sabemos existirem razões meramente higiênicas para resguardar as partes pudendas do corpo. (NT)

distanciadas uma das outras e tortas, tudo isso são modos dos Trauseos.

O correto seria, ao assentar-se, ter os joelhos juntos e, ao ficar de pé, aproximar as pernas uma da outra ou, pelo menos, deixar pouco espaço entre elas.

Há quem se assenta, mantendo a perna apoiada sobre o outro joelho. Outros há que ficam de pé com as pernas cruzadas em forma de "X". Enquanto a atitude anterior espelha inquietude, a segunda resvala para a imbecilidade.

Era costume dos reis antigos, ao tomarem assento, pôr o pé direito sobre a coxa esquerda, porém tal postura não é mais aprovada.

Na Itália, há gente que, para prestar homenagem, posta-se com um pé pisando o outro e, quando está de pé, fica apoiado em uma única perna tal como as cegonhas. Não saberia se aquela posição é bonita para as crianças.

Genuflexão

O mesmo vale para o costume de fazer cumprimentos, flexionando os joelhos. Para uns é correto e para outros não. Existe a prática de dobrar os dois joelhos ao mesmo tempo, mas mantendo o corpo ereto. Outros acrescentam uma curvatura do dorso.

Segundo alguns, a flexão dos dois joelhos fica bem para as senhoras. Para outros o correto seria, ficar firme e, primeiro, flexionar o joelho direito e, em seguida, o esquerdo. Aliás, isso é muito apreciado para a juventude, entre os ingleses. Por sua vez, os franceses dobram apenas o joelho direito, completando o rito com um elegante semigiro do corpo.

Os usos e costumes, na sua diversidade, nada tendo que firam a decência, a moda podes, livremente, segui-los, quer sejam os locais, quer sejam de fora. Fato é que os ademanes oriundos de outro país têm um charme especial.

O passo

Que o passo não seja nem muito lânguido nem muito apressado. O primeiro é próprio dos efeminados. O outro caracteriza os furiosos.

Sem dúvida que andar cadenciando o corpo é atitude inepta. Deixem

isso para os soldados suíços e para aqueles que se orgulham de portar plumas no chapéu. Fato é que até bispos se comprazem com semelhante afetação.

Os pés

Movimentar os pés, estando assentado, evoca o gesto de bobalhão.

As mãos

Igualmente, gesticular com as mãos desperta suspeita de alguma anomalia.

Capítulo II

A ELEGÂNCIA DOS TRAJES

Falamos, sumariamente, do corpo. Sejam, algumas observações para o modo de vestir-se.

A roupa

A roupa, de certo modo, é o corpo. Isso porque externa as disposições interiores do indivíduo. Não há como estabelecer, aqui, normas rígidas, já que nem todos possuem igual riqueza nem a mesma categoria social. Além do mais, a elegância varia de lugar para lugar, sem esquecer que as preferências mudam ao longo do tempo.

Tal como em muitas outras coisas, neste particular, é mister saber adaptar-se, como diz o provérbio, aos costumes e à região e, diria eu, também ao tempo como os sábios ordenam respeitar. Com efeito, em toda diversidade há coisas que são convenientes por si e outras que não, tais como aquelas que já não têm serventia.

Senhoras que arrastam longas caudas no vestido, nada mais ridículo. Igualmente é desaprovado tal costume nos homens. Deixo para outros opinarem se isso convém ou não para cardeais e bispos!

O uso de tecidos leves não faz boa figura nem nos homens nem nas mulheres. Convém então usar com outro tecido de reforço de modo a ocultar aquelas partes que ficariam, impudicamente, expostas.

Outrora foi tido como pouco viril dispensar os cintos. Hoje, ninguém é recriminado porque o uso de camisas, calças e gibões não deixam à vista as partes mais reservadas do corpo, principalmente, quando a veste andeja com o vento.

Em todo caso, a veste curta demais para ocultar, quando o indivíduo se abaixa, o que deve de ser protegido pelo pudor, nunca é sinal de bons modos em país algum.

Rasgar a roupa é coisa de doido. Roupa variegada ou multicor evoca os saltimbancos e os símios.

Em consonância com as partes e o status, respeitando ainda usos e costumes de cada região, deve-se ater à limpeza da roupa. Não é conveniente chamar a atenção nem por causa do desleixo nem do luxo que demonstra ou vaidade ou lascívia.

O asseio

Um pouco de negligência nas vestes é perdoável nos jovens, porém, sem chegar à imundície.

Há gente que mancha, com pingos de urina, as bordas dos gibões e das camisas ou ainda incrustam o forro das mangas com nódoas feias não de giz, mas de escarro e pituita.

Mantelete

Não falta quem deixa o mantelete caído só de um lado; em outros ainda fica jogado para trás à altura dos rins. Há, sim, quem veja elegância nisso.

Tal como é decente manter as vestes limpas e bem cuidadas também é de rigor que elas sejam adequadas ao tipo de corpo.

Se teus pais te presenteiam com roupas bonitas, não fiques a voltar os olhos sobre ti mesmo em contemplação nem te ponhas a gesticular de alegria nem te apresentes para ser admirado pelos outros. Isso seria o mesmo que imitar os macacos ou o pavão. Que os outros te observem enquanto fazes por ignorar que estás sendo alvo de atenção.

Quanto maior a riqueza tanto mais amada há de ser a modéstia. Convém não tirar dos desafortunados o conforto de alegrarem-se um pouco consigo mesmos.

Os ricos que ostentam o fausto das vestes tanto humilham a pobreza dos demais quanto incitam para sentimentos de inveja.[6]

(6) Esta advertência merece ser registrada no esplendor ético do texto original em latim: "At dives ostentans splendorem amictus, aliisque suam exprobat miseriam, sibique constat invidiam." (NT)

Capítulo III

De como se portar na Igreja

Sempre que adentrares os umbrais de uma igreja, descobre a cabeça e, genofletando, ligeiramente, com o rosto voltado para o altar, saúda o Cristo e os Santos.

Imagens e templos

Tenhas igual procedimento quando te defrontares com a imagem do Crucificado, seja na cidade, seja no campo. Nunca passes à frente de um lugar sacro sem fazer algum ato de devoção ainda que seja apenas uma breve oração, sempre com a cabeça descoberta e com os joelhos dobrados.

A Missa

Quando está sendo celebrada a Eucaristia, manifesta recolhimento em toda a tua postura. Pensa então que Cristo está, ali, presente. Ele e incontáveis legiões de anjos.

Se alguém dirige a palavra a um rei, cercado de seus cortesãos, e se descuida de tirar o chapéu ou de ajoelhar-se, por certo, será tido não só por vilão, mas até por atrevido, quanto mais então ter a cabeça coberta e não cair de joelhos dentro de um recinto, onde habita o eterno Rei dos reis, o Senhor Imortal, cercado de adoradores invisíveis.

Importa não o fato que não os vês e, sim, que eles te estão vendo. Não é porque não os vês com teus olhos que eles deixam de estar, ali, presentes. De fato, o certo mesmo é que os olhos da fé enxergam melhor que os olhos da carne.

Não fica bem transitar pelo recinto da igreja como os peripatéticos[7].

(7) Alusão à escola peripatética da filosofia helênica. As aulas eram ministradas em forma de diálogo enquanto alunos e professores perambulavam pelas avenidas do bosque.(NT)

Lugar de passeio são as galerias e as praças públicas, mas não igrejas que foram consagradas para fins de evangelização, para a celebração dos mistérios da fé e para a oração.

Volta os olhos para o pregador, com ouvidos abertos e com total atenção. Dá atenção respeitosa a tudo o que ele está a dizer. Não é a um simples homem que escutas e, sim, ao próprio Deus que te fala pela boca de um homem.

Quando se lê o Evangelho, levanta-te e, se logras ouvir, escuta religiosamente.

Ao canto do "Creio", na altura do "Ele se fez homem", ajoelha-te, com humildade, em homenagem à divindade. Aquele, que residia além dos céus, desceu ao mundo para tua Salvação, dignando-se, embora Deus, tornar-se homem a fim de fazer de ti um deus.

Enquanto está em curso a celebração da missa, demonstra respeito religioso e cuida de ter o rosto dirigido para o altar e a mente para o Cristo.

Tocar o piso do pavimento com um único joelho, enquanto o outro permanece apenas como apoio, reproduz o gesto da ímpia soldadesca que blefava do Cristo e vociferava: "Salve, ó Rei dos Judeus!". Eis então que deves dobrar os dois joelhos com todo respeito.

Nesse ínterim, lê alguma passagem de teu livro de missa ou faze alguma leitura de salutar doutrina ou então eleva o espírito com alguma prece mental.

Cochichar, naqueles momentos, aos ouvidos do vizinho é próprio só de quem não dá crédito à presença do Cristo.

Ficar a repassar os olhos de um canto para outro é atitude de pessoa abobada.

Guarda o seguinte: é inútil ires a uma igreja, se dali não saíres melhor e mais puro.[8]

(8) Outra advertência magistral de Erasmo. É, aqui, registrada, conforme o texto original: "Aestima te frustra templum adisse nisi inde melior discesseris puriorque." (NT)

Capítulo IV

Os banquetes e as refeições

À mesa é de regra estar bem-humorado. Não significa isso ser provocante.

Antes das refeições

Nunca se assentar sem ter lavado as mãos, porém, limpa, primeiro, as unhas. Que elas não escondam sujeiras senão podes levar o apelido de "unhas encardidas".

Antes ainda cuida de urinar, à parte; e, se necessário, esvazia o intestino.

Se te incomoda o cinto apertado, trata de folgar a fivela. Fazer isso, já assentado, não cai bem.

Ao enxugar as mãos, afasta todo tipo de pensamento melancólico de tua mente. Durante a refeição, não deves aparentar tristeza como não entristecer a ninguém.

A oração antes do repasto

Se pedirem a ti para abençoar a comida, assume uma atitude de recolhimento total, seja com as mãos, seja na fisionomia. De frente para a pessoa de maior respeito, ali, presente ou voltado para a imagem do Cristo, se houver. Chegado ao nome de Jesus e de sua mãe, a Virgem Maria, faze flexão com os dois joelhos.

Caso seja tal função confiada a outrem, ouve e responde com a mesma devoção.

Lugar de honra

De bom grado, cede para algum outro o lugar de honra. Se fores convidado para ocupar um espaço de mais destaque, escusa-te com

amabilidade. Se há firme insistência e repetida por várias vezes, sendo que quem roga é uma autoridade, cedas com simplicidade. Deixar de anuir já não seria cortesia e, sim, obstinação.

Posição das mãos

Uma vez assentado, pousa as duas mãos sobre a mesa, mas não juntas nem sobre o prato. Igualmente deseducado é ficar com uma ou com as duas mãos sobre o peito.

Posição do corpo

Não se perdoa a mania de pôr um ou dois cotovelos sobre a mesa. Isso passa despercebido nos velhos e nos doentes. Cortesãos há refinados que se permitem tais posturas. Não dês atenção a eles nem os imites.

Entrementes, sê atento para não incomodar com os cotovelos a quem está assentado ao teu lado. Também não, com os pés, a quem está a tua frente.

Não fiques a balançar sobre a cadeira, apoiando-te, ora sobre uma das nádegas, ora sobre a outra. Tal atitude sugere o trejeito de quem está para liberar gases do tubo digestivo ou, pelo menos, se esforça para tanto.

O correto é ficar de corpo direito, em equilíbrio estável.

O guardanapo

Se te oferecem o guardanapo, coloca-o ao ombro esquerdo ou sobre o braço do mesmo lado.

O chapéu

Sendo indeclinável estar à mesa em companhia de pessoas mais gradas, posto que tens os cabelos bem penteados, dispensa então o chapéu, a menos que o costume do lugar aconselhe diversamente ou haja exigência em contrário por parte da autoridade do anfitrião ao qual não seria airoso contrariar.

Regiões há onde o costume obriga que criança, junto de adultos, tome a refeição na ponta da mesa, tendo a cabeça coberta.

Em todo caso, a criança não se aproxime da mesa a não ser que

expressamente convidada. Também não pode permanecer junto da mesa até o final da refeição. Logo assim que se alimentou, suficientemente, tome do prato e retire-se, após ter saudado os convivas, fazendo uma leve genuflexão máxime àqueles de maior categoria.

Talheres

O copo fica à direita como também a faca, devidamente asseada, para talhar a carne. O pão à esquerda.

O pão

Alguns cortesãos se distraem em apertar o pão com a palma da mão para depois parti-lo em pedaços com as pontas dos dedos. Tu, porém, deves cortá-lo, normalmente, com a faca, sem tirar a côdea ao derredor, mas indo de um lado a outro. Isso sim revela modo de gente refinada.

Os antigos, durante a refeição, tinham um rito religioso de manusear o pão como se fosse objeto sacro. Daí veio o costume de beijá-lo, se ocorre de cair sobre o piso.

Bebida

Principiar a refeição bebendo é hábito dos alcoólatras que bebem não por sede e, sim, por impulso. Isso, além de inconveniente, prejudica a saúde.

Não há necessidade alguma de tomar líquido logo depois de ter tomado sopa ou bebido leite.

Aliás, beber mais de duas ou três vezes, no decorrer da refeição, não é elegante nem saudável para as crianças. Bebam uma única vez ao começar o segundo prato, principalmente se for um assado. Depois, no final da refeição, bebam, mas sorvendo o líquido com moderação, não engolindo de um sorvo nem fazendo aquele rumor típico de cavalo.

O vinho e a cerveja, que têm igual teor inebriante, prejudicam a saúde das crianças e depravam os costumes.

Preferível mesmo é que a juventude, por ser mais acalorada, beba apenas água.

De acordo com a idade dos menores é mais adequado tomar água

ferventada. Se tal não se adequar ao clima e a outras coisas mais, então bebam cerveja menos forte ou vinho mais suave diluído em água.

Pelo mais, eis alguns dos prêmios que contemplam pessoas dadas ao vinho: dentes amarelados, pálpebras caídas, olhos embaciados, estupor mental, velhice prematura.

Antes de beber, engole a comida. Nunca aproximar o copo dos lábios sem, primeiro, tê-lo limpado com a guardanapo ou com o lenço, principalmente se um dos convivas te apresenta o próprio copo ou setodos bebem da mesma taça.

Reparar nos outros

Girar os olhos enquanto se bebe a fim de observar os outros, nada é mais indiscreto. Também é impróprio o costume de inclinar o pescoço para trás, à guisa de cegonhas, a fim de esvaziar o copo até a última gota.

Brinde

Se alguém levanta um brinde a tua saúde, retribui com cortesia e, tocando os lábios com o copo, limita-te só a umedecê-los, fingindo beber. Isso é quanto basta para também atender ao festivo conviva. Se o indivíduo insiste como vilão, retruca, dizendo que, um dia, como adulto lhe darás troco adequado.

Sofreguidão em comer

Há gente que, mal se aproxima da mesa, mete a mão nas travessas. Isso é coisa de lobo ou de quem devora as carnes da panela antes mesmo de serem feitas as libações aos deuses, como diz o provérbio.

Não tocar, de imediato, no prato servido, não só para não ostentar gula, mas ainda por causa do perigo, por vezes, conexo. Se introduzido na boca, sem o devido cuidado, alimento muito quente, resulta ser necessário ou cuspir fora ou queimar a goela. Ambas as reações são tão ridículas quanto mortificantes.

Aguarda um pouco. É vantajoso ir-se acostumando ao controle do apetite. Em virtude de tal conselho, e não por causa da idade, que Sócrates sempre declinava tomar da primeira taça.

Precedência

Quando uma criança toma lugar à mesa em companhia de pessoas mais velhas, seja a última a servir-se da travessa, e mesmo assim, após ter sido convidada. É gesto grosseiro enfiar os dedos no molho. Pega com a colher ou o garfo o que te apetecer. Ao invés de pôr-te a escolher dentre todas as porções da travessa, à moda de guloso, retira aquela parte que está bem à tua frente.

A propósito, aprendamos de Homero, onde é freqüente este verso: "eles estendiam as mãos para aqueles pedaços de carne cozida que estavam diante deles".

Se um pedaço for mais apetecível, deixa-o para outrem e serve-te de outra porção próxima.

Posto que remexer o conteúdo da travessa inteira passa por gulodice, o simples movimento para girar a travessa a fim de selecionar as melhores partes não deixa de ser descortês.

Se te oferecem uma porção de melhor aspecto, então agradece com cortesia e aceita. Em seguida, tendo separado uma parte pequena para ti, devolve o restante a quem te apresentou o prato ou então passa-o ao vizinho.

O que não pode ser segurado com os dedos, seja posto no prato.

Se te for oferecido um pedaço de bolo ou de torta, pega-o com o talher, coloca-o no prato e devolve o talher. Se for algo de mais mole, recebe para degustar e devolve a colher depois de limpa na toalha de mão.

Em todo caso, lamber os dedos untados ou enxugá-los na roupa é de todo inconveniente. O correto seria servir-te da toalha ou do guardanapo.

Modo de deglutir

Deglutir bocados inteiros, apressadamente, é próprio das cegonhas e dos histriões.

Quando alguém está a separar uma fatia, não fica bem já aproximar a mão ou o prato antes que o garção ofereça. Então parece que queres pegar o que estava sendo destinado para outra pessoa. O que te for oferecido,

segura-o com três dedos ou apresenta o prato para receber.

Se o que foi oferecido não agrada ao teu paladar, não vás dizer como Clitifones da comédia: "Pai, não agüento!". Pelo contrário, agradece com suave sorriso. Essa é a maneira elegante de refugar.

Dado que o ofertante insiste, replica, com cortesia, que o prato não te apraz ou que já te sentes suficientemente atendido.

Modo de cortar a carne

Recomendável é que, desde logo, as crianças, sem aquela afetação de certos indivíduos, aprendam a técnica de cortar com a devida propriedade. Assim, paleta não se corta como perna de carneiro; nem pescoço como costela. Por sua vez, frango, faisão, perdiz e pato, todos eles são dissecados de maneira diversificada.

Outras precauções em banquetes

Longe de ti passar para os outros um bocado já comido pela metade.

É costume de caipira estar a imergir no caldo o pão mordido.

Nada mais repugnante que repor, no prato, o alimento já mastigado, retirando-o da goela. Se ocorrer que algo, já na boca, não deve ser deglutido, então, voltando-se para trás, trata de retirá-lo de qualquer jeito, discretamente.

Tem-se como de mau gosto repor, no prato, alimento já provado ou ossos descarnados.

Não jogar para debaixo da mesa ossos e outros detritos a fim de não conspurcar o pavimento. Também não depositar sobre a toalha da mesa nem dentro da travessa de serviços. O certo é deixar, num canto, dentro do teu prato ou no pires que, segundo o costume corrente, destina-se a receber os restos.

Revela inépcia quem tira alimento da mesa para dá-lo aos cães dos outros. Pior ainda é estar a acariciá-los.

É ridículo retirar a casca do ovo, usando as unhas ou o polegar. Também detestável é servir-se da língua para descascá-lo. O correto é o uso da faca. Roer os ossos fica bem só para cães. Gente educada sabe como descamar os ossos com a faca.

Mancha de três dedos no saleiro, como se diz por escárnio, são as pegadas do caipira. A regra manda pegar o sal com a faca. Se o saleiro estiver distante, pede por favor e apresenta o prato.

É coisa de felinos e não de humanos lamber, com a língua, prato ou tigelas onde ficou aderente o mel ou resíduo açucarado.

Primeiro, corta a carne em fatias dentro do prato; a seguir, junto com o pão, mastiga por algum tempo e depois podes engolir. Tal procedimento é preceituado não só pela boa educação como ainda pela saúde.

Indivíduos há que, ao comer, mais parecem devorar e assim se assemelham aos que estão para serem, incontinenti, encarcerados. Tal sofreguidão revela o ladrão.

Outros engolfam tanta coisa na boca que estufam as cavidades do rosto.

Alguns, ao mastigar, abrem de tal modo a boca que chegam a grunhir como suíno.

Não falta quem come com tal avidez que aspira com se estivesse sendo sufocado.

Beber e falar com a boca cheia, sobre ser mal-educado, é também perigoso.

Convém que as ceias prolongadas tenham intervalos para a conversação descontraída.

Muita gente há que bebe e come sem fazer pausa ou tomar fôlego, não por causa da fome ou da sede, mas porque não é capaz de ficar sossegada. São indivíduos impulsivos que, ora coçam a cabeça, ora limpam os dentes ou gesticulam, ora brincam com a faca, ora tossem ou escarram e cospem.

Tais cacoetes tanto demonstram o desajustamento dos rústicos como podem até ser indício de anomalias. Convém esconder o enfado, quando escutas a conversa dos outros sem ter chance de falar.

Não há utilidade alguma em sentar-se à mesa e ficar meditabundo.

São até vistos indivíduos tão concentrados que, além de nada ouvirem de quanto os outros falam, não percebem que estão a comer. Se forem chamados pelo nome, tomam o ar de despertados do sono. Isso porque estão de olhos pregados nos pratos.

Feio mesmo é ficar de olho vivo no vizinho para observar o que ele

come. Também não é elegante assestar os olhos, fixamente, em determinada pessoa.

Igualmente pouco polido é olhar de soslaio para aqueles que estão ao lado. Pior de tudo é girar a cabeça para trás a fim de ver o que acontece em outra mesa.

Mexericos a respeito do que é dito e feito entre um copo e outro, não fica bem para ninguém e muito menos para um menino.

Criança, à mesa com pessoas mais velhas, deve ficar em silêncio, a não ser que tenha necessidade de dizer alguma coisa ou seja solicitada a falar.

Rir, moderadamente, de alguma palavra chistosa, nada de errado, porém, em ocasião alguma rir motivado por palavra obscena. Sequer levantes as sobrancelhas, se quem a proferiu é pessoa de classe. Ao invés, deves tomar o jeito de quem nada ouviu ou, ainda melhor, fazer que não entendeu.

Se o silêncio é ornamento para a mulher, muito mais para a criança.

Há quem responde bem antes que o interlocutor tenha findado a frase. Acontece então que, dando resposta, provoca risada e enseja recordar o velho provérbio: "Eu te pedia o ancinho"[9].

Aliás, certo rei de grande sabedoria tinha na conta de idiotice o hábito de responder antes de ter ouvido a pergunta. Com efeito, não se ouviu o que não foi entendido.

Se não entendeste bem a pergunta, fica, por um instante, em silêncio até que o interlocutor, espontaneamente, torne a interrogar. Se ele não o faz e mesmo assim insiste na resposta, então a criança, com uma amável escusa, pede que repita o que foi dito.

Dado que a pergunta foi entendida, ocorre pensar um pouco e depois responder com brevidade e de modo simpático.

Durante o convívio não deixes escapar nada que prejudique o clima de alegria.

É desairosa a prática de falar mal de pessoas ausentes. Não é de louvor recordar para algum dos convivas qualquer de seus pesares.

Criticar o que está servido na mesa, além de deseducado, revela ainda

(9) Trata-se do antigo provérbio em latim "falces petebam" ("eu te pedia a foice"), citado por Svida. Diálogo entre camponeses. Um pede a foice e outro responde: "Só tenho enxadão". Em suma, dialogo entre surdos. Alguém pede uma coisa e o outro responde atravessado. (NT)

ingratidão para com o anfitrião.

Quando os gastos com o banquete saírem de tua posse, é gentil pedir compreensão pela exigüidade de fartura, porém, elogiar e proclamar os gastos é o pior dos condimentos para os convivas.

Se, durante a ceia, alguém for grosseiro por ignorância, é de relevar o episódio, ao invés de zombar. Afinal, beber em companhia implica certa liberdade. Em todo caso é cruel estar a propalar, lá fora, como, aliás, já advertia Horácio, algo que escapou do controle, durante a festa. O que, aliás, foi falado e acontece deve passar com o vinho. Caso contrário, ter-se-ia que ouvir o ditado: "Odeio o conviva de boa memória".

Se o convívio se prorroga além do tolerável para a idade juvenil e vai se encaminhando para descomedimentos, então, apenas satisfeito o apetite, retira-te, discretamente, ou depois de pedir licença.

Aqueles que submetem crianças à dieta, no meu pensar, são indivíduos tão desmiolados quanto aqueles que os fazem comer em demasia. Realmente, se o regime debilita a resistência de organismos ainda tenros, o excesso de alimentos atordoa o vigor mental. Eis porque, desde cedo, a criança deve aprender a temperança.

O corpo de criança deve estar alimentado aquém da plena saturação. É preferível comer diversas vezes a empanturrar-se.

Há indivíduos que desconhecem os limites do empanzinamento a não ser quando estão a perigo de explodir ou de rejeitar, com o vômito, a sobrecarga.

É sinal de desamor pelas crianças permitir a tão tenra idade participar de ceias que se prorrogam pela noite adentro.

Se for necessário retirar-te da ceia, que se delonga por horas a fio, toma contigo o prato com as sobras e, depois de ter feito uma saudação ao convidado de maior destaque, em seguida, afasta-te com outros convivas, mas retorna bem logo, a fim de que não pensem que estivesses a fazer gracejos ou qualquer coisa de pior.

Ao voltar à mesa, serve-te, se ainda necessitas de algo ou então toma lugar e fica em respeitosa espera de qualquer ordem. Em todo caso, seja ao trazer para a mesa qualquer coisa, seja ao tirar, cuida para não sujar a veste.

Final do banquete

Se fores apagar as velas, primeiro, afasta-as da mesa, e, apenas extinta a chama, submerge-a em areia ou pisoteia-a sob a sandália para que o odor desagradável não seja causa de irritação para os outros.

Quando for para pegar ou entornar alguma coisa, cuida para não te servir da mão esquerda.

Se te for pedido para fazer a oração final de agradecimento, toma a atitude adequada para demonstrar que estás pronto ao rito, enquanto aguardas o momento oportuno para executá-lo em meio ao silêncio dos convivas. Enquanto esperas, mantém o rosto voltado, respeitosamente, para quem preside a refeição.

Capítulo V

Os encontros e conversas

Respeito a adultos e a autoridades

Se encontrar, pelo caminho, alguém digno de respeito por causa da idade ou de reverência por ser da classe dos religiosos ou pela distinção da categoria ou em razão de qualquer outro título, deve a criança afastar-se da trilha, tirar o chapéu, respeitosamente, fletindo de leve o joelho.

Que não lhe ocorra pensar: "Que me importa tal desconhecido!". A deferência não é tributada a um homem ou aos seus títulos e, sim, ao próprio Deus. Com efeito, ordenou Deus pela boca de Salomão que se deve levantar ante uma pessoa idosa! Igualmente, Deus ordenou, pela palavra de Paulo, que se preste honra dupla aos presbíteros. Vale dizer, deve-se honrar a quem o merece independentemente de sua etnia.

Se os turcos, que Deus não permita, viessem a dominar a Europa, seria uma ofensa a Deus recusar-lhes o acatamento devido a sua autoridade pública.

Deixo de falar a respeito dos pais que, após Deus, merecem respeito preferencial. Não menor respeito se deve aos mestres que, bem pelo fato de contribuírem na formação da personalidade, de certo modo, são também seus genitores.

No relacionamento entre pessoas do mesmo nível, vale aquela norma ditada pelo apóstolo Paulo: cada qual cuide em antecipar-se nas cortesias mútuas. Quem se antecipa em saudar pessoa do mesmo nível ou inferior, não está a rebaixar-se, antes demonstra maior civilidade e por isso granjeia mais respeito.

Atitudes externas na conversação

Com os mais idosos, a regra manda falar pouco e com respeito; com gente da mesma faixa etária, de modo afetuoso e cortês.

Ao conversar, segura o chapéu com a mão esquerda, apoiando de leve a direita à altura do umbigo. O que, aliás, ficaria mais correto é ter o chapéu seguro pelas duas mão juntas, ficando os dedos polegares, à vista, de modo a esconder a região do púbis.

Sobraçar um livro ou o barrete pelas axilas é de mau gosto.

O pudor nunca pode faltar, mas seja aquele que adorna o visual e nunca aquele que o deprime.

Os olhos estejam dirigidos para a pessoa com quem conversas, mas seja um olhar calmo e natural. Nada de olhos atrevidos ou maliciosos. Fixar os olhos no chão, tal como o touro Catopleba[10] sugere más intenções. Olhar para alguém à socapa é sinal de hostilidade. Girar o rosto de um lado para outro traduz volubilidade.

Não é simpático imprimir, na fisionomia, imagens variadas, ora enrugando o nariz, ora encrespando a fronte, ora levantando o sobrolho, ora torcendo os lábios, ora abrindo e fechando, bruscamente, a boca. Todos esses esgares revelam um tipo volúvel como Proteu.

Também não é conveniente: ajustar o cabelo com movimentos da cabeça; tossir à toa; escarrar; coçar a cabeça com a mão, limpar os ouvidos e assoar o nariz; afagar o rosto como se fosse para desfazer o rubor da vergonha; esfregar a nuca; empinar os ombros, aliás, mania generalizada entre alguns italianos; dizer não com movimento rotatório da cabeça ou chamar com gesto reduzido da mesma. Dar ênfase a tudo, falando com gestos e acenos, não calha bem aos meninos, muito embora possa até ser tolerado nos adultos.

É vulgar agitar os braços e gesticular com os dedos bem como mexer com os pés, expressar-se menos com palavras e mais com o corpo todo. Isso fica bem só nas rolas, nas alvéolas e nas pegas[11].

O tom da voz

A voz da criança seja suave e calma. Nunca gritada como a voz dos roceiros, mas nem tão fraca que não se faça escutar. O modo de falar não

(10) Catopleba segundo Plínio (in Hist. Nat. VII, cp. XXII) um touro da África, cuja cabeça contém uma quantidade tão grande de veneno que é obrigado a se desfazer da carga lançando-a no solo. Bastaria um olhar dele para matar um indivíduo. Felizmente trata-se de uma figura existente só na fantasia dos antigos. (NT)

(11)Alvéola e pêga são aves européias. (NT)

deve ser precipitado como se antecipado ao pensamento, mas sim lento e claro.

Destarte corrige-se, senão de todo ao menos em boa parte, a gaguice e a hesitação. Por sua vez, o falar rápido provoca, com freqüência, defeitos que a natureza não deu.

O título no tratamento

Durante o colóquio é de cortesia repetir, vez por outra, o título da pessoa com a qual se conversa. Título nenhum é mais honorífico e amável que o de pai e mãe tal como nenhum mais afetuoso que o de irmão e irmã. Se não te ocorre o título específico de determinadas pessoas, então recorda-te do seguinte: teus preceptores são sempre mestres; todos os sacerdotes e monges são padres reverendos; todos teus camaradas são irmãos e amigos. Em suma, todos, aos quais não conheces, deves tratar como senhores e senhoras.

Juramento e palavras obscenas

É torpeza inaudível o juramento na boca de criança, seja por mero gracejo, seja com propósito de seriedade. Nada tão execrável quanto o mau hábito, na moda, em muitas regiões, onde se aprova que os meninos e até meninas, mal pronunciam duas ou três palavras para dizer pão, vinho, candeia, e já fazem algum juramento.

Criança inocente não deve emprestar sua língua para palavras obscenas nem aplicar os ouvidos às mesmas. Afinal, tudo quanto se desnuda como vergonhoso para os olhos humanos é também indecente para os ouvidos. Se for necessário designar pelo nome alguma parte pudenda do corpo, que então seja usado eufemismo.

Se, de novo, ocorre a necessidade de dizer alguma palavra que provoca nojo a quem escuta, como vômito, latrina, excremento, então que, antes, seja pedido desculpas.

Outros cuidados com a palavra

No caso de ser preciso refutar alguma afirmação, cuida de não dizer: "Mentira", ainda mais quando estás conversando com pessoas mais velhas.

Mil vezes preferível, após pedir escusa, dizer: "Aquilo já me foi contado em outra versão por outra pessoa!".

Menino educado não briga com ninguém e menos com colegas. Se a solução for de conflito, prefira fazer concessões ou então confiar ao juízo de terceiros.

Não ostentes superioridade; não te gabes; não critiques o temperamento alheio; não deboches os costumes dos estrangeiros; não espalhes nada de secreto que te foi confiado; não difundas notícias sensacionalistas; não firas a reputação alheia nem jogues na face de ninguém seus defeitos naturais. Tal procedimento, além de ofensivo, é ainda cruel. É tolice chamar o caolho de ceguinho ou o manco de aleijado ou o estrábico de zarolho e o bastardo de ilegítimo.

Ao proceder segundo estes conselhos, seguramente, granjearás aplausos, sem despertar inveja e conquistarás amigos.

Interpelar quem está a contar uma piada é de mau gosto.

Confidências e segredos

Criança não deve provocar rivalidade com ninguém; antes trata de mostrar cortesia para com todos. Cuida, sim, de ter poucos como mais íntimos e secretos. Assim mesmo nunca confidencies aos outros o que queres guardado em segredo. Aliás, seria ingênuo esperar dos outros a discrição que tu não tens para contigo mesmo.

Verdade que ninguém possui tal domínio sobre a língua que não encontre alguém para o qual transfira o segredo. Em todo caso, é bem mais seguro nada confidenciar que, caso seja divulgado, redunde em vergonha para ti.

Bisbilhotice

Não sejas curioso a respeito de coisas alheias. Caso aconteça de ver ou de ouvir qualquer indiscrição, tenta ignorar o que conheces.

É de pouca civilidade ler com o canto do olho uma carta que não te foi endereçada. Se por descuido alguém abrir seu escrínio na tua presença, então retira-te um pouco. Não é de boa educação olhar para ver o que está lá dentro. Pior ainda é tocar em qualquer coisa.

Igualmente, ao notares que algumas pessoas principiam um colóquio

muito confidencial entre elas, distancia-te, discretamente, para não te intrometer na conversa, sem ser convidado.

Capítulo VI

Os esportes

Na prática do esporte mostra vivacidade, mas não aquela garra que provoca brigas. Estejas distante tanto da fraude como da mentira. É dos pequenos desentendimentos que a gente se predispõe para as injúrias mais graves. É muito mais nobre deixar-se vencer numa disputa que levantar a palma da vitória.

Nunca deves reclamar do árbitro.

Se, na disputa, teus competidores são menos hábeis e tu estás em condição certa de vencer sempre, então saibas também permitir a tua derrota de modo a tornar o jogo mais divertido.

Se tiveres colegas de classe inferior, então ignora tua superioridade.

Deve-se praticar o esporte por prazer do espírito e nunca pelo intento de lucro.

Dizem que a índole da criança se faz transparecer por ocasião dos esportes. Com efeito, se alguém está propenso ao ludíbrio, à falsidade, às rixas, à ira, à violência, à arrogância, então será justamente na competição esportiva que a natureza desnuda seus pontos fracos.

Em suma, criança educada comporta-se no esporte com a mesma postura que demonstra, quando está à mesa.

Capítulo VII

No leito

Quando te recolher ao cubículo, reconcilia o silêncio com a modéstia. Sem dúvida que barulho e tagarelice são muito mais detestáveis nas horas de estar recolhido ao leito.

Quer ao te despir, quer ao te levantar do leito, lembra-te de manter o pudor. Cuida para não descobrires ante os olhos dos outros aquelas partes do corpo que a natureza e a decência querem veladas.

Se tiveres que dividir o leito com alguém, cuida de ficar quieto, sem girar o corpo ou descobrir-te. Evita ser molesto ao companheiro, subtraindo-lhe as cobertas.

Antes de reclinar a cabeça no travesseiro, faze o sinal da cruz sobre a fronte e o peito, recomendando-te ao Cristo com breve oração. Faze o mesmo pela manhã, antes de te levantares, inaugurando o dia com uma breve prece. Na verdade, nada de mais auspicioso para principiar a jornada.

Depois de aliviar o intestino, nada deves fazer antes de ter lavado a face e as mãos bem como enxaguar a boca.

Em suma, aos que tiveram a ventura de ser nobres pelo nascimento seria vergonhoso se também não correspondessem com hábitos adequados a sua categoria.

Mesmos aqueles que a natureza destinou que fossem plebeus, humildes de nascimento e até rústicos, todos aqueles deveriam compensar com o brilho dos hábitos as deficiências da sua categoria social. Ninguém pode escolher os próprios pais ou a própria pátria, mas cada qual pode plasmar a sua personalidade pela educação.[12]

(12) Outro pensamento magistral de Erasmo que dignifica a arte e a filosofia da educação.(NT)

À guisa de Colofones[13] acrescento, aqui, um breve preceito que, a bem dizer, deveria ser um princípio geral.

O máximo da civilidade se expressa no fato que, mesmo quando alguém seja de todo irrepreensível, deve saber perdoar de bom grado a quantos erram nesta matéria. Em conseqüência, há de mostrar-se não menos simpático para com aquele companheiro de comportamento grosseiro. Indivíduos há que compensam, com outras qualidades boas, a rudeza de certos costumes. Ademais, as regras que temos ensinado não são lá de tão estrita necessidade que sem elas alguém deixaria de ser educado. Em todo caso, se o companheiro tropeçar nessas regras por inadvertência, seja cortesmente advertido, posto que valha a pena, mas em separado e com brandura.

Conclusão

Se de alguma utilidade for o presente opúsculo, ó filho caríssimo, almejo seja o mesmo oferecido, por teu intermédio, a todas as crianças de tua idade. Com essa tua liberalidade granjearás a amizade dos colegas e, no mesmo gesto, estarás recomendando-lhes os estudos das artes liberais e dos bons costumes.

Que a benignidade de Jesus te conserve nas boas disposições de ânimo, acrescendo-as sempre mais.

Erasmo

(13) Em latim, "Colophonis Vice". O general grego Colofones era o responsável pelas topas de reserva. Ele só entrava em ação no momento decisivo da batalha a fim de consolidar a vitória. Diz a história que, na hora apurada, os outros comandantes gritavam: "É a vez de Colofones!". Aliás, expressão igual era empregada por Napoleão quando ordenava: "Allons! Faites donner la garde!". Daí a locução "agere Collophonem" que tomou o sentido de "para pôr fim, encerrar o assunto". (NT)

Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal

1 – **Assim Falava Zaratustra** – *F. Nietzsche*

2 – **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado** – *F. Engels*

3 – **Elogio da Loucura** – *Erasmo de Rotterdam*

4 – **A República (parte I)** – *Platão*

5 – **A República (parte II)** – *Platão*

6 – **As Paixões da Alma** – *R. Descartes*

7 – **A Origem da Desigualdade entre os Homens** – *J.-J. Rousseau*

8 – **A Arte da Guerra** – *Maquiavel*

9 – **Utopia** – *Thomas More*

10 – **Discurso do Método** – *R. Descartes*

11 – **Monarquia** – *Dante Alighieri*

12 – **O Príncipe** – *Maquiavel*

13 – **O Contrato Social** – *J.-J. Rousseau*

14 – **Banquete** – *Dante Alighieri*

15 – **A Religião nos Limites da Simples Razão** – *I. Kant*

16 – **A Política** – *Aristóteles*

17 – **Cândido ou o Otimismo – O Ingênuo** – *Voltaire*

18 – **Reorganizar a Sociedade** – *Augusto Comte*

19 – **A Perfeita Mulher Casada** – *Luis de León*

20 – **A Genealogia da Moral** – *Nietzsche*

21 – **Reflexões sobre a Vaidade dos Homens** – *Mathias Aires*

22 – **De Pueris – A Civilidade Pueril** – *Erasmo de Rotterdam*

Próximos Lançamentos

23 – **Caracteres** – *La Bruyère*

24 – **Tratado sobre a Tolerância** – *Voltaire*

25 – **Investigação Sobre o Entendimento Humano** – *David Hume*

Erasmo

De Pueris (Dos Meninos)

A Civilidade Pueril

Erasmo de Rotterdam, depois de vivenciada a dolorosa vida de aluno na escola dos frades franciscanos, onde reinava a velha pedagogia dos castigos físicos e da pura memorização de textos de cunho religioso e pietista, decide abrir novos horizontes para a ciência e arte da educação. Além do opúsculo sobre as boas maneiras (*A Civilidade Pueril*), ele elabora um texto menos acalentado, onde o educador descortina o fundamento de tudo que vai orientar a vida em desenvolvimento do menino e do adolescente. Eis o significado pedagógico deste livro *De Pueris*, literalmente, *Sobre os Meninos ou Dos Meninos*.

Todo o processo educativo, segundo Erasmo, está pautado pelo alinhamento cultural da época, a saber, o humanismo. Após tantos séculos em que era destacada apenas a dimensão teológica e religiosa do homem, agora, os pensadores de proa buscam fundamentar o valor do homem em sua própria estrutura existencial. O homem, enfim, vale por si e em si.




ISBN 85-7556-687-3